

O BRASIL AGRÍCOLA

FEVEREIRO/2011 - Nº 746 - ANO 67 - R\$ 11,90 - www.agranja.com

agranja

desde
1945

Fé no milho

Melhora no mercado estimula
os produtores para o plantio
da segunda safra



Produtor Vicente Carvello Montans,
de Cornélio Procópio/PR, vai plantar
80% da área de inverno com o cereal

"Eles estão por toda parte."

OS NEMATÓIDES ESTÃO ENTRE NÓS.

A Syngenta revela o problema e já traz a solução completa.

Não é ficção; como os nematoides são microscópicos e atacam as raízes, não são identificados facilmente, mas fazem um grande estrago na plantação. Sugam os nutrientes da planta, favorecendo o ataque de doenças e diminuindo a produtividade. A Syngenta traz **Avicta Completo**, o primeiro tratamento profissional de sementes que contém em um só produto o nematicida **Avicta** (Abamectina), o mais eficiente do mercado, o inseticida **Cruiser** e o fungicida **Maxim XL**.

Para mais informações, acesse www.avictacompleto.com.br.



 **Avicta[®] Completo**

syngenta.

Restrição de uso no Estado do Paraná. Consulte a bula do produto.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.avictacompleto.com.br

© Syngenta, 2011.

18 REPORTAGEM DE CAPA

O milho da safrinha que vem aí promete muito



28 IMPOSTO DE RENDA
O Leão não perdoa jamais

36 ARROZ
Colheitadeira afinada rende mais e perde menos

32 SUSTENTABILIDADE
O campo tem que se adaptar – e usufruir

40 LEGISLAÇÃO TRABALHISTA
O campo pena com as leis urbanas



Escolha do Leitor

35 SHOW RURAL COOPAVEL
A feira que movimentou o início do ano



42 GEORREFERENCIAMENTO
Para que serve?

44 MECANIZAÇÃO
Manutenção: não vá a lavoura sem ela

SEÇÕES

6 O SEGREDO DE QUEM FAZ
Eduardo Corrêa Riedel, presidente da Federação da Agricultura do Mato Grosso do Sul (Famasul)

- | | |
|---------------------------------|--|
| 10 Vitrine | 60 Agribusiness |
| 12 Primeira Mão | 64 Flash |
| 14 Aqui Está a Solução | 66 Biodiesel |
| 16 Cartas, Fax, E-mails | 68 Novidades no Mercado |
| 17 Na Hora H | 70 Escolha seu Trator e sua Colheitadeira |
| 54 Agricultura Familiar | 76 Agroguia |
| 56 Notícias da Argentina | 82 Eduardo Almeida Reis |
| 57 Plantio Direto | |

Fitossanidade em destaque



47 ALGODÃO
A broca-da-raiz exige respeito

50 AMENDOIM
Lagarta-do-pescoço-vermelho: nunca se descuide dela

52 GENTE EM AÇÃO

A linhagem nobre da Montana, que faz de você o rei da produtividade.



Escolha Montana. Para o seu lucro reinar absoluto.

Se tem uma coisa que ninguém discute é a qualidade da Linha Parruda. Líderes em produtividade, máquinas que reinam absolutas em tecnologia, robustez, precisão e, principalmente, perfeita adequação às características da agricultura brasileira.

Leve essa família para valorizar a sua propriedade. A Parruda, Parrudinha e a Boxer estão cada vez melhores, porque a evolução permanente corre nas veias dessa linhagem nobre.



MONTANA
AGRICULTURE

Com a Montana você só tem a ganhar. Procure a revenda mais próxima.

www.montana.ind.br

O HORIZONTE DA MATO GROSSO

Leandro Mariani Mittmann
leandro@agranja.com

A agricultura do Mato Grosso do Sul começou o ano embalada pelo otimismo em razão do clima favorável e das boas cotações dos grãos. E as atividades que acabaram de “chegar” – cana e florestas plantadas – cresceram rapidamente e prometem muito para o curto prazo. No entanto, a corriqueira insegurança jurídica tem tirado o sono de muitos produtores, aqueles que possuem terras – legalizadas, registre-se –

ameaçadas de expropriação (sem indenização) pela Funai para assentar populações indígenas. As perspectivas e os problemas da agricultura sul-matogrossense são passadas a limpo nesta entrevista pelo jovem presidente da Federação da Agricultura do Mato Grosso do Sul (Famasul), **Eduardo Corrêa Riedel**, 41 anos, carioca de nascimento e de formação acadêmica em Biologia, com MBA em Gestão Empresarial e mestrado em Zootecnia.



Rosane Amadori

AGRICULTURA DO MATO GROSSO DO SUL

A Granja — Quais são as perspectivas dos produtores sul-matogrossenses para a safra 2010/2011?

Eduardo Riedel — O Mato Grosso do Sul está com 1,730 milhão de hectares de soja plantados. O estado está numa zona de transição climática. O norte é muito mais semelhante ao clima do Mato Grosso, e o sul é mais ligado ao Paraná, onde estão mais de 60% das áreas agrícolas. A expectativa é positiva, porque as chuvas irregulares não chegaram a comprometer as lavouras no geral. Uma ou outra área sentiu o veranico em dezembro. Mas no geral as lavouras estão boas e a produtividade deve ser positiva. É lógico que temos aí este fim de mês de janeiro e de fevereiro para confirmar as boas produtividades. Quanto aos preços — em que pese o câmbio estar numa situação desfavorável para todos os produtos de exportação, os preços em Chicago e no mundo inteiro estão muito positivos. Então a expectativa é positiva no balanço geral para soja. O estado vai plantar uma área bastante expressiva de safrinha de milho, pois plantamos aproximadamente 50% deste 1,730 milhão de hectares de safrinha, em torno de 850 mil hectares. E a expectativa para o preço de milho é boa.

A Granja — O câmbio desfavorável é hoje uma das maiores reclamações do campo. Isso tem solução? Ou a moeda é uma decisão macroeconômica, que independe de reivindicações?

Riedel — Exatamente isso. É uma equação muito difícil. Na macroeconomia, quando você mexe em qualquer pecinha, você afeta outras. Talvez estejamos sendo vítimas do nosso próprio sucesso. Sentimos que há uma preocupação do Poder Público Federal, mas é uma equação difícil de mexer. Dependendo da maneira como esta interferência é feita, podem ser afetados outros parâmetros macroeconômicos que vão atingir também a economia de uma outra maneira. Não é só a agricultura, todo o setor industrial que é exportador tem sofrido bastante com isso. Veja a grande alavanca-

gem da importação de produtos. A balança comercial diminui seu balanço de pagamentos em função do câmbio, houve um saldo positivo, mas, em contrapartida, a entrada de recursos é muito grande e acaba forçando ainda mais o câmbio. Se chegar a um momento crítico — e esta discussão é preciso ter permanentemente com o Governo — teremos que encontrar caminhos que não afetem toda a economia. Para que se chegue a uma situação de câmbio não tão prejudicial a alguns setores. A equipe econômica tem que estar bastante atenta para não poder deixar numa situação de perda de renda expressiva. Afinal, já vivemos isso no passado. Boa parte da crise da agricultura que se instalou a partir de 2005 tem na sua origem a questão cambial. A perda de valor de R\$ 3 para R\$ 2,80... você compra o insumo com um câmbio e vende a produção com outro, isso durante três, quatro anos consecutivos, comeu a renda e a margem do produtor. Pagamos muito caro por isso. Até hoje há prorrogações (*de dívidas*) do produtor em função disso — aliado a problemas climáticos e tudo mais.

A Granja — E como está a questão dos custos de produção no Mato Grosso do Sul? Principalmente comparados a última e antepenúltima safras? Estão dentro de uma margem que permita ao produtor ter lucro?

Riedel — Estão. Tivemos uma adequação dos preços, principalmente de fertilizantes, que no ano passado e atrasado chegaram a valores exorbitantes e comeram boa parte da margem do produtor. Mas houve uma adequação do ano passado para cá e estabilizou-se em níveis anteriores. Não chegou aos níveis lá de trás, mas equiparou-se aos valores anteriores. Os produtos cotados em dólar estão seguindo esta lógica do câmbio. O que preocupa é o custo-país. Não só o custo-Brasil falando-se de infra-estrutura, de logística, de mão de obra, todos estes agregados, mas o custo em real. A nossa moeda está extremamente valorizada, e estes custos são cres-

centes e estão pesando razoavelmente na composição de custo da atividade. O custo do combustível cresceu bastante, e nós temos usado cada vez mais este insumo, trabalho, impostos... Todos os custos em reais têm crescido bastante e pesado na composição dos custos.

A Granja — Seriam esses os principais problemas enfrentados pelos produtores sul-matogrossenses?

Riedel — As nossas questões aqui no estado são mais estruturantes. E eu chamaria a atenção para três questões específicas. Uma que é bem estruturante de país, que é a infra-estrutura e logística. Temos um problema de armazenagem aqui no estado, um custo extremamente alto de frete. Também pela conjuntura de ‘trás para frente’, lá do porto até chegar aqui na fazenda do produtor, de estradas, caminhão, a dificuldade de competitividade em transportes. Outras duas grandes questões além dessa são fundiárias. A indígena é extremamente séria aqui no estado. Temos discutido muito isso para poder minimizar a insegurança jurídica que se instala junto à iniciativa privada. Outra é a ambiental, que está em discussão no Congresso. A adequação à legislação vigente é um problema no nosso estado e isso gera também insegurança jurídica.

A Granja — Qual é especificamente o problema indígena?

Riedel — A população é de cerca de 45 mil índios. No sul do estado há algumas áreas demarcadas em que estas comunidades vivem. A Funai e o Ministério Público Federal fizeram um Termo de Ajustamento de Conduta entre eles, e trabalham uma ampliação destas áreas indígenas. O Ministério Público Federal exige isso da Funai desde 2008. E a Funai vem exercendo do ponto de vista administrativo fazendo estudos antropológicos unilaterais com o objetivo de expandir estas aldeias e comunidades em área. O problema é que expande em cima de área privada, legalizada. O estado do Mato Grosso do Sul tem uma estru-

Tivemos uma adequação dos custos, principalmente de fertilizantes, que no ano passado e retrasado chegaram a valores exorbitantes e comeram boa parte da margem do produtor

tura fundiária extremamente legalizada. Aqui não tem posse, grileiro, terra devoluta... Temos uma estrutura fundiária muito bem adequada. O sul do estado é muito semelhante ao Paraná, talvez com uma média de propriedade maior um pouco, mas legalizada. O estado foi ocupado há mais de 100 anos. A ampliação das áreas tem sido pretendida pela Funai e levada adiante pelo ponto de vista administrativo. Há o estudo antropológico que é enviado ao Ministério da Justiça, é chancelado pelo Executivo Federal e inicia-se um processo de expropriação, porque terra indígena não tem indenização, a não ser da benfeitoria. Isso tem gerado uma discussão muito séria no estado. A Famasul e alguns sindicatos e municípios têm uma série de ações judiciais no Supremo Tribunal Federal discutindo isso contra a Funai e contra o Governo Federal para poder minimizar esta intenção de ampliação que abrange 26 municípios. Ninguém sabe ao certo a dimensão que isso pode tomar. Porque estudos feitos abrangem 12 milhões de hectares nestes 26 municípios, na área mais produtiva do estado. A que gera 60% a 65% de toda a soja produzida no estado, que sedia a concentração das usinas de açúcar e álcool. Há empreendimento que recuou, há investidor que voltou atrás, porque não se sabe onde vai dar esta discussão. Este é o problema mais sério que nós temos.

A Granja — Qual é a realidade e as perspectivas do agronegócio sul-matrossense quanto às exportações?

Riedel — Temos dois grandes vetores mais recentes. Um é o setor sucro-alcóoleiro, que exporta açúcar, enquanto o etanol é mais para consumo interno. O crescimento nos últimos dois anos é impressionante de área plantada e de novos empreendimentos, e deve se consolidar em 2014, 2015, atingindo algo em torno de, talvez, 1 milhão

de hectares de cana. E floresta plantada da indústria de papel e celulose. Há um empreendimento já consolidado e operando, a Fibria, que possui um volume muito grande de exportação de celulose, e agora com a International Paper vai produzir aqui papel. E a Eldorado, do Grupo JBS-Friboi, que está levantando uma unidade de processamento de celulose. Tanto uma como a outra com os projetos de expansão já previstos e determinados para 2012, 2013, 2014. Hoje o estado tem perto de 400 mil hectares de florestas plantadas. E a expectativa é que a consolidação destes dois empreendimentos, a expansão e novos que estão chegando gerem até 2020 algo em torno de 1 milhão de hectares de floresta plantada. Então, são dois setores que impulsionam bastante as exportações. E tem a pecuária de corte, que é tradicional e também não perdeu a sua força econômica na exportação. Os principais grupos exportadores estão aqui: JBS-Friboi, Marfrig, Minerva e outros que atuam muito forte na exportação. E a agricultura, gerando soja e milho, que tem o seu mercado interno e exportação naturalmente.

A Granja — Cana e floresta são realidades recentes no Mato Grosso do Sul.

Riedel — Bastante recentes. Para se ter uma ideia, Mato Grosso do Sul tinha 11 usinas, todas de pequeno a médio porte, até 2005, 2006. Desse período para a frente houve não só um incentivo, mas a chegada de novos atores nesta cadeia, e hoje são 23 unidades e algumas outras em implantação e em projeto. Então, deverá chegar a 30 unidades num espaço de tempo bastante curto. E floresta não é diferente. A Fibria começou a operar no ano passado. Desde 2008 a empresa vem com este projeto, e desde 2007 o plantio de eucaliptos começou a crescer. E a Famasul e a Secretaria de Produção têm acompanhado muito de perto e procurado também fazer com que o crescimento destes setores traga para os produtores, que são os nossos 'clientes', algum ganho de renda e oportunidade interessante.

A Granja — O que o senhor espera do Governo Dilma para a agricultura?

Riedel — A agenda da agricultura nacional e para o Governo Federal tem uma intersecção junto ao setor privado, que é uma reforma tributária importante para todos os setores produtivos. E um investimento maciço na competitividade do país, principalmente em infra-estrutura e logística. Não podemos mais conviver com falta de estradas e de outros modais, com os custos to-

dos da operação do transporte de commodity. Esta é a uma agenda que queremos ver acontecer, não só no PAC (*Plano de Aceleração do Crescimento*) da mídia, mas no efetivo, no dia a dia. Acho que a agenda que tem que se consolidar é a de estabilidade de renda ao produtor. Quando falamos de estabilidade soa um pouco como paternalismo, mas não é nesta linha. São instrumentos e mecanismos que minimizem as oscilações de ciclo de perda. Este é o grande investimento que a política agrícola pode fazer para o país. E eu cito o seguro rural talvez como o instrumento que mais consiga se adequar à geração desse tipo de resultado, porque não temos controle sobre o clima. Preço, apesar de não ter controle, se tem um volume de instrumentos de comercialização que podem ser aplicados. Agora, clima não se tem esta condição. E o produtor deve fazer o dever de casa dele em relação à oportunidade de mercado. Tem que estar atento e negociar bem a sua safra, tanto comprando e principalmente vendendo o seu produto. Mas a principal instrumentalização que o Governo enquanto tomador de política pública pode gerar ao produtor é o seguro da produção. Tendo garantido o mínimo de produção e com os instrumentos de comercialização bem realizados, o Governo pode minimizar as oscilações de perda de renda que infelizmente excluem muitos dos nossos produtores, principalmente da classe média. A consolidação desta política talvez seja a de maior importância do Governo Dilma, o maior desafio para os governos atuarem nestes quatro anos. E a agenda de acesso ao crédito, não só o volume de crédito, e a agenda de sanidade são extremamente importantes. Na nossa condição de maiores exportadores de uma série de produtos agropecuários, temos que ter estratégias muito bem definidas na área de sanidade para respaldar o valor dos produtos e o acesso aos mercados, para garantir rentabilidade a toda a cadeia. ☒

Há o estudo antropológico que é enviado ao Ministério da Justiça, é chancelado pelo Executivo Federal e inicia-se um processo de expropriação, porque terra indígena não tem indenização

Opera[®]

Fungicida
com benefícios AgCelence

QUANTO VALE O SEU FUTURO?

Opera[®]. Uma história real
de sucesso na qual você vai ajudar
a escrever o próximo capítulo.



ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por maiores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.



0800 0192 500

www.opera.basf.com.br

Você sempre trabalha para a sua lavoura render mais. E a BASF está sempre ao seu lado, investindo em novas tecnologias, pesquisas e inovações. Um exemplo disso é o Opera[®], um produto que sempre ofereceu segurança para você plantar, confiança para colher e a certeza de um futuro melhor. Venha viver essa história. Escolha a família Opera[®].

**Opera[®] e você. Safra após safra,
uma história real de sucesso.**

BASF

The Chemical Company

Produto com restrição de uso no Estado do Paraná para os seguintes alvos e culturas: *Mycosphaerella musicola* na banana, *Puccinia polysora* no milho, *Rhizoctonia solani* e *Colletotrichum truncatum* na soja, *Pyricularia grisea* e *Septoria tritici* no trigo.



Fundador
Hugo Hoffmann

**MATRIZ**

Av. Getúlio Vargas, 1.526 – Menino Deus
CEP 90150-004 – Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
E-mail: mail@agranja.com
Homepage: www.agranja.com

SUCURSAL SÃO PAULO

Praça da República, 473 – 10º andar
CEP 01045-001 – São Paulo/SP
Fone/Fax: (11) 3331-0488/(11) 3331-0686
E-mail: mailsp@agranja.com
Homepage: www.agranja.com

DIREÇÃO-EXECUTIVA

Eduardo Hoffmann
Gustavo Hoffmann

REDAÇÃO

Editor
Leandro Mariani Mittmann
Reportagem
Denise Saueressig
Editoração
Jair Marmet e Gustavo Meneghetti
Foto de Capa
Gerson Sobreira/Terrastock
Revisão
Eduardo Elisalde Toledo
Estagiário
Flávia Drago

ASSINATURAS

Gerente de Operações
Amália Severino Bueno
Gerente de RH
Fabrício dos Santos
Circulação
Jaderson Alberto Domingues Soares

COMERCIALIZAÇÃO

São Paulo – José Geraldo Silvani Caetano (gerente) e Juliana Camargos
Porto Alegre – Maria Cristina Centeno (gerente RS/SC)
Agroguia – Kátia Torres

REPRESENTANTES

Minas Gerais – José Maria Neves
Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222
Conj. 105 – Luxemburgo – CEP 30380-530
Belo Horizonte/MG – Fone/Fax: (31) 3297-8194 – Fone: (31) 3344-9100
Celular: (31) 9993-0066
E-mail: josemarianeves@uol.com.br
Brasília – Armazém de Comunicação, Publicidade e Representações Ltda.
SCS – Quadra 1 – Bloco K – Ed. Denasa
13º andar – Sala 1.301 – CEP 70398-900
Brasília/DF – Fone/Fax: (61) 3321-3440
Celular: (61) 9618-1134
E-mail: armazem@armazemdecomunicacao.com.br

Convênio Editorial: Chacra (Argentina)

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus, registrada no DCDP sob nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição:
Av. Getúlio Vargas, 1.526 – Menino Deus
CEP 90150-004 – Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
Exemplar atrasado: R\$ 13,00

ESTE BELO DOURADO SERÁ A COR DA SAFRINHA?



Almir Trevisan - Imprensa C. Vale

A safra 2010/2011 em pleno andamento promete muito para quase todos os cultivos. Inclusive para o milho, a cultura campeã em sobe e desce de preços – e multicampeã em desapontar o produtor. Em um ano, a cotação do commodity aumentou quase 70%. Algumas quebras de safra em lavouras de outros países e a demanda interna aquecida e promissora justificam os atuais ótimos preços. Esta é a realidade de hoje, todos enxergam, mas e a safrinha que vem aí? O fenômeno climático La Niña e a cotação do cereal lá no segundo semestre vão manter o produtor paranaense Vicente Carvello Montans com aquele visível semblante satisfeito que ilustra a nossa capa? É o que procuramos responder na reportagem de capa.

Respostas, estas específicas para a agricultura do Mato Grosso do Sul, é o que apresenta Eduardo Riedel, o jovem presidente da Federação da Agricultura do MS, o entrevistado em O Segredo de Quem Faz. Mas inquisição mesmo quem faz, e não aceita qualquer resposta, é o implacável Leão do Imposto de Renda. Por isso, publicamos artigo esclarecedor sobre o assunto. Já vai uma dica: antecipe a declaração.

A edição tem muito mais, claro! Sobretudo, uma estreia. Uma verdadeira lenda da agricultura brasileira substitui Roberto Rodrigues – outra lenda – na seção Na Hora H. O ativo “Dr. Roberto” como é conhecido, decidiu dar-se mais tempo a si mesmo a partir de 2011, e a missão de “elucidar” o momento agricultura brasileira em apenas uma página caberá agora, para nossa satisfação e honra – e para sua sorte – a Alysson Papolinelli. Ao editar o seu texto de estreia, um problema: como resumir o currículo deste mineiro de Bambuí, pai de cinco filhos e avô de 12 netos? Ex-ministro da Agricultura, ex-presidente da CNA, ex-secretário da agricultura de MG, ex-deputado federal e muito mais – mas muito mais mesmo. Sejam cargos, prêmios, homenagens, realizações. Visto o que ele já fez na – e pela – agricultura brasileira, o nível da seção Na Hora H seguirá intacto. Obrigado “Dr. Roberto”; bom trabalho “Dr. Alysson”.

Bem, desfrute de toda a nossa edição, e não deixe de ler a primeira crônica dele, lá na página 17.

Boa leitura! Boa safra! Boa safrinha!

Para assinar: (51) 3232-2288



QUANDO O AGRONEGÓCIO
OLHA PARA O FUTURO,
O PRODUTOR EVOLUI
NO CAMPO.

EVOLUÇÃO É NOSSA MARCA.

A Kepler Weber evolui para ser referência a quem mais acredita no agronegócio: o produtor. Visite-nos no Show Rural Coopavel e conheça as soluções em armazenagem da marca que está sempre pensando no futuro.

SHOW RURAL COOPAVEL.

De 07 a 11 de fevereiro. Stand da Kepler Weber - Rua 1, Lote 1.17

KEPLERWEBER®

Calendário dos solos

A Embrapa Solos, sediada no Rio de Janeiro, elaborou o calendário de parede Solos do Brasil 2011. A iniciativa inédita nasceu em 2010, quando o centro de pesquisa iniciou a organização do seu vasto arquivo de fotos – mais de 30 anos de história do estudo do solo – com a intenção de organizar um banco de imagens. O calendário colorido tem 15 páginas e formato grande (29 X 42 centímetros). Cada mês representa um tipo de solo do país (argissolos, cambissolos, chernossolos etc.) com fotos e texto que apresenta suas principais características.



Predominância sem polêmica

Três em cada quatro hectares cultivados com soja no Brasil nesta safra é de grãos geneticamente modificados. No milho, previsão é que os híbridos transgênicos ocupem 57,2% da área total (safra + safrinha). E 7,8% da área do algodão também já é modificada. Os dados são do 2º Acompanhamento da Adoção de Biotecnologia Agrícola no Brasil, elaborado pela consultoria Céleres.

Orgânicos regularizados

O Ministério da Agricultura cadastrou até 31 de dezembro os produtores orgânicos e concluiu que eles são oficialmente 5 mil. “São cinco mil projetos de produtos adequados à norma, número que deve crescer com a adoção do sistema oficial de cadastro”, explica o chefe da Divisão de Controle de Qualidade Orgânica, Roberto Mattar. Os que ainda não se cadastraram no sistema devem se adequar às novas regras e vincular-se a alguma entidade certificadora. Já aqueles que fazem venda direta devem se cadastrar no site do ministério.

“Tudo indica que a sojicultura viverá grandes momentos em 2011”

A projeção otimista é do presidente da Associação dos Produtores de Soja e Milho do Mato Grosso (Aprosoja), Glauber Silveira. Ele se baseia na valorização da commodity no mercado internacional e as consequentes boas cotações internas. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) prevê o que o Brasil ampliará a sua participação nas exportações globais de 30% para 32%.

Produção ou fome!

A produção mundial de alimentos precisa ser aumentada em 40% nas próximas duas décadas para evitar o aumento da fome. É o que indica o estudo britânico Foresight Report on Food and Farming Futures, que envolveu 400 especialistas de 35 países. Em 20 anos, o planeta terá 8,3 bilhões de habitantes, 1,3 bilhão a mais do que hoje – ou quase sete brasis a mais. Para dar comida a tanta gente, os cientistas recomendam jamais descartar o uso de tecnologias de produção agrícola como modificações genéticas, clonagem e nanotecnologia.

APRESSADINHA

Em duas safras, o produtor do Cerrado poderá semear duas variedades de soja superprecoce (uma RR), de ciclo de 90 a 100 dias, ou aproximadamente 30% mais “rápida” que as atuais. A cultivar foi desenvolvida pela Embrapa Cerrados e Embrapa Soja. Assim, será possível semear mais uma cultura na mesma lavoura no mesmo ciclo agrícola. E o encurtamento do ciclo propiciará um dribble em pragas e fungos, já que a planta ficará menos tempo exposta na lavoura.



Negócios com a China

E a China foi, pelo terceiro ano consecutivo, o principal destino das cargas de produtos agrícolas verde-amarelos. Os chineses adquiriram 14,4% das exportações agrícolas, 23,4% a mais do que no ano anterior. Na sequência, Holanda (Porto de Roterdã) e os Estados Unidos, com fatia de 7,1% cada.

85 BILHÕES

de dólares é a estimativa das exportações do agronegócio brasileiro em 2011. A previsão é do ministro da Agricultura, Wagner Rossi, e representaria 10% a mais do recorde de US\$ 76,4 bilhões do ano passado, quando o superávit foi de US\$ 63 bilhões – mais do que três vezes o superávit do comércio global do país (de US\$ 20 bilhões). E um boom em relação a 2000, quando o agronegócio exportou US\$ 20,7 bilhões.

Âncora verdíssima

Pelo 10º ano consecutivo, o agronegócio deu a sustentação ao superávit da balança comercial brasileira. Desde 2001, ano em que o saldo da balança voltou a ficar positivo, os embarques do setor agrícola vêm crescendo e desta forma compensando os déficits dos demais segmentos da economia. Nesses últimos dez anos, apenas em dois (2005 e 2006) o superávit do agro foi menor do que o superávit total do país. Mas mesmo nesses dois anos, o setor foi responsável por 85,7% e 92,1% do saldo da balança comercial.

Fotos: Divulgação

FRETE MAIS PESADO

A Associação das Transportadoras de Cargas de Mato Grosso prevê reajuste de no mínimo 10% no preço do frete a partir deste mês, quando inicia o escoamento da safra. O reajuste ocorre para equilibrar o preço do diesel. Mesmo assim, argumenta o diretor de Logística da associação, Maurício Galvão, o frete não acompanha o incremento do preço do combustível. “Nos últimos cinco anos, o diesel aumentou mais de 500% e o reajuste das transportadoras não corresponde a isso”, atesta. Outros itens que compõem o frete são manutenção, valor do caminhão e salário dos motoristas.

Cotações doces

O setor sucroalcooleiro do Centro-Sul deve contabilizar na safra 2010/11 receita recorde de R\$ 50 bilhões, 25% mais dos R\$ 40 bilhões da safra anterior. Segundo a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), em relação à safra 2008/09, então vitimada pela crise financeira mundial, a receita aumentou 51%. Grande parte dos ganhos é consequência do excelente desempenho dos preços do açúcar, pois as cotações terminaram a safra em seu maior nível em mais de 30 anos.

CLASSE MÉDIA RURAL

No primeiro encontro entre dirigentes do Banco do Brasil, principal financiador do agronegócio, e o ministro da Agricultura, Wagner Rossi, no Governo Dilma se discutiu o próximo Plano Safra. “Queremos ampliar os mecanismos de proteção ao produtor, o seguro rural e a oferta de contratos de opções de preços”, listou o vice-presidente de agronegócio do banco, Luís Carlos Guedes. A intenção é ampliar os recursos para a classe média rural e para a chamada Agricultura de Baixo Carbono (ABC). Na atual safra, foram destinados R\$ 2 bilhões para a categoria ABC e R\$ 5,65 bilhões para o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp).



AQUI ESTÁ A SOLUÇÃO



FRUTA SUSTENTÁVEL

Ouvi falar sobre o selo de fruta sustentável, mas gostaria de conhecer detalhes sobre esse tipo de certificação. Agradeço se vocês puderem me ajudar, porque acredito que a sustentabilidade deve ser uma prioridade em todas as culturas.

Valdir Mello Trentini

Brasília/DF

R- Prezado Valdir, o selo Fruta Sustentável foi criado em 2009 pelo Instituto Brasileiro de Frutas (Ibraf) em parceria com a Organização Internacional Agropecuária (OIA). O objetivo é instituir uma certificação para assegurar a qualidade diferenciada da produção do fruticultor que optar em cumprir com os parâmetros das Boas Práticas Agrícolas. Entre os prin-

cípios do projeto está o de garantir ao consumidor que a produção no campo respeite as normas de higiene, preservação do meio ambiente e condições de trabalho justas e seguras. A rastreabilidade também é garantida com este sistema, pois há um controle rígido sobre cada área da produção até o momento da embalagem da fruta. O selo foi elaborado levando em conta protocolos de qualidade, as expectativas do mercado consumidor e exigências legais e mercadológicas. Os benefícios para o produtor incluem a melhoria na gestão da propriedade, aumento da competitividade e acesso a canais diferenciados de comercialização. Para o consumidor, a principal vantagem está na segurança do alimento. Produtores de todo o Brasil podem aderir ao projeto e, entre as exigências, estão o uso responsável de fertilizantes e agrotóxicos, visando diminuir os riscos de contaminação química; os cuidados na colheita e pós-colheita, para diminuir os riscos de contaminação microbiana; a adoção de procedimentos que garantam a saúde, segurança e bem-estar dos trabalhadores e a adoção de procedimentos que evitem a contaminação do meio ambiente. Mais informações sobre a certificação e sobre como integrar o projeto podem ser encontradas no site www.ibraf.org.br.

HÚMUS LÍQUIDO

Gostaria de saber quais são as vantagens da utilização do húmus líquido e quais os cuidados que devem ser adotados no seu uso. Desde já, obrigado.

Carlos Giovanni Prates

Tibagi/PR

R- O húmus líquido é indicado especialmente para a adubação orgânica



Foto: Divulgação

em hortaliças. O fertilizante é composto principalmente por húmus de minhoca, e o seu diferencial é a adição de água em sua composição. Segundo o pesquisador da Embrapa Clima Temperado, Gustavo Schiedeck, a utilização de fertilizantes orgânicos alternativos com alto valor nutricional e biológico é uma das principais demandas dos horticultores que optam por uma produção de base ecológica. “Para cada 100 litros de húmus líquido, em concentração aproximada de 10% na relação entre sua massa e seu volume, é necessária a utilização de 20 quilos de húmus sólido adicionados à água preferencialmente sem cloro”, salienta Schiedeck. Preparada a mistura, o húmus líquido deve ser agitado durante dois ou três dias, pelo menos uma vez a cada 24 horas, para que os nutrientes possam ser liberados para a

água. Após este período, o fertilizante deve ser deixado em repouso para que as partículas sólidas que ainda possam estar presentes em sua constituição se dirijam ao fundo do recipiente. A próxima etapa do processo é a filtragem das partículas mais finas que ainda possam ser encontradas em suspensão. A filtragem pode ser realizada tanto com filtros de areia como com filtros de discos. Segundo o pesquisador, o húmus líquido pode ser aplicado em hortaliças via sistema de irrigação através de um equipamento que mistura o fertilizante à água que será destinada à irrigação das plantas. Schiedeck ressalta que nas hortas de morango da Embrapa Clima Temperado é utilizado 1 l/m² de húmus líquido a cada quinzena, sendo colhido, em média, 1 kg de frutas em áreas onde há a aplicação do fertilizante.

PRODUÇÃO DE BIODIESEL

Tenho interesse em saber como está a produção de biodiesel no Brasil. Estamos crescendo nesse mercado? Quais são as ações do governo nesse segmento? Grato pela atenção.

Bruno Rubens

Formosa do Rio Preto/BA

R- A produção nacional de biocombustível quadruplicou nos últimos três anos, passando de 400 milhões de litros em 2007 para 1,6 bilhão de litros em 2010, segundo dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). Para 2011, estão previstos 2,4 bilhões de litros. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) já concluiu o zoneamento de risco climático para sete oleaginosas utilizadas nessa produção: algodão, amendoim, canola, dendê, girassol, mamona e soja. Está programada ainda a divulgação do estudo sobre o gergelim. O zoneamento indica os melhores períodos e as regiões mais aptas para o plantio, prevenindo perdas por eventos climáticos. As instituições financeiras e o programa de subvenção ao seguro rural usam o estudo como base para concessão de crédito. O Mapa também investe em pesquisas de desenvolvimento de oleaginosas que permitirão um maior acúmulo de energia, resultando em maior eficiência por área plantada. Nessa linha, já estão em andamento estudos com pinhão manso e outros tipos de palmáceas. Em 2008, a mistura de biodiesel puro (B100) ao óleo diesel passou a ser obrigatória, conforme estabelecido pelo Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB), lançado em 2004. Entre janeiro e junho de 2008, a mistura de biodiesel puro ao óleo diesel foi de 2% (B2) e entre julho de 2008 e junho de 2009 chegou a 3% (B3). A partir de julho de 2009, o biodiesel passou a ser adicionado ao óleo diesel na proporção de 4% (B4) por volume. Desde o começo deste ano, vigora a mistura de 5% (B5).

O BRASIL AGRÍCOLA

a granja

À sua disposição

ASSINATURAS Call Center

Ligue grátis
0800-5410526
Grande Porto Alegre
Fone/Fax: (51) 3232-2288
Segunda a sexta, das 8h30 às 19h30
Sábado, das 9h às 14h

INTERNET www.agranja.com

Para edições atrasadas, edições anteriores, mudança de endereço, troca de forma de pagamento, ligue para os mesmos números acima.

NEWSLETTER

Cadastre-se e receba toda a semana: 0800.541.0526 ou no site: www.agranja.com

FALE COM A REDAÇÃO

Por e-mail:
mail@agranja.com

Fax:
(51) 3233-1822

Cartas:
Av. Getúlio Vargas, 1.526
Porto Alegre/RS
CEP 90150-004

As cartas devem conter assinatura, RG e telefone do autor. Por motivo de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas de forma reduzida. Só poderão ser publicadas na edição seguinte as cartas que chegarem até o dia 18.

PRESENTEIE UM AMIGO COM UMA ASSINATURA

Ligue grátis
0800.5410526

Grande Porto Alegre (51) 3232-2288
amalia@agranja.com
ou www.agranja.com

PARA ANUNCIAR LIGUE

(11) 3331-0488
mailsp@agranja.com
(51) 3233-1822
mail@agranja.com



PARCEIRAS DO AGRONEGÓCIO

Parabéns à revista **A Granja** e às 66 empresas selecionadas como “parceiras do agronegócio brasileiro” (*edição de janeiro*). Que bom ver de um lado as instituições públicas de desenvolvimento e pesquisa, como a Embrapa, Iapar e assim por diante trabalhando muito para desenvolver tecnologias e genética para o campo, e do outro, a iniciativa privada também investindo pesado, inclusive com capital internacional. São dois braços que se complementam. É por isso que a agricultura brasileira é uma das mais desenvolvidas do planeta.

Mauricio Strapasson

Cambé/PR

PARCEIRAS DO AGRONEGÓCIO II

O que mais eu gostei e mais me chamou a atenção do especial de aniversário da revista **A Granja** foi ler sobre o histórico das empresas. Quase todas nasceram do zero, do empreendedorismo de uma pessoa. Algumas até surgiram por fusões e aquisições, mas a maioria começou do primeiro prego ou parafuso. Daria uma história interessantíssima contar as histórias destas empresas pelo ângulo dos seus fundadores. E felizmente muitos ainda estão aí pra contar suas histórias.

Henrique Costacurta

Ijuí/RS



LOGÍSTICA PRECISA DE MAIS ATENÇÃO

Gostei do tom otimista do senhor Luiz Antonio Pagot (*O Segredo de Quem Faz, edição de dezembro*). Realmente, muita coisa está sendo feita. A questão é que a defasagem da nossa infra-estrutura é gigantesca. Acho que nas últimas décadas as autoridades não imaginaram que este país iria crescer tanto e tão rápido. Ou houve realmente desleixo por parte de quem vive em regiões melhor servidas de estradas. Nós que estamos aqui, nos confins do país, somos quem mais sentimos o asfalto esburacado – e quando se tem asfalto. Espero que as coisas realmente melhorem daqui para a frente.

Silmar Endres

Nova Mutum/MT

CELEIRO MATO GROSSO

É cada vez maior a importância do Mato Grosso para o agronegócio do Brasil. Li na edição de janeiro da **A Granja** que o estado já produz uma em cada cinco toneladas de grãos e fibras do país. Um absurdo! Como pode uma região que até poucas décadas era só Cerrado ser hoje tão produtiva!? Estão de parabéns todos os que trabalham na agricultura mato-grossense.

Victor Musfafa

Cuiabá/MT



Acesse www.agranja.com ou mail@agranja.com



ROBERTO RODRIGUES E A AGRICULTURA BRASILEIRA

Recebi, com muita honra o convite para assinar uma página da nossa revista **A Granja**. Procurei saber e logo fui informado que seria a página até agora assinada por nosso Roberto Rodrigues. Imediatamente liguei para ele no intuito de saber não só as razões da sua ausência, como também as orientações que me daria. Recebi o estímulo: “Vá em frente. Não deixe de atender à solicitação”. Para mim passou a ser uma ordem; vamos em frente. Surge-me a dúvida: como fazer para substituir o Roberto Rodrigues. O que devo falar e como? Missão impossível. Vem-me a luz, porque não falar sobre o próprio Roberto e o que ele representou, representa e representará para todos nós que estamos direta ou indiretamente ligados à agricultura brasileira.

Conheci o Roberto através de seu pai, o nosso tão querido Dr. Toninho como carinhosamente todos nós o chamávamos. Ele era o presidente da OCB quando eu fui convocado para o Ministério da Agricultura. Muito jovem e inexperiente, eu carecia de gente mais experiente e com maior sabedoria que pudesse me orientar, e na busca de solução para os problemas mais complicados, alguém que me ajudasse. Encontrei no Dr. Toninho um companheiro ideal. Muito me ajudou. Numa de nossas conversas ele me contou que tinha um filho formado em Agronomia em Piracicaba/SP. Fui logo dizendo: “Eu preciso dele e o mais rápido possível”. O Dr. Toninho sorriu e disse: “Ele fundou uma cooperativa dos produtores de cana da região de Ribeirão Preto/SP e está se dedicando a ela como seu presidente. Além disso, gosta muito e está estudando o cooperativismo a fundo.”

Só vim conhecer o Roberto Rodrigues de fato quando eu era deputado constituinte e presidente da CNA. O Roberto era presidente da OCB e logo nos aproximamos. Foi por sua sugestão que junto com o Flávio Teles de Menezes, presidente da Sociedade Rural Brasileira, criamos a Frente Ampla da Agricultura para enfrentar as lutas da Constituinte e tantas outras que o setor agrícola vinha enfrentando a época. Também foi dele a ideia de criar a Frente Parlamentar de Agricultura no Congresso Nacional. Procurei imediatamente ajudá-lo, pois entendia ser ali uma importante trincheira de luta que muito ajudaria a nossa agricultura.

Ali na Frente Ampla, junto com Flávio Teles de Menezes, tivemos longos quatro anos de convívio, trabalhos, lutas, guerras mesmo onde o nosso Roberto demonstrava a sua

capacidade de luta, competência, perseverança, idealismo e fé. Aprendemos muito com ele. Eram longas e intermináveis noites de trabalho cansativo onde só se pensavam em soluções e estratégias de abordagens de temas complicados onde além da razão teríamos de buscar o convencimento de que o Roberto era o nosso mestre. Tornamo-nos amigos e especialmente eu um admirador dele.

Como torci para que o Roberto fosse convocado para ser o nosso ministro da Agricultura. Certa vez cheguei a votar num candidato a Presidente da República em quem eu jamais votaria só porque ele como candidato fez do Roberto o seu principal assessor para o setor rural. Foi o Roberto que preparou o plano de Governo na área rural, elaborava os pronunciamentos e as reuniões para o setor. Pensei: desta vez vamos! Deixei de lado as minhas convicções e mandei o meu voto. Na realidade, eu votei foi no Roberto com a maior

Surge-me a dúvida: como fazer para substituir o Roberto Rodrigues?

esperança de que desta vez teríamos um ministro competente. Passou-se a eleição e o candidato ganha e eu esperando a boa notícia. Veio a decepção; o ministro seria outro, e que outro. Pelo que soube, o Roberto não recebeu sequer um muito obrigado. Que decepção!

O tempo passa e numa manhã eu estava chegando em meu escritório em Belo Horizonte/MG quando o celular toca. Era o Roberto: “Paolinelli, você está assentado”? “Disse sim, vou encostar o carro aqui”. “Tenho uma notícia para lhe dar e quis que você fosse um dos primeiros a saber. Acabo de ser convidado para ser o ministro da Agricultura do Lula. Eu nem votei nele e mesmo assim ele me convidou.” Vibrei! Se o Lula sabendo inclusive que o Roberto não havia votado nele ainda o convidou é porque ele sabia que estava escolhendo o melhor. Fiquei vibrando de alegria e pensando: se eu soubesse dessa, até teria votado no Lula, ou seja, no Roberto outra vez. Como não sabia e nem poderia imaginar, mais uma vez perdi o meu voto. Confesso que entrei em estado de graça imaginando que esta atitude do Lula que, conhecendo a competência, a capacidade de trabalho e a liderança do Roberto, ele estaria ten-

tando recompor o nosso Ministério da Agricultura, que havia sido destrocado por seus antecessores, dividindo-o em três. E, na realidade, o transformado no mais fraco dos três. O ministério que eu havia administrado já não existia mais, e enquanto a nossa agricultura se desenvolvia em nível de primeiro mundo, o ministério se acabava.

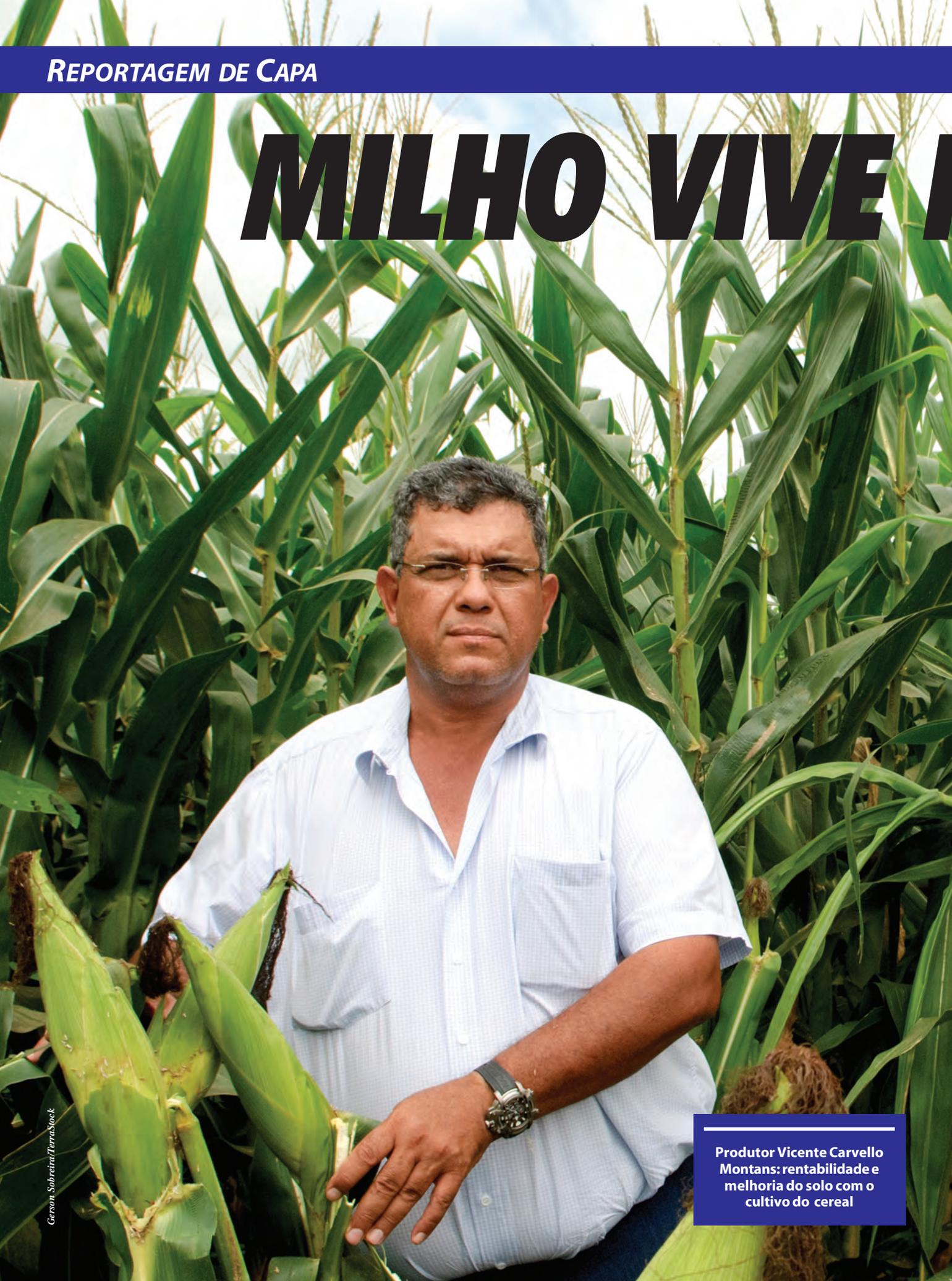
Acompanhei de perto a luta do Roberto para fazer o que precisava ser feito. Ele conhecia bem. Compôs a sua equipe com gente de primeira linha, tratou de estudar a reforma mais desejável para um Ministério da Agricultura de um país que viria a ser um dos principais atores de todo o mundo. Lutou bravamente para implantá-la. Propôs reformas em estruturas arcaicas e deu novo rumo a discussões estéreis e sem foco objetivo. Tentou de toda forma mostrar ao Governo em que país estamos, qual deveria ser o nosso rumo e como atingir as metas necessárias. Sua liderança era a cada momento posta a prova por discussões políticas às vezes sem nexos e fora de uma realidade compreensível.

Comecei a duvidar da vontade política de transformação de nosso Ministério e do próprio quadro agrícola, já aquela hora refletindo os efeitos de uma crise sem precedente que se esboçava, e para evitá-la todo o Governo deveria estar harmonicamente organizado. O que se viu foi o reverso da medalha. Sem se aperceber dos riscos que a crise nos colocava, em lugar de soluções eram trazidos à discussão temas os mais controversos, que em nada colaborariam para resolver ou pelo menos amenizar a situação.

Creio que o Roberto entendeu bem onde se metera. Estava sendo demais para o seu íntimo. Preferiu fazer o que a consciência lhe indicava. Se não posso fazer o que é necessário é melhor que outra faça. Todos nós sofremos com isto, pois havíamos estado tão perto de uma grande solução e agora diante da decepção. O que ainda me anima é que o Roberto deixou o Ministério, mas não o nosso agronegócio. Ele continua a ser o nosso timoneiro, hoje com uma visão ainda mais clara e objetiva de como temos de agir. Eu que o conheço bem, tenho certeza que continuará a ser a nossa luz que brilha no horizonte onde poderemos encontrar o nosso caminho. Roberto Rodrigues, eu quem o diga: “Vá em frente! Ainda precisamos muito de você.”

Engenheiro agrônomo, produtor, ex-ministro da Agricultura

MILHO VIVE



Geison Sobral/TerraStock

Produtor Vicente Carvello
Montans: rentabilidade e
melhoria do solo com o
cultivo do cereal

NOVO ANÍMIMO

Depois de um 2010 dividido em dois momentos distintos para o milho, os produtores acreditam que 2011 chega trazendo maior estabilidade e preços consistentes. A expectativa vem dos acontecimentos no cenário externo e da demanda interna firme. Agora, resta saber se o La Niña não vai atrapalhar a safrinha e se as previsões econômicas irão se confirmar. Até o momento a projeção é positiva, mas num mercado tão volátil quanto o das commodities agrícolas, é recomendável ter cautela

*Denise Saueressig
denise@agranja.com*

Mesmo que o mercado mostre razões para insegurança ou que as condições climáticas pareçam ameaçadoras, o produtor Vicente Carvello Montans não imagina suas lavouras sem o milho. Com uma fazenda própria e duas áreas arrendadas no norte do Paraná, todos os anos, há mais de 35 anos, ele destina pelo menos 30% do cultivo para o cereal. O restante é ocupado pela soja no verão e por trigo e aveia no inverno. Montans tem mais do que argumentos financeiros para justificar os motivos pelos quais nunca deixou de plantar milho. “É importante preservar a qualidade do solo com a rotação de culturas. E isso é ainda mais relevante na nossa região, onde trabalhamos com terra muito argilosa e que tem problemas quando falta chuva”, destaca.

Engenheiro agrônomo por formação, o produtor paranaense cresceu na Fazenda Santa Mônica, em Cornélio Procópio, onde o pai criava gado e tinha plantações de café, milho e feijão. Agora, além dessa propriedade, ele arrenda terras em Guapirama e Conselheiro Mairinck, municípios que ficam na região conhecida como Norte Pioneiro.

Este ano, na segunda safra – ou safrinha, ele terá uma motivação a mais para cultivar milho. Os preços do cereal melhoraram, ao mesmo tempo em que as perspectivas para o trigo, semeado na mesma época como cultura de inverno, não são as melhores. O mercado das commodities agrícolas é volátil e as mudanças repentinas são frequentes, mas o fato é que nas suas fazendas, Montans pretende plantar 850 hectares de milho até o dia 10 de março. A extensão corresponde a 80% da área destinada ao plantio de inverno e 350 hectares acima do que foi semeado com o grão em 2010. “O ideal seria dividir ao meio a área entre o trigo e o milho, mas por incrível que pareça ainda tenho trigo da safra passada. É uma cultura com baixa liquidez, de alto risco e que requer grande investimento. Hoje temos ofertas por R\$ 25 a saca, mas com esse preço, não conseguimos pagar o custo”, analisa.

Em contraponto ao que vem ocorrendo com o trigo, o produtor é enfático ao reafirmar sua confiança no milho. “Nunca perdi dinheiro com o grão. Já houve um empate em relação aos custos, mas perdas, não. Por

isso, se eu acredito que o retorno da safrinha vai cobrir a implantação da lavoura, não deixo a área em pousio”, conta.

A safrinha do milho também é considerada de alto risco em função das condições climáticas na época do desenvolvimento da cultura. No norte do Paraná, o temor dos agricultores está relacionado especialmente à ocorrência de geadas, veranicos e, neste ano, dos efeitos do La Niña. Além de contratar seguro para 100% da sua área, Montans procura não plantar em áreas mais sujeitas às geadas, diminui os investimentos em fertilização e utiliza sementes mais rústicas nessa época. Por isso, a produtividade calculada é entre 80 e 100 sacas por hectare, um volume mais baixo em comparação com as 132 sacas por hectare esperadas para a colheita da safra de verão.

Redução numa safra, aumento na outra — Mesmo com a produtividade maior, a área da lavoura de verão foi reduzida nas fazendas do produtor Vicente Montans. Na época de decidir o plantio, os preços do milho estavam deprimidos, em torno de R\$ 13,80 a saca, enquanto as cotações da soja mostravam reação. O cenário

REPORTAGEM DE CAPA

fez o agricultor diminuir de 400 hectares o cultivo na temporada 2009/2010, para 250 hectares na safra 2010/2011. “As lavouras de soja estão um espetáculo”, define, enquanto espera uma produtividade entre 55 e 60 sacas por hectare e 45% de rentabilidade com a oleaginosa. Para o milho, ele projeta em torno de 30% de rentabilidade, levando em conta preços que variam entre R\$ 18,50 e R\$ 21 na sua região. Para o grão de safrinha, o retorno financeiro esperado é entre 15% e 18%. No Paraná, o preço mínimo do milho estipulado pelo Governo Federal é de R\$ 17,46 pela saca de 60 quilos.

Para aproveitar o momento positivo das cotações, Montans já negociou 25% da sua safra de verão. Agora, acompanha as reações do mercado para comercializar aos poucos o restante da produção. Em 18 de janeiro, já havia contratos futuros para a safra de verão por R\$ 24 a saca de milho e por R\$ 52 a saca de soja. “Eu

não desestimulo ninguém quando o assunto é cultivar milho, e acho uma pena que na minha região o plantio nesta safra tenha caído em torno de 60%. Na minha opinião, é a cultura que mais oferece garantias de produção. Muitas vezes o mercado é ingrato, mas o cereal tem boa liquidez, resulta em lucratividade e ainda ajuda na melhoria do solo”, salienta o agricultor.

O Paraná é o estado que mais produz milho. De acordo com os números da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a colheita do cereal na primeira e na segunda safra deste ano deve ficar em torno de 11 milhões de toneladas, um recuo de 17,5% sobre a temporada 2009/2010. A queda deve-se justamente à redução no plantio da safra de verão. Para todo o Brasil, a Conab estima a colheita de verão, praticamente definida, em 31,5 milhões de toneladas, 7,5% abaixo da safra anterior.

O Departamento de Economia Ru-

A safra de verão é estimada em 31,5 milhões de toneladas, 7,5% inferior à colheita 2009/2010



ral (Deral) da Secretaria da Agricultura do Paraná calcula uma produção 22% inferior na colheita de verão, que deve somar 5,3 milhões de toneladas. A área cultivada, de 731 mil hectares, é a menor registrada desde o início do acompanhamento da lavoura, na década de 70. “No ano passado, já houve uma redução, porque a área foi de 896 mil hectares no verão. A média do estado, no entanto, era de



Nova 9470 STS

PARA TUDO.

Lançadora mundial de tendências no campo há mais de 170 anos, a John Deere oferece sistemas mecanizados para atender às necessidades de todas as culturas brasileiras. De norte a sul, do grão ao algodão, do pequeno ao grande produtor.

1,25 milhão de hectares”, observa a engenheira agrônoma Margorete Demarchi, técnica da área de conjuntura do Deral.

Em 2010, os produtores plantaram na safrinha 1,037 milhão de hectares com milho. Foi o terceiro ano consecutivo que essa lavoura superou o cultivo do verão. Este ano, apesar das previsões climáticas do La Niña, que indicam chuvas reduzidas na etapa final do desenvolvimento das plantas, a projeção é de incremento na safrinha mais uma vez. Até meados de janeiro, não havia números fechados pelo Deral, mas a estimativa era de uma ampliação de aproximadamente 10% na área do Paraná. “A motivação vem dos preços. Há um ano, a saca valia R\$ 14,82 no estado, enquanto agora, vale R\$ 20,80”, diz Margorete, lembrando que o preço mais baixo dos últimos meses foi registrado em julho, de R\$ 13,07.

A oscilação do mercado — O relato de outro produtor paranaense



Produtor Altair Demarco: safra colhida em 2010 foi armazenada à espera de melhores preços

Almir Trevisan/Imprensa C. Vale

ilustra bem o que ocorreu no mercado desde o ano passado. Os irmãos Demarco, da Agropecuária 3D, no oeste do estado, plantam milho há 35 anos, mas devido à insegurança das cotações, acabaram deixando o cereal em segundo plano nas duas últimas safras. “Diminuímos a área no verão e incrementamos a extensão na safrinha”, informa Altair Demarco. O

agricultor é um dos mais de 11 mil associados da C.Vale Cooperativa Agroindustrial, que tem sede em Palotina. Na área de atuação da cooperativa, o milho teve uma redução de 40% no plantio de verão em comparação com a temporada 2009/2010.

A família Demarco tem propriedades em Palotina, Assis Chateaubriand e Brasilândia do Sul, onde, além

Novo 4630

PARA TODOS.

Mais Alimentos

OXI COMUNICAÇÃO



JOHN DEERE

www.JohnDeere.com.br



Leonardo Machado, da Faeg: demanda mundial deve sustentar as cotações nos próximos meses

Fernando Leite

Almir Trevisan/Imprensa C. Vale

das fazendas, mantém estruturas próprias de armazenagem. “Se tivéssemos que vender logo depois da colheita em 2010, teríamos enfrentado preços inviáveis, entre R\$ 12 e R\$ 14 a saca. No mês de janeiro, conseguimos comercializar o grão armazenado com valores muito bons, em torno de R\$ 23 a saca”, enumera Altair, que na safra passada teve custo de R\$ 14 por saca.

Diante dos preços deprimidos, os irmãos decidiram manter armazenadas as cinco mil toneladas colhidas na safra 2009/2010 e iniciaram a comercialização quando as cotações sinalizaram os R\$ 17 a saca. Em janei-

ro, ainda mantinham cerca de 1,2 mil toneladas à espera da demanda pelo grão. “Infelizmente, muitos produtores que não têm capital de giro e capacidade de estocagem, enfrentam as instabilidades do mercado e acabam com a renda comprometida. É uma pena que o mercado tenha tantas oscilações”, lamenta o agricultor.

Em 2010, os produtores paranaenses che-

garam ao “fundo do poço” com as cotações do milho, resume Antônio Sérgio Bris, gerente comercial da área de grãos da cooperativa Cocamar, que tem sede em Maringá/PR. Ele lembra que a média de preços na região não chegou aos R\$ 17 no ano passado. O dirigente constata que os leilões de Prêmio para Escoamento de Produto (PEP) ajudaram a “enxugar” o mercado e reativar os preços. “Hoje, o cenário parece bastante claro, mas isso tudo também pode se evaporar rapidamente. Portanto, é preciso ter cautela. É prematuro fazer previsões para o segundo semestre”, complementa.

Em 2010, a Cocamar recebeu 426 mil toneladas de milho, um volume recorde, frente às 273 mil toneladas de 2009, ano em que a safra foi prejudicada pela estiagem. No ano passado, os produtores associados também atingiram a melhor média de produtividade de todos os tempos na região da cooperativa – 4.800 quilos por hectare. Se o clima colaborar, os volumes em 2011 podem crescer ainda mais.

Cenário externo sustenta cotações — Depois de um 2010 de altos e baixos, por enquanto, a perspectiva é otimista para o milho em 2011. No ano passado, o comportamento do mercado teve dois momentos bem

distintos. No primeiro semestre, os estoques estavam altos, a colheita da safra de verão foi farta e os preços se mantiveram baixos, em patamares inferiores aos mínimos determinados para as regiões. “A partir de maio, o Governo passou a realizar os leilões de escoamento e conseguiu movimentar o mercado. Logo depois, a estiagem na Rússia levou prejuízos ao trigo, o que fez a demanda por milho aumentar”, recorda o presidente executivo da Associação Brasileira dos Produtores de Milho (Abramilho), Odacir Klein.

A seca no leste da Europa transformou um quadro de relativa tranquilidade em uma situação de aperto no abastecimento, confirma o engenheiro agrônomo Anderson Galvão, diretor da Céleres, empresa de consultoria em agronegócios com sede em Uberlândia/MG. “Quando os preços reagiram, no entanto, o produtor brasileiro já estava decidido a reduzir a área plantada na temporada 2010/2011”, ressalva o analista. A Conab informa que a diminuição na área da safra de verão tenha ficado em 3,7%, com o plantio de 7,439 milhões de hectares.

Outros fatores também colaboram para manter um cenário positivo para o cereal neste ano. Na safra 2009/2010, as exportações chegaram perto dos patamares de 2007 e superaram as 10 milhões de toneladas. No mercado interno, passados os efeitos da crise internacional do período 2008/2009, o setor de carnes reto-

MILHO TOTAL (1ª E 2ª SAFRA) Área (mil ha)

Safra 09/10	12.966,9
Safra 10/11*	12.682,2
Variação	-2,2%

Produção (mil t)

Safra 09/10	55.968,1
Safra 10/11*	52.723,3
Variação	-5,8%

*Projeção

Fonte: Conab/Jan/2011



mou os níveis produtivos e, conseqüentemente, a demanda pelo milho para ração deverá seguir firme.

O levantamento de janeiro do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) também trouxe informações relevantes para quem produz milho. A produção mundial do cereal foi reavaliada em 816 milhões de toneladas. A relação estoque/consumo passou de 18,1% na safra 2009/2010 para 15,2% na safra 2010/2011, índice abaixo da média histórica. “Os estoques dos EUA foram calculados em 18,9 milhões de toneladas, o segundo volume mais baixo da história”, frisa Leonardo Machado, assessor técnico da área de grãos da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg).

Os números, claro, mexeram com as cotações. Em Chicago, em meados de janeiro, o milho e a soja alcançaram preços inéditos desde julho de 2008. O cereal chegou a ultrapassar os US\$ 6,30 o bushel. “Muitos fatores colaboram para que o

PROJEÇÃO DE OFERTA E DEMANDA MUNDIAL DE MILHO (Milhões de t)

Janeiro/2011	Safra 09/10	Safra 10/11	Varição (%)
Estoques iniciais	147,8	147,1	-0,5
Produção	812,1	816,0	0,5
Consumo	812,8	836,1	2,9
Estoques finais	147,2	127,0	-13,7
Estoque/Consumo	18,1%	15,2%	-2,9%

Fonte: Usda
Divulgação: Imea

mercado tenha suporte para manutenção dos preços elevados pelo menos até a entrada da nova safra, que deve ocorrer na segunda quinzena de fevereiro. A partir daí, o volume cultivado na safrinha começa a dar as cartas. Porém, mesmo com um volume considerável de milho safrinha, a demanda internacional não deve permitir preço de milho muito abaixo do que encontrado neste momento”, as-

sinala Machado.

A Argentina, que é o segundo maior exportador mundial do grão, está com a safra ameaçada em função da estiagem. A China, que também é um país exportador, está começando a importar milho para atender sua produção de carnes. Mesmo que ainda sejam pequenos volumes, em torno de 1 milhão de toneladas por ano, os analistas acreditam que o país asiáti-

www.marcher.com.br

“Com a Marcher, baixamos nossos custos de armazenagem para R\$1,00/saca.”

Marcher e silo-bolsa: a solução em armazenagem que vai aumentar sua lucratividade.

Agora você não depende mais de silos fixos para armazenar a sua produção. Com os implementos Marcher e o sistema de silo-bolsa, você conta com uma tecnologia de armazenagem inovadora, muito mais moderna, prática e econômica. Além de baixo custo inicial, você tem a facilidade de guardar a produção na sua propriedade por um período prolongado, podendo escolher o momento mais favorável para venda. O resultado é a certeza de lucratividade e crescimento.

Accesse o nosso site e utilize o nosso simulador de economia para calcular os seus custos.


MARCHER
BRASIL
Inovação para armazenar
com mais economia.

co pode se firmar como um importante comprador nos próximos anos. No maior exportador de milho – os Estados Unidos –, o governo decidiu manter os subsídios ao etanol fabricado a partir do grão. A decisão prorroga o pagamento da taxa de US\$ 0,45 por galão do biocombustível misturado à gasolina e mantém aquecida a demanda pelo cereal com esta finalidade.

Além de sustentar os preços internacionais da commodity, esses cenários em outros países favorecem as vendas externas do Brasil, projetadas em cerca de 9 milhões de toneladas em 2010/2011. “Não acredito

em mudanças profundas para o milho nos próximos 12 meses, porque o mercado se mostra firme”, sustenta Galvão, da Céleres.

Além da indefinição climática sobre a segunda safra, o consultor avalia que o risco, nesse momento, é de gestão. “O produtor costuma entrar em depressão quando o preço cai e fica eufórico quando o preço sobe. É importante controlar esses movimentos e administrar bem as contas. Aqueles que tiveram condições de garantir os custos da safra 2011/2012, devem fazê-lo, porque podemos ter aumentos nos insumos, especialmente em função das altas nos



preços do petróleo”, aconselha.

Klein, da ABRAMILHO, considera que o momento é benéfico para o país discutir políticas de apoio à cultura, com atenção especial à safra de verão. O Governo Federal vem interferindo no mercado com a realização de leilões. No início do ano, o estoque público era formado por cerca de 5 milhões de toneladas de milho que foram adquiridas por meio da Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM), quando os valores nas principais praças estavam abaixo do mínimo. O retorno dos grãos ao mercado acontece para regular o abastecimento e estabilizar os preços. “O que temos visto é um desestímulo no momento do plantio da primeira safra e um maior estímulo na segunda safra. Além dos mecanismos já existentes, precisamos de outras ferramentas de subvenção, como o prêmio para venda na bolsa quando o produto estiver abaixo do preço mínimo. Acredito que uma medida assim pode reduzir os custos do Governo com a movimentação da safra”, argumenta Klein.

Safrinha voltada para o clima — O Mato Grosso é o estado líder na produção da segunda safra de milho. Em 2010, foram colhidas 8,414 milhões de toneladas. O estado também é que mais direciona o cereal para o mercado externo, com o embarque de 5,8 milhões de toneladas no ano passado. “Na atual safra, a estiagem prolongada atrasou o plantio da soja e, conseqüentemente, a implantação da safrinha vai depender do andamento da colheita da oleaginosa”, pontua Rogério Romanini, diretor de Relações Institucionais da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de

PREÇOS EM 21/01/2011

Mês	Chicago/CBOT	
	US\$/saca	R\$/saca
Mar/11	15,44	25,81
Mai/11	15,68	26,21
Jul/11	15,77	26,36

Mês	BM&F	
	R\$/saca	
Jan/11	28,94	
Mar/11	26,90	
Mai/11	27,50	

Praças (R\$/saca)	
Londrina/PR	24,50
Chapecó/SC	26,00
Rio Verde/GO	28,50
Lucas do Rio Verde/MT	17,00
Dourados/MS	21,50
Uberlândia/MG	31,00

Fonte: Federação da Agricultura do Estado do Paraná (Faep)

Preço Mato Grosso Sorriso (saca de 60 kg)	
Janeiro	R\$/saca
2009	12,63
2010	6,77
2011	15,78
Preço mínimo no MT	13,98

Fonte: Imea

Mato Grosso (Famato).

Em dezembro, os técnicos do Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea) estimavam uma redução em torno de 9% diante da segunda safra de 2010, que foi de 1,9 milhão de hectares. No entanto, a expectativa positiva em relação ao mercado internacional ainda pode alterar esse quadro. “Os produtores só não devem esquecer que o plantio realizado mais tarde, depois do final de fevereiro, torna-se mais arriscado pela maior possibilidade de seca a partir de abril”, alerta Romanini.

Na maioria dos estados produtores de milho da safra de verão, as chuvas frequentes ocorridas até a primeira quinzena de janeiro vem beneficiando o desenvolvimento das lavouras. “O prognóstico climático para os meses de janeiro, fevereiro e março indica irregularidade na distribuição espacial e temporal das chuvas em grande parte das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste do Brasil, enquanto que, no sul do Mato Grosso do Sul e em quase toda a Região Sul, os índices devem ficar abaixo da normal climatológica”, explica a meteorologista Danielle Barros Ferreira, da Coordenação de Desenvolvimento e Pesquisa do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet).

Na fase de desenvolvimento do milho safrinha, há menor possibilidade de déficit hídrico em estados como Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e região norte de São Paulo, acrescenta Danielle. “Porém, a continuidade do La Niña até abril indica chuvas abaixo da média para a parte centro-sul da Região Sul, o que dificulta a manutenção da umidade do

MAIS BIOTECNOLOGIA NAS LAVOURAS

Levantamento da consultoria Céleres divulgado em janeiro mostra que o produtor brasileiro incorporou definitivamente a biotecnologia às suas lavouras de milho. Na safra 2010/2011 (verão e inverno), as sementes transgênicas deverão ocupar 7,37 milhões de hectares ou 57,2% da área total. As tecnologias estão relacionadas à resistência a insetos, genes combinados de resistência a insetos e tolerância a herbicida. “Essa é a terceira safra com uso da biotecnologia, e o que notamos é uma adesão rápida entre os produtores”, menciona Anderson Galvão, diretor da Céleres.

Apesar dos preços entre 60% e 70% mais altos das sementes geneticamente modificadas, a opção pela biotecnologia se dá pela eficiência e facilidade

de manejo, justifica o consultor. “São áreas que apresentam entre 15% e 20% a mais de produtividade e necessidade de pulverização com inseticida muito reduzida. Temos exemplos de agricultores em Minas Gerais que faziam cinco aplicações e hoje precisam apenas de uma aplicação nas suas áreas”, declara Galvão.

Nesse mesmo trabalho, a Céleres revela que “níveis de produtividade superiores a 180 sacas por hectare (10,8 t/ha) começam a se tornar corriqueiros entre produtores de alta tecnologia. Casos extremos de tecnologia chegam a 210 sacas por hectare (12,6 t/ha)”. Na safra 2009/2010, a média de produtividade nas lavouras de milho do país foi calculada pela Conab em 4.316 quilos por hectare.



UBYFOL®

Excelência em Nutrição Vegetal

✓ Indispensável em todas as culturas

UBY AGROQUÍMICA
Empresa 100% Brasileira

ubyfol@ubyfol.com.br
www.ubyfol.com.br

Fone: (34) 3319.9500
Uberaba - MG





Divulgação Ubabef

dia tecnologia. Isso significa R\$ 1.039,59 por hectare cultivado. O custo operacional, formado pelos insumos e operações agrícolas subiu 8%, resultado da alta nos preços dos fertilizantes. Para uma lavoura de alta tecnologia, com rendimento esperado de 100 sacas por hectare, o incremento no custo total é de 17%. Nesse caso, além dos fertilizantes, subiram também os preços da semente.

Grão transformado em carne — Mais de 70% da safra brasileira de milho tem como destino o consumo animal, no abastecimento a campos de pecuária destinados à carne bovina e ao leite e, principalmente, às granjas de aves e suínos. Impulsionada pelo crescimento dos países emergentes, a demanda mundial por carnes é promissora. Afinal, ao mesmo tempo em que melhoram as condições de vida das populações, são alterados os hábitos de consumo e é natural que as famílias passem a incorporar mais proteína animal às refeições.

solo e, conseqüentemente, poderá afetar o desenvolvimento das lavouras de milho safrinha”, afirma. A especialista alerta, no entanto, que fazer prognósticos de períodos mais longos, após o mês de abril, pode ser temerário para zonas tão específicas.

O produtor Júlio Cinpak, presidente do Sindicato Rural de Lucas do Rio Verde/MT, recomenda que os agricultores não extrapolem o limite de 25 de fevereiro para implantar as suas áreas. Ele espera para 2011 um cenário bem diferente daquele visto no ano passado, quando a maioria dos produtores mato-grossenses vendeu o milho com preços entre R\$ 11 e R\$ 13 a saca, valores abaixo do mínimo estipulado para o estado, de R\$ 13,98. “Agora, os preços estão em torno de R\$ 18 e R\$ 19. Apesar de saber que o mercado é dinâmico, se as previsões se confirmarem, caminhamos para uma rentabilidade muito interessante”, ressalta.

Nem o aumento dos custos arrefeceu o ânimo dos produtores, uma vez que na temporada 2009/2010, os gastos com a formação da lavoura foram reduzidos em comparação com 2008/2009. Para esta segunda safra, o Imea calcula uma alta de 10% no custo total de uma lavoura em Sorriso/MT, com produtividade de 80 sacas por hectare, considerada de mé-

dia tecnologia. Isso significa R\$ 1.039,59 por hectare cultivado. O custo operacional, formado pelos insumos e operações agrícolas subiu 8%, resultado da alta nos preços dos fertilizantes. Para uma lavoura de alta tecnologia, com rendimento esperado de 100 sacas por hectare, o incremento no custo total é de 17%. Nesse caso, além dos fertilizantes, subiram também os preços da semente.

Os países em desenvolvimento, bloco que inclui nações populosas como Brasil, China e Índia, serão responsáveis por 46% do crescimento econômico do planeta em 2011, estima o Banco Mundial (Bird). O Brasil deve ter uma taxa de incremento no seu Produto Interno Bruto (PIB) da ordem de 4,5% este ano. A população mundial também vai crescer. Segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), o número de pessoas no planeta passará dos atuais 6,8 bilhões para 9,1 bilhões até 2050. Nesse mesmo espaço de tempo, será necessário ampliar em 70% a produção de alimentos.

Grande produtor de carnes, o país tem razões para levar em consideração esses números. Depois dos abalos provocados pela crise econômica de 2008, a tendência é de crescimento para o setor nos próximos anos. Algumas projeções dão conta que o

mercado mundial de carnes possa crescer 30% em 20 anos. As análises do Ministério da Agricultura para o período entre 2009/2010 e 2019/2020 indicam que a produção de carne de frango deve aumentar 3,64% ao ano. Para as carnes bovina e suína, os índices anunciados são de 2,15% e 2% ao ano, respectivamente. No caso do milho, o ministério calcula que a produção poderá chegar a 70,12 milhões de toneladas em 2019/2020, enquanto a demanda interna será de 56,2 milhões de toneladas.

Assim como o consumo doméstico deve ter elevação, o mercado internacional também mostra apreciação pelas carnes brasileiras. No período 2013/2014, o Brasil será responsável por 47,7% do comércio mundial de carne de frango, por 30,9% das vendas de carne bovina e por 14% dos negócios envolvendo a carne suína no mundo todo. “A venda da carne é a exportação do milho com valor agregado. A cada quilo de proteína animal embarcada, são comercializados alguns quilos do cereal”, conclui o presidente executivo da Abramilho, Oda-cir Klein.

Estabilidade para a cadeia — Os aviários absorvem cerca de 40% da safra nacional de milho, cereal que compõe 65% da ração ingerida pelas aves. Para o presidente executivo da União Brasileira de Avicultura (Ubabef), Francisco Turra, o país deveria ter fortalecida a sua política de garantia de preços para que as cadeias produtora e consumidora tivessem uma maior estabili-



Produção de carne suína pode ganhar novos compradores internacionais, como Japão e Coreia do Sul



Marchetti

dade. “Seguidamente, enfrentamos descompasso entre uma safra e outra, o que acaba desestimulando o produtor a cultivar milho”, alega.

Outra dificuldade apontada pelo dirigente refere-se às deficiências logísticas para transportar o milho até as granjas situadas em locais que não têm

auto-suficiência na produção do grão. “Faltam incentivos para a cultura no Brasil e, nesse contexto, podemos citar o caso dos Estados Unidos, onde o milho é um cereal estratégico e que recebe subsídios do governo”, examina Turra.

Desde 2004, o Brasil é o maior exportador de carne de frango do mundo. No ano passado, o setor bateu um novo

recorde histórico, com o embarque de 3,819 milhões de toneladas. Para 2011, a projeção é de ampliação entre 3% e 5% nos embarques, mas existe apreensão em relação ao câmbio desfavorável às exportações. No ranking dos países produtores de carne de frango, o Brasil é o terceiro,

atrás dos Estados Unidos e da China. Em 2010, a produção chegou a 12,23 milhões de toneladas, alta de 11,38% sobre 2009.

Apesar da queda nos volumes embarcados, a receita com a exportação de carne suína apresentou elevação de 9,32%, somando US\$ 1,34 bilhão em 2010. Neste ano, a Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína (Abipecs) acredita num mercado interno aquecido e em vendas externas próximas às 600 mil toneladas, superando o volume embarcado em 2010, de 540,4 mil toneladas. “Projetamos a entrada de importantes compradores, como o Japão e a Coreia do Sul”, cita Jurandi Soares Machado, diretor de Mercado Interno da Abipecs. No ano passado, o setor comemorou o reconhecimento pelos Estados Unidos do status de Santa Catarina como estado livre de aftosa sem vacinação, fato que também colabora para as negociações com Canadá e México.

TECNOLOGIAS PARA NATUREZA



Pronto Três é o primeiro e único fertilizante com ação penetrante, contendo lecitina de soja, ácidos orgânicos e surfactantes que garantem o melhor espalhamento e absorção, além de reduzir fito pelo eficiente nutrição e outras características únicas.

Desde 2005 Pronto Três vem dando vida, resistência e proteção as plantas, como o Sol. Com Pronto Três não tem céu nublado.

Produzido no Brasil, por empresa 100% brasileira e com tecnologia própria brasileira.

Valorize o que é nosso.

Fone: (51) 3341.3225
rigrantec@rigrantec.com.br
www.rigrantec.com.br



Visite nosso estande na Cotrijal



IMPOSTO DE RENDA

Declarar-se como pessoa física ou jurídica é apenas uma das muitas dúvidas que o produtor tem junto ao Leão. O melhor mesmo é organizar a prestação de contas bem antes do prazo final, que é abril

Cilotér Borges Iribarrem e Enio Borges Paiva, consultores de Safras & Cifras, ciloter@safrasecifras.com.br e eniopaiva@safrasecifras.com.br

No Brasil, o Leão tem aumentado a sua voracidade e novas caças caem em suas garras todos os anos. O Leão está cada vez melhor preparado para encontrar a sua caça, ao mesmo tempo em que esta se encontra, muitas vezes, despreparada para enfrentá-lo. A caça dorme tranquila por não conhecer bem o potencial do Leão,

ou por estar mal informada de como o mesmo age. O agronegócio no país cresceu economicamente, passou a ser vitrine, mas também uma apetitosa caça pelos valores monetários que são movimentados anualmente, pelo aumento dos controles dos órgãos públicos e pelo desconhecimento de um grande número de produtores rurais de como

o Leão pode agir sobre os seus negócios, devido à grande quantidade de informações que o mesmo dispõe.

O Leão possui as seguintes informações sobre a sua caça:

■ Todos os dados de compra e venda de propriedades rurais, que são informadas pelos cartórios e imobiliárias;



SEM DOR DE CABEÇA

■ A movimentação bancária das contas correntes, confrontada pelos bancos versus a receita declarada anualmente;

■ A utilização dos cartões de crédito;

■ A utilização da Nota Fiscal Eletrônica;

■ O aumento do patrimônio versus o resultado do negócio declarado anualmente;

■ Pagamentos de financiamentos;

■ A doação de dinheiro num cruzamento de informações entre a Receita Federal e as receitas estaduais;

Muitos outros dados estão disponíveis para o Leão, mas consideramos os citados os mais importantes. Os desafios estão postos, mas existem soluções, que permitem aos produtores trabalharem tranquilos, sem ficar preocupados com uma possível atuação importante feita no seu negócio pela Receita Federal, que legalmente poderá agir autuando os últimos cinco exercícios fiscais. Assim como existem novas tecnologias para serem utilizadas pelos produtores no que se refere a máquinas, equipamentos, sementes, defensivos, fertilizantes, genética, etc., também existem técnicas para serem utilizadas corretamente na assessoria fiscal junto aos patrimônios e negócios rurais, visando terem todos os seus controles fiscais corretos.

Os produtores necessitam se conscientizar que assim como agem permanentemente



Os produtores necessitam se conscientizar que assim como agem permanentemente buscando informações tecnológicas sobre a lavoura e acompanhando mercados, também deverão atuar com relação à tributação

te, buscando informações tecnológicas e acompanhando mercados, também deverão atuar com relação a sua parte tributária. Estamos próximos do mês da entrega da Declaração de Imposto de Renda das pessoas físicas, que é abril. Como o próprio nome diz, mês de entrega de algo que já foi feito no ano anterior. E, portanto na maioria das vezes não existem mais soluções corretas e legais que possam diminuir o impactante custo do valor a ser desembolsado com o Imposto de Renda.

Toda a parte de impostos deve ser

trabalhada durante o ano fiscal, e que o mês de abril é simplesmente o período de entrega da Declaração de Imposto de Renda, cujas ações e decisões foram tomadas no ano anterior. Safras & Cifras criou e implantou junto aos clientes um instrumento de acompanhamento fiscal chamado de Cálculo Antecipado de Imposto de Renda (Calcir), que acompanha durante todo o ano fiscal todas as despesas e receitas realizadas, sendo estas monetárias e documentadas, assim como organiza as ações futuras que deverão

Sistematização e Terraplenagem

A Allcomp acaba de trazer para o Brasil a mais nova linha de Scrapers Ejetoras para deslocamento e nivelamento de solo.

Maior rendimento em corte, transporte e distribuição de terra.
Menor custo em movimentação de terra.
Sistema em Tandem e vários tamanhos.

Consulte também
nossa plaina PNA
c/ sistema Laser



All COMP
Equipamentos de Precisão

Av. Pernambuco, 1207 - Porto Alegre/RS
Tel.: (51) 2102.7100 - Fax.: (51) 3019.9449
www.allcompgps.com.br - comercial@allcompgps.com.br

RENOVE FÁCIL A GRANJA

PAGUE NO CARTÃO* E
TENHA VANTAGENS EXCLUSIVAS!

0800 541 0526

WWW.AGRANJA.COM



OS CAMINHOS DA SUSTENTABILIDADE



É fundamental multiplicar os usos de novas práticas e tecnologias que aumentem a produção agrícola sem ferir o meio ambiente, mas também remover as barreiras econômicas, institucionais e até culturais contrárias à implantação do novo modelo de produção

José de Sampaio Góes, diretor de meio ambiente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)

Na busca de soluções que tornem a atividade agrícola sustentável, identificamos duas: 1ª - A necessidade de potencializar a utilização de novos conhecimentos oriundos de práticas e tecnologias, que possibilitem a produção agrícola sem agressão ao meio ambiente. Estas práticas forçosamente devem ser economicamente viáveis no longo prazo para não comprometer sua continuidade. Basicamente, elas deverão minimizar o uso de agroquímicos e conservar o solo, a água e a biodiversidade, atendendo assim aos interesses das gerações futuras; 2ª - A necessidade de remover as barreiras econômicas, institucionais e culturais contrárias à implantação deste novo modelo de produção.

Dentre os novos conhecimentos e práticas agrícolas, devemos destacar o seguinte:

■ **Gerenciamento integrado** – Consiste na aplicação de práticas de interação que precisam ser seguidas por parte dos agricultores, exigindo deles maior habilidade e destreza no desempenho de suas funções. Isto levará à utilização adequada das técnicas agrícolas, tornando-as assim me-

nos agressivas ao meio ambiente.

■ **Adubação** – As aplicações de fertilizantes, tanto orgânicos, como sintéticos, precisam ser cuidadosamente estabelecidas de acordo com as necessidades da cultura, época do ano apropriada e características do solo. Para reduzir o uso de fertilizantes sintéticos com eficiência, os agricultores devem monitorar regularmente, por meio de testes, as necessidades nutricionais de suas culturas, aplicando apenas as quantidades necessárias, nos momentos convenientes. Outros fatores também precisam ser considerados, como temperatura, umidade do solo, e danos causados por insetos e doenças.

■ **Irrigação** – A irrigação causará o menor impacto ambiental possível se fizermos uso de sistemas que forneçam apenas a quantidade precisa de água, adaptada a uma drenagem apropriada, para prevenir os efeitos de erosão e salinização.

■ **Controle de erosão** – O uso de coberturas mortas, juntamente com as práticas preventivas, como o plantio em curvas de nível, é de suma importância no combate à erosão. As operações mecanizadas devem ser reduzidas ao mínimo, uti-

A AGRICULTURA

ENTÁVEL



Gustavo Mengheci

lizando tratores e implementos agrícolas especialmente desenvolvidos para conservar a cobertura do solo. Além disso, assim como no manejo da água, devem-se combinar técnicas de cultivo que respeitem a estrutura e estabilidade do solo. As soluções para o controle de erosão agrícola precisam ser analisadas caso a caso, considerando-se as características locais do solo, problemas potenciais, técnicas e custos concernentes à solução desejada.

■ **Manejo integrado de pragas** – Estratégias alternativas no manejo integrado de pragas têm avançado bastante ultimamente, mas ainda configuram-se em um grande desafio para a agricultura sustentável. A agricultura intensiva caracteriza-se pelos altos níveis de pesticidas sintéticos que utiliza, frequentemente aplicados como medida preventiva e sempre considerando as piores hipóteses, dando pouca atenção à infestação inicial.

Este procedimento, em muitos casos, compromete os suprimentos de água, a fertilidade do solo e a saúde humana e animal. Além de ser bastante dispendioso aos agricultores. O uso contínuo de elevados níveis de pesticidas sintéticos leva ao apa-

recimento de espécies resistentes aos defensivos químicos. As formas de agricultura que pretendem alcançar a sustentabilidade trabalham envolvendo todo o sistema de produção no controle de pragas e doenças.

Os sistemas integrados envolvem variações de culturas (intercalares e rotação), fertilização, práticas de preparo do solo, monitoramento de pragas, uso de variedades resistentes, uso de controle biológico (particularmente insetos benéficos, fero-

GESTÃO DE PLANTIO DE GRÃOS

Reduz os custos e aumenta a qualidade do plantio

- Cabeamento modular com instalação e manutenção simples
- Entrada para até 30 sensores de sementes e até 36 sensores adicionais
- Tela de 4,7 polegadas com alta luminosidade e alto contraste
- Adaptável a plantadeiras de qualquer marca e modelo

Ligue já para o Concessionário John Deere da sua região ou para a Auteq no (11) 2107-1864 www.auteq.com.br



A PRIMEIRA **FEIRA** DA SAFRA 2010/11

A 23ª edição do Show Rural Coopavel, evento promovido pela Coopavel Cooperativa Agroindustrial, ocorre de 7 a 11 de fevereiro, em Cascavel/PR

Cerca de 400 expositores, quase 5 mil experimentos e, ao menos, 160 mil visitantes esperados estarão na 23ª edição do Show Rural Coopavel, feira promovida pela Coopavel Cooperativa Agroindustrial. A tradicional exposição sediada em Cascavel de 7 a 11 de fevereiro é o primeiro grande evento agropecuário do ano – e da safra 2010/11. O Show Rural Coopavel é considerado o maior evento tecnológico do país em razão de suas características específicas de transmissão de conhecimentos ao produtor, para que melhorem

a produtividade e a qualidade da sua produção e ainda identifiquem rendas alternativas.

As centenas de apresentações abordam as muitas culturas produzidas no campo. Destacam-se tecnologias em soja, feijão, defensivos, sementes, fertilizantes, adubação verde, plantio direto, tratamento de sementes e assim por diante. No segmento pecuário também são apresentadas tecnologias sobre pastagens, confinamento, bovinos de corte e de leite, ovinocultura, manejo de suínos, silagem e integração lavoura e pecu-

ária e muito mais. O evento também é uma oportunidade para a compra de maquinários, pois é possível, nos estandes lado a lado, analisar o desempenho e avaliar as condições de compra, que geralmente são mais favoráveis nos eventos. Os bancos oferecem linhas de crédito especiais e menos burocracia.

Outra novidade preparada para esta edição é a estação da integração lavoura-pecuária, desenvolvida desde meados do ano passado, quando a Coopavel e o Instituto Agronômico do Paraná (Iapar) formaram uma parceria e criaram uma estação experimental definitiva para a produção de lavouras em pecuária no mesmo espaço. “A agricultura e a pecuária são somatórios de detalhes que permitem chegar a um resultado de sucesso. No Show Rural Coopavel, o produtor tem a oportunidade de ver todos esses detalhes, numa quantidade incalculável, podendo levá-los para o dia a dia e somar com outros que já conhece”, destaca Rogério Rizzardi, coordenador geral do Show Rural Coopavel. “É uma oportunidade única de se ver tudo sobre tudo, num único lugar. Mas é preciso anotar para aproveitar melhor essas informações.”



MÁQUINA AJUSTADA PAI

Os desperdícios mais comuns na colheita do arroz ocorrem no corte e na alimentação, no sistema de trilha, no saca-palhas e nas peneiras da máquina. Treinar bem o operador é o começo do fim das perdas

Engenheiro agrônomo Paulo Cezar Fernandes da Rosa, instrutor do Senar/RS



RA A COLHEITA PERFEITA

A melhor forma de proceder à regulagem de uma colheitadeira para a cultura do arroz é, em primeiro lugar, treinar o operador num curso de regulagem. Neste treinamento, oferecido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar/RS), observa-se que a máquina é um mecanismo completo, e uma parte interfere e depende da outra para que ela funcione bem. A busca do conhecimento correto e a profissionalização do operador são itens fundamentais. Todos os cuidados que serão mencionados abaixo são fundamentais.

Cada cultivar de arroz possui um ponto ótimo de umidade do grão para ser colhido. Normalmente o índice fica entre 18% a 23%, mas existem algumas variedades em que a faixa de umidade pode até ser maior. A umidade da massa de grãos vai influir diretamente no rendimento de engenho do arroz colhido. E as perdas são diminuídas a partir do correto tratamento da lavoura, utilizando-se de uma lâmina de água mais parelha, da sistematização do solo e da manutenção do terreno limpo.

As perdas mais comuns na lavoura ocorrem na etapa pré-colheita, no corte e na alimentação, no sistema de trilha, no saca-palhas e nas peneiras. Na pré-colheita são as perdas naturais, provocadas por fenômenos climáticos, ou ação de pássaros e pragas. O que provoca a perda no corte e alimentação é a falha na manutenção e operação da plataforma. Ou por falta de regulagem de seus principais mecanismos: molinete, barra de corte e caracol alimentador. No sistema de trilha, ocorrem as perdas qualitativas, como grãos trincados ou quebrados. Ou a dificuldade na debulha, problema provocado geralmente pela lavoura muito úmida, cilindro/côncavo e esteira alimentadora desregulados.

Na fase de saca-palhas, quando os grãos não são corretamente separados, as perdas ocorrem por desajustes ou problemas mecânicos na trilha. Nas peneiras, muitas vezes o sistema não consegue limpar bem o arroz, e os grãos vão com muita impureza para o tanque



Fotos: Divulgação

graneleiro. A má regulagem é a principal causa que faz a máquina quebrar muita palha e sobrecarregar o sistema.

De olho na plataforma de corte

— As perdas na plataforma de corte representam cerca de 60% a 70% do total. Em média, observa-se uma redução de 2% a 3% de perdas para máquinas bem reguladas e ajustadas com critério. Esses valores são medidos para turmas de alunos egressos dos cursos

Cada cultivar possui um ponto ótimo de umidade do grão para ser colhido, mas normalmente o índice fica entre 18% a 23%

do Senar. Para um rendimento de 8 mil quilos por hectare, significa em torno de quatro sacas de 50 quilos por hectare ou R\$ 100 perdidos, mas que são levados para dentro da máquina. Com base numa colheitadeira para 150 hec-

Para uma análise perfeita de suas sementes, use equipamentos De Leo.



GERMINADOR DE SEMENTES



HOMOGENEIZADOR DE SEMENTES



CONTADOR SEMENTES



SOPRADOR mod GENERAL



SOPRADOR mod SOUTH DAKOTA



De Leo

EQUIPAMENTOS LABORATORIAIS

www.deleo.com.br

Porto Alegre | RS | 51 3384 6111

tares de colheita, são R\$ 15 mil que deixam de ser desperdiçados pelas cotações atuais do cereal. Esse valor paga manutenção, peças e o operador da máquina e significa que praticamente o custo operacional da colheita pode ser ganho com a redução de perdas. O importante é que a colheitadeira seja bem regulada e operada.

Por isso, é fundamental o treinamento focando as principais regulagens do sistema industrial:

1. No sistema de corte e alimentação, é fundamental regular a rotação e a altura do molinete, que, quando em demasia, provocam perda de grãos. O molinete deve ter rotação proporcional à velocidade de deslocamento da colheitadeira e as suas barras devem tocar a planta do arroz abaixo da panícula. Quando as plantas estiverem tombadas ou deitadas, deve-se inclinar os pentes e afastar o molinete da barra de corte.

2. A barra de corte é outro componente essencial a ser ajustado, pois deve ser alinhada aos dedos duplos. E verificado diariamente o desgaste das facas e contra-facas de corte, a folga da chapa de encosto na guia de navalha e a folga do clipe apertador da navalha. Da mesma forma, conferido o giro de centro a centro dos pontões e verificado o alinhamento da plataforma de corte. Uma barra de corte desajustada provoca um corte e uma alimentação deficiente e sérias perdas.

3. No caracol alimentador, deve ser conferida a uniformidade da rosca sem fim, verificar se o fundo da plataforma está liso e plano, sem ferrugem ou emendas, se a distância da rosca sem fim ao fundo da plataforma está uniforme e se a chapa raspadora está próxima da rosca sem fim. A altura dos dedos retráteis deve ser de um centímetro do fundo da plataforma. A rotação do caracol em plataformas arroseiras deve estar entre 130 a 140 rotações por minuto (rpm). Acima, haverá debulha de grãos que não serão alimentados, e grandes perdas. Na esteira alimentadora a altura do rolo frontal deve estar para a posição arroz, o que deve ser conferido de acordo com o manual da máquina. E a esteira alimentadora deve ter tensão da

corrente ajustada para quase tocar o fundo da plataforma e alinhada nos dois lados do canal.

4. No sistema de trilha, o cilindro deve estar com os dentes em bom estado, sem desgaste excessivo e centralizados em relação ao côncavo. Muita atenção com relação à rotação excessiva do cilindro, que provoca trincas e quebra de grãos, o que diminui o rendimento de engenho e diminui o valor do grão colhido. A rotação do cilindro deve estar entre 600 a 800rpm, observando-se sempre a umidade do cereal na lavoura.

5. O côncavo é outro elemento do sistema de trilha que deve ser ajustado à abertura de acordo com o volume de massa colhido, mantido nivelado em relação ao cilindro e observada uma proporção igual de abertura na entrada e saída. Diariamente, é preciso fazer a limpeza das grelhas do côncavo, para evitar perda de grãos. Para a correta regulagem de abertura das peneiras, atirar um punhado de grãos sobre as mesmas, com a máquina desligada, e observar o seguinte:

a) Peneira superior – abrir devagar até que passem todos os grãos, e depois abrir mais dois ou três dentes;

b) Extensão da peneira superior – abrir 50% mais que a peneira superior, devem passar os cachos com folga;

c) Peneira inferior – o grão deve passar com folga, pois esta peneira é que vai limpar a amostra; desta forma,

estará regulada.

6. No ventilador, a rotação deve ser ajustada para que não fiquem as peneiras sobrecarregadas, nem haja grãos jogados para fora da máquina em razão do vento excessivo. Peneiras sobrecarregadas aumentam a taxa de retrilha e quebra de grãos. A direção do vento tem de ser ajustada para a parte frontal das peneiras, pois dessa maneira a palha se separa mais facilmente dos grãos.

7. No sistema de separação, é muito importante conferir a rotação do bate-dor traseiro, pois é a que determina toda a rotação do sistema industrial da colheitadeira. Se estiver muito alta ou muito baixa, a rotação dos diversos sistemas fica fora da especificação. Além disso, verificar o desgaste das chapas e regular a extensão do côncavo.

8. No saca-palhas, a posição da cortina retardadora deve ser ajustada de acordo com o volume de palha, assim como a direção dos levantadores, jacarés ou cristas, que podem ser invertidos para aumentar a velocidade de saída ou reter a palha. A folga dos mancais do saca-palhas deve ser verificada diariamente, pois quando excessiva pode danificar e parar a colheita.

9. Os elevadores de grão e retrilha devem ter tensão das correntes ajustadas e as borrachas dos elevadores não devem estar desgastadas. Se isso não for verificado, há uma quebra excessiva de grãos. 



Paulo da Rosa: a busca do conhecimento correto e a profissionalização do operador são itens fundamentais para evitar as perdas na colheita



Góes: “A agricultura deve ser vista como uma fornecedora de bens, serviços ambientais e também de valores públicos, como a preservação ecológica”

na-se cada vez mais claro que a agricultura sustentável não significa um retorno às antigas práticas, mas a incorporação de experiências de campo, dados e avanços tecnológicos e

uso de novos equipamentos na produção agrícola.

O proprietário rural, deste novo modelo de produção, precisa transformar-se num administrador *high-tech* capaz de trabalhar com a complexa inter-relação tecnologia x meio ambiente para conseguir níveis aceitáveis de produção e lucro, minimizando, ao mesmo tempo, os impactos ecológicos indesejáveis. Urge redirecionar o treinamento profissional e estreitar as relações entre as instituições de pesquisa, os serviços de extensão rural e os agricultores, para possibilitar uma eficiente troca de informação entre eles.

■ **Gerenciamento de paisagens** –

Esta é uma área de ativas discussões, onde as opiniões diferem de acordo com as prioridades e perspectivas de cada nação. A sociedade como um todo precisa desenvolver o conceito de “valores ambientais”

para os diferentes usos do solo. Os agricultores deverão receber pagamentos diretos para manter parte de suas propriedades empregadas em outros usos, que não a produção de alimentos, energia e fibras.

Barreiras a serem superadas – A maior barreira à adoção de técnicas e práticas agrícolas sustentáveis é a existência de objetivos conflitantes, entre os programas e políticas agrícolas adotados. Isto agrava a complexidade das mudanças nos atuais modelos de produção. Hoje as informações que chegam aos produtores sobre a preferência do público, dizem respeito apenas ao preço de mercado, mas desconsideram os custos sociais dos recursos naturais. Não existe valor de mercado para manutenção das paisagens, conservação de solo, da água, da biodiversidade ou para manutenção das tradições.

Os fazendeiros não recebem nada pelo controle ou prevenção de danos ambientais. Por esta razão, os preços agrícolas não refletem os impactos que a agricultura causa ao meio ambiente. Os governos precisam estar atentos a estes aspectos e procurar soluções em nível nacional e internacional.

Concluindo, a agricultura deve ser vista como uma fornecedora de bens (alimentos, energia e fibras), serviços ambientais (ar puro, água limpa), e também de valores públicos, como a preservação ecológica. As políticas agrícolas precisam reconhecer estas atribuições. É preciso adaptar o mercado consumidor para a colocação dos produtos da agricultura ambiental, que se preocupa em proteger os interesses das futuras gerações, manter a integridade ecológica, melhorar a qualidade de vida e cuidar da manutenção das paisagens. Só assim trilharemos a estrada que nos conduzirá ao desenvolvimento equilibrado que tanto almejamos. ☒

mônios, macho esterilidade, etc.) e quando necessário, aplicações precisas de pesticidas menos ativos biologicamente. Estas estratégias reduzem as oportunidades de desequilíbrios biológicos e minimizam os impactos ambientais.

Uma outra técnica é a manutenção de ervas daninhas sob controle ou o plantio de “culturas armadilha” para desviar os insetos da cultura principal, permitindo assim o controle de perdas por infestação de pragas. Existem grandes expectativas de que a biotecnologia forneça soluções valiosas a serem utilizadas pela agricultura sustentável. Para que isto ocorra, rapidamente, os governos devem intervir estimulando as pesquisas nesta área.

■ **Informação como insumo** – O desenvolvimento e a disseminação de novas práticas e tecnologias entre os agricultores são a chave para o sucesso na implantação das práticas agrícolas sustentáveis. Tor-

As estratégias alternativas no manejo integrado de pragas têm avançado bastante ultimamente, mas ainda são um grande desafio para a agricultura sustentável



ser desenvolvidas no que se referem ao planejamento das receitas e despesas a serem realizadas. Com isso, em outubro de cada ano fiscal, todo o Imposto de Renda está estruturado, cujas informações serão transcritas na Declaração de Imposto de Renda a serem entregues em abril do ano seguinte.

Com esta metodologia de trabalho, a Safras & Cifras tem ajudado na boa organização dos produtores rurais com relação a sua parte fiscal e a correta informação prestada na sua Declaração de Imposto de Renda. Além da metodologia que adotamos via Calcir, logicamente que utilizamos as técnicas fiscais legais disponíveis na organização do negócio dos produtores rurais que permitirão uma correta Declaração de Imposto de Renda.

Física ou jurídica? — A maioria das propriedades rurais no Brasil é explorada pelas famílias dos produtores e, portanto, esta relação família x negócio deverá ser estruturada e organizada, visando o crescimento do negócio, a boa relação familiar e a parte tributária, já que a mesma faz parte desta nova estrutura societária. Muitas dúvidas existem entre os produtores rurais se a melhor forma de explorarem seus negócios é na Pessoa Física ou na Pessoa Jurídica. Na grande maioria, as suas decisões são de continuar atuando só como Pessoa Física. A decisão tomada ocorre por desconhecimento por parte dos produtores e também de alguns técnicos que lhes orientam, já que estes últimos entendem que a Pessoa Jurídica paga mais imposto,



“Toda a parte de impostos deve ser trabalhada durante o ano fiscal, o mês de abril é simplesmente o período de entrega da Declaração de Imposto de Renda”, lembram Iribarrem e Paiva

além da sua forma de controle ser mais burocrática. Pela nossa experiência na maioria das vezes esta orientação é incorreta.

Existem várias alternativas que poderão ser utilizadas na Organização do Negócio Familiar junto às propriedades. Uma delas é um mix entre Pessoa Física e Pessoa Jurídica na exploração do negócio, não pensando só em imposto, mas fundamentalmente na estruturação desta relação tão atritada que é Família x Negócio, cujos resultados obtidos pela Safras & Cifras têm sido excelentes para a boa convivência familiar e para o crescimento dos negócios geração após geração, associado a um planejamento

eficiente do processo sucessório.

No quadro ao lado, apresentamos pontos importantes que ajudarão a resolver os desafios existentes por meio de soluções a serem aplicadas,

que vão gerar enorme tranquilidade aos produtores com relação à sua parte fiscal e seu Imposto de Renda. Temos certeza que os produtores que adotarem as informações com relação ao seu negócio não serão uma caça fácil de ser alcançada pelo Leão.

Outros impostos que têm um alto impacto junto aos custos dos negócios rurais: Ganho de Capital (Lucro Imobiliário) na venda de propriedades rurais, Imposto de Transmissão Causa Mortis ou Doação (ITCMD), Imposto de Transmissão Intervivos (ITBI) na compra ou permuta de propriedades rurais, etc. Mas neste momento o objetivo é alertarmos sobre a importância que os produtores rurais deverão dar a sua parte fiscal e ao seu Imposto de Renda, cuja Declaração Anual está muito próxima de ser entregue.

Muitos outros pontos poderiam ser comentados sobre o Imposto de Renda dos produtores, mas o foco foi sobre alguns temas básicos, que já servirão de alerta para que os contribuintes não sejam surpreendidos em vários momentos econômicos dos seus últimos cinco anos fiscais por consequência de uma desorganização fiscal e de uma Declaração de Imposto de Renda incorreta.

IMPOSTO DE RENDA: NÃO ESQUECER QUE...

- ✓ Os lançamentos de Receitas e Despesas estejam de acordo com a Conciliação Bancária
- ✓ A Variação Patrimonial tenha origem fiscal
- ✓ Os novos investimentos tenham sido corretamente declarados
- ✓ As parcerias existentes estejam registradas em contratos
- ✓ Não seja alterado o valor da terra nua declarado no Imposto de Renda, assim como fazem no ITR
- ✓ A estruturação da Pessoa Jurídica com a Pessoa Física quando já existir ou quando criada esteja sempre de acordo com o Estatuto da Terra
- ✓ Todos os documentos que gerarem as informações para a elaboração da Declaração de Imposto de Renda tenham sustentação fiscal
- ✓ Sejam corretamente estabelecidas em contrato as relações negociais familiares existentes quanto à propriedade e o negócio que são explorados por pais, filhos, genros e noras

RENOVE FÁCIL REVISTA AG

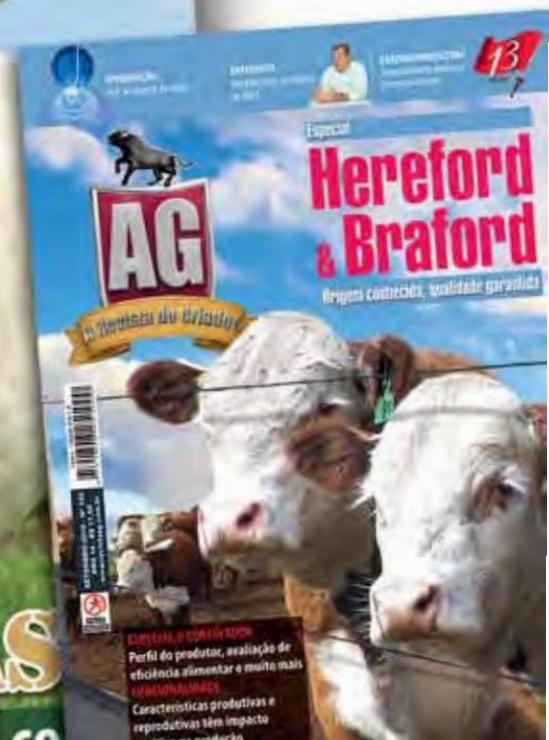
PAGUE NO CARTÃO* E
TENHA VANTAGENS EXCLUSIVAS!

0800 541 0526

WWW.REVISTAAG.COM.BR



*Visa / Master / Amex



REGRAS URBANAS NÃO

A unificação da legislação trabalhista urbana & rural segue provocando prejuízos e preocupações aos empregadores rurais

Joel Naegele, vice-presidente da Sociedade Nacional de Agricultura

A injusta e discutível unificação da legislação trabalhista urbana/rural implementada há alguns anos continua trazendo prejuízos e preocupações aos homens do campo e às suas lideranças. É preciso levar em consideração as repercussões negativas que ocorrem no setor e os incontáveis problemas de ordem jurídica que envolvem a interpretação da lei, ocasionando, quase sempre, a punição dos proprietários rurais, sejam eles grandes ou pequenos. Se nos reportarmos à tradicional relação que sempre existiu entre fazendeiros e colonos, que durante muitos anos foi muito mais de sólida amizade e companheirismo, concluímos que a adoção das regras, quando estendidas ao setor rural, constituiu, em muitos casos, um verdadeiro desastre.

Como proprietário rural, ex-dirigente sindical patronal, testemunhei inúmeras vezes que o patrão, quase sempre,

substituía a ação do Poder Público. De que forma? Ao amparar e assistir aos seus colonos, cedendo casa de moradia sem luxo – mas habitável – com água, energia elétrica, espaço para o plantio de agricultura de subsistência. Incluindo, de maneira frequente, permissão para que o trabalhador pudesse ter uma vaca a fim de produzir o leite necessário ao seu consumo, além de animal de montaria e condução para socorro em casos emergenciais.

Com a extensão da legislação trabalhista para o campo, todos esses benefícios concedidos pelos proprietários foram monetizados. Esse aspecto ensejou aos advogados a possibilidade de acionar os proprietários rurais com processos cujos valores, em muitos casos, eram superiores ao valor das propriedades. Não é necessário muitos argumentos para comprovar o enorme malefício que a extensão da legislação tra-

balhista para o campo trouxe para fazendeiros e sitiantes, sem que se observassem as enormes diferenças existentes entre as atividades exercidas na cidade e o trabalho rural.

Na indústria tradicional, um simples acionar do sistema elétrico faz com que todo maquinário entre em funcionamento, e a produção se deslanche, sem a preocupação com o que ocorre do lado de fora dos prédios das fábricas. No campo, por azar nosso, a coisa não é tão simples assim. Nossa atividade é exercida a céu aberto, sujeita a chuvas e trovoadas. Ou são chuvas fortes que provocam inundações e destroem as plantações, ou é o sol inclemente que torra tudo o que se plantou, sem contar com os azares próprios do negócio, com alterações de preços que, por vezes, não compensam nem mesmo o trabalho da colheita. Para completar, convive-se com vários problemas,



ÃO CABEM AO CAMPO

como as invasões de fazendas, a destruição de plantações, a matança de gado e outros danos provocados por essa “praga” genuinamente brasileira que é o MST.

Vale também chamar a atenção para o fato de que o esvaziamento do campo e o inchaço das cidades, com todos os sérios e graves problemas que essa migração criou, tem muito a ver com a impossibilidade dos proprietários rurais de manterem em suas fazendas, milhares, talvez milhões de brasileiros produtivos. Na verdade, os fazendeiros são pressionados pela exigência de se cumprir dispositivos da legislação que, ao serem levados para o campo, não observam as limitações que deveriam ser

consideradas.

Dá pena quando se viaja pelo interior antes povoado e percebe-se o número de casas abandonadas nas fazendas e, ao mesmo tempo, o crescimento da construção de barracos na periferia das grandes cidades. Assim como a expansão das favelas com todas os enormes contratempos que isso acarreta para os seus governantes e para a população em geral. Quem idealizou essa equiparação, não refletiu sobre as consequências. O assunto merece ser repensado. 



Escolha do Leitor

Esta reportagem foi escolhida pelo leitor da revista A Granja, que votou por meio da newsletter Agronews. Aproveite agora e escolha entre as três reportagens que estão em votação a que você prefere ver estampada nas páginas de nossa revista.

Caso ainda não receba a newsletter, cadastre-se no site www.agranja.com

11ª EXPOAGRO AFUBRA

A maior feira do Brasil voltada a agricultura familiar.

01, 02 e 03 de março de 2011



ENTRADA GRATUITA

BR 471 - KM 143 - RINCÃO DEL REY - RIO PARDO - RS

Apoio:

Informações:
(51) 3713-7700 - www.afubra.com.br

Ministério do
Desenvolvimento Agrário



EMATER/RS



Patrocínio:





A MO É A GEORREF

A Norma Técnica de Georreferenciamento de Imóveis Rurais tem a finalidade de acelerar o processo de certificação das propriedades agrícolas

Marcelo Cunha, engenheiro agrimensor e coordenador-geral de Cartografia do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra)

Diante da necessidade de modernizar e acelerar o processo de certificação dos imóveis rurais, várias medidas de curto prazo foram tomadas pela Diretoria de Ordenamento da Estrutura Fundiária do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) para atualização da Norma Técnica e dos procedimentos internos de análise de processos de certificação. Em fevereiro de 2010, foram publicadas a 2ª Edição da Norma Técnica de Georreferenciamento de Imóveis Rurais (NTGIR) e a Norma de Execução N° 92/2010. A primeira trata dos procedimentos de levantamento e apresentação das peças técnicas no Incra para certificação; e a segunda, dos procedimentos internos da autarquia para análise dos processos de certificação. Em setembro de 2010, foram publicadas a 2ª Edição revisada da NTGIR e a Norma de Execução N° 96/2010. Esta última substituiu a NE 92/2010. As mu-

MODERNIZAÇÃO A META DO GERENCIAMENTO

danças decorrentes dessas ações realizadas ao longo do ano foram extremamente positivas para acelerar e aperfeiçoar o processo de certificação.

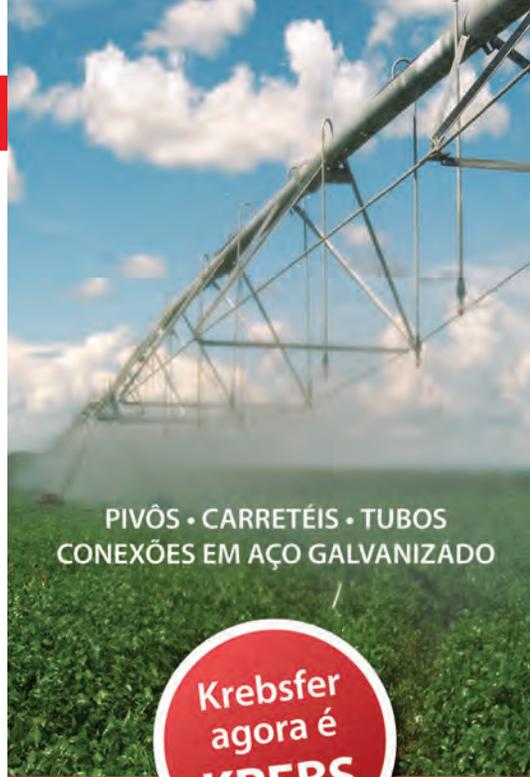
A 2ª Edição da NTGIR, por exemplo, expandiu e atualizou os métodos de levantamento, possibilitando maior celeridade no trabalho de campo e definiu diferentes precisões no levantamento de acordo com as condições *in loco*. Desta forma, a Norma se adequa melhor à realidade de campo e permite flexibilidade na determinação das coordenadas dos vértices que compõem o perímetro do imóvel, facilitando a determinação deste perímetro. A Norma também substituiu a Declaração de Reconhecimento de Limites pela Declaração de Respeitos de Limites. Na primeira, havia obrigatoriedade de assinatura e reconhecimento de firma por parte de todos os confrontantes. Na segunda, somente o proprietário do imóvel objeto de certificação e o profissional contratado para o serviço de georreferenciamento assinam uma declaração – registrada em Cartório de títulos e documentos – de que todos os limites dos confrontantes foram respeitados.

Outra mudança é que a 2ª Edição revisada retira do rol de documentos obrigatórios para Certificação os formulários de declaração do produtor e o Certificado de Cadastro de Imóvel Rural (CCIR). Desta forma, entende-se que a atualização cadastral é um serviço executado após a certificação do imóvel e não de forma concomitante, como vinha sendo realizado. Essa mudança trouxe agilidade no trâmite do processo.

Simplificação — Já a Norma de Execução NE 96/2010 definiu de for-

ma objetiva e clara os procedimentos para análise dos processos de certificação e simplificou o processo de análise cartográfica de forma significativa, organizando a sequência de análise de forma a atender exclusivamente o que determina o parágrafo 2º do artigo 9º do Decreto 4.449/2010, que trata da certificação de imóveis rurais. A análise cadastral que anteriormente consistia em todas as etapas para atualização cadastral, agora se restringe a uma simples pesquisa cadastral que determinará se o imóvel está devidamente cadastrado no Incra e se as matrículas apresentadas pelo proprietário comprovam o domínio sobre a área objeto da Certificação. Assim, a tramitação dos processos de certificação tornou-se muito mais célere, propiciando a prestação de serviço mais eficiente.

Para o segundo semestre de 2011, está prevista a implantação do Sistema Automatizado de Certificação de Imóveis Rurais no INCRA. Este Sistema permitirá a informatização de praticamente todo o processo de certificação, com envio de dados e documentação via internet e emissão da Certidão de Certificação da mesma forma. Com esse projeto, o Incra pretende resolver definitivamente o problema de atendimento à demanda de certificação em prazo razoável e definido em Lei Federal, que é de 30 dias. A modelagem e construção/programação do Sistema Automatizado de Certificação foram iniciadas em agosto de 2010 e, atualmente, encontram-se em franco desenvolvimento por uma equipe de Engenheiros Agrimensores e Cartógrafos do Incra e por uma empresa de informática contratada. ☒



PIVÔS • CARRETÉIS • TUBOS
CONEXÕES EM AÇO GALVANIZADO



A Krebs é uma empresa 100% nacional que há mais de 40 anos auxilia o agricultor com sua ampla linha de soluções em irrigação.

A adoção do nome Krebs une sua tradição com uma visão criativa voltada para a agricultura moderna.



19 3119-4000

krebs@krebs.com.br

www.krebs.com.br

OS FUNDAMENTAIS **ZE**

A manutenção de tratores, colheitadeiras e equipamentos é decisiva para que funcionem a contento e que tenham vida útil estendida ao máximo. E os cuidados dividem-se em periódicos e corretivos

Alexandre Russini, José Fernando Schlosser, Ulisses Giacomini Frantz e Gustavo Heller Nietiedt, do Núcleo de Ensaios de Máquinas Agrícolas (Nema) da Universidade Federal de Santa Maria/RS

As propriedades agrícolas caracterizam-se em grande parte como empresas rurais, com intenso investimento em infra-estrutura, máquinas e equipamentos. Muitas das atividades realizadas dentro da propriedade são executadas dentro de um curto período de tempo, em que se requer máquinas e equipamentos bem dimen-

sionados e, principalmente, em plenas condições de operação. As máquinas não “quebram” quando estão paradas, e sim quando estão trabalhando, acarretando atrasos de plantio, pratos culturais ou colheita, que vão refletir em consideráveis prejuízos ao proprietário.

A manutenção é caracterizada como sendo o conjunto de procedimentos que

visa manter colhedoras, tratores e demais equipamentos nas melhores condições de funcionamento. E prolongando a vida útil por meio da lubrificação, ajustes, revisões e proteção contra os agentes nocivos como, por exemplo, a chuva, sol e a poeira. Assume dessa forma fundamental importância para o normal funcionamento do parque de má-



Foto: Divulgação

ELOS COM A MÁQUINA

quinas, e permite assim que as atividades agrícolas sejam desenvolvidas dentro da normalidade e com a máxima eficiência operacional possível.

A manutenção pode inicialmente ser classificada em periódica e corretiva. A periódica engloba a manutenção diária, realizada pelo operador antes do início da jornada de trabalho, além da manutenção semanal, mensal e anual, baseada no número de horas de trabalho do trator ou colhedora, levando em consideração um cronograma pré-estabelecido pelo fabricante. A corretiva, como próprio nome sugere, é uma correção de possíveis anormalidades que surgem no decorrer da realização de uma determinada atividade.

O operador tem um papel fundamental nesse processo, pois cabe a ele muitas vezes fazer o controle e a própria manutenção, quando o serviço não requer uma mão de obra especializada. Normalmente nas empresas rurais quando o número de máquinas é considerado grande e a distância da assistência técnica é limitante, torna-se indispensável o controle e a execução da manutenção por uma equipe responsável, formada por mecânicos e auxiliares, cujo número de componentes é determinado em função do tamanho da frota.

Periódica — Na manutenção diária, o operador antes de dar partida no motor deve conferir o nível do óleo do cárter e do sistema hidráulico e/ou transmissão, por meio das varetas de indicação do nível, que normalmente se localizam em pontos de fácil acesso na maioria dos modelos de máquinas. Deve também observar o nível da água do radiador, tensão da correia do alternador, pressão de insuflagem dos pneus, baseada nas especificações técnicas do fabricante. E realizar a lubrificação com graxa dos pontos onde existem “pinos graxeiros”, além de pelo menos uma vez por semana drenar o sedimentador de combustível para retirada de água e impurezas retidas.

Em determinados casos, o operador deixa de abastecer a máquina no final da jornada de trabalho, o que é um pro-

cedimento errado, pois, se o tanque estiver com pouco combustível ocorrerá a condensação de água contida na forma de vapor, que entra através do ar pelo respiro do tanque e da própria evaporação da água contaminante do combustível. Esse fenômeno ocorre devido ao calor gerado durante o funcionamento do motor com posterior resfriamento no período noturno, acarretando a contaminação do combustível por água, o que é extremamente prejudicial ao sistema de injeção.

A manutenção periódica engloba também a troca de óleos e filtros do motor, sistema hidráulico e transmissão, filtro do sistema de alimentação de ar, ou limpeza, aperto de rodas, regulagem de freios e embreagem, sempre levando em consideração as especificações de cada modelo contidas no manual do operador. Para máquinas dentro do período de amaciamento, os procedimentos de manutenção são antecipados, porém a partir deste período deve-se seguir o cronograma recomendado pelo fabricante. Alguns produtores organizam o cronograma de manutenção diário, semanal, mensal e anual, baseado no número de horas, e procuram difundir aos seus funcionários, com certo nível de controle, tanto por parte dos mecânicos quanto dos operadores.

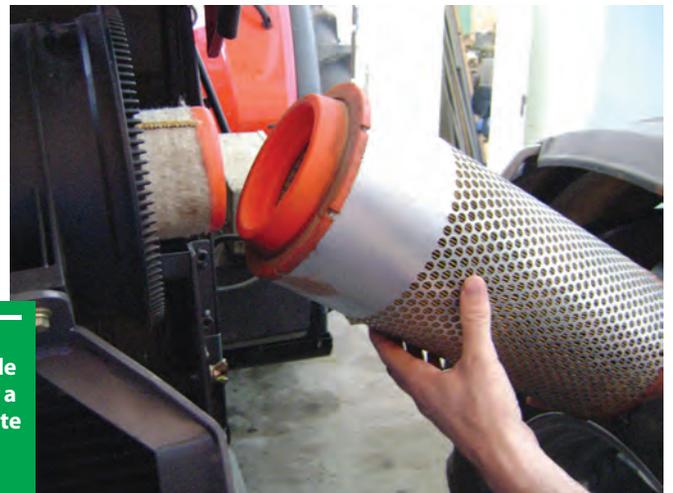
No caso dos filtros de ar, existem diferenciais entre modelos encontrados no mercado, des-

Na manutenção diária, antes da partida no motor, conferir o nível da água do radiador (em cima), além do nível de óleo do carter (embaixo) e do sistema hidráulico e/ou transmissão



de sistemas de filtragem com filtros de autolimpeza, até a troca do elemento filtrante quando houver a indicação do sinalizador de restrição localizado no painel de instrumentos. O sistema de filtragem de ar formado por filtro primário e secundário permite que seja feita a limpeza do filtro primário, que não deve ser superior a cinco limpezas (quando indicar restrição), ou troca do elemento filtrante primário e secundário aproximadamente a cada mil horas de trabalho.

A limpeza ou substituição do filtro de ar deve sempre seguir a orientação do fabricante da máquina



Quanto à troca de óleo, sempre se recomenda que o filtro também seja trocado, pois muitas vezes, existe um hábito de trocar o filtro na segunda troca de óleo. Ou seja, uma troca sim outra não, sendo que este procedimento deve ser evitado porque todas as impurezas retidas no filtro não trocado irão contaminar o óleo novo, perdendo a sua funcionalidade.

Corretiva — Já a segunda classificação de manutenção, denominada corretiva, tem por objetivo principal realizar reparos que por ventura venham ocorrer com as máquinas. Por exemplo, soldas, troca de rolamentos, correias, retentores, cruzetas de transmissão, parafusos, conjunto de embreagem, freios e outros componentes desgastados em decorrência da operação normal ou não. Essa manutenção é muito importante, pois em períodos de grande utilização como plantio ou colheita evita que a máquina fique parada, até que o problema seja resolvido pela assistência técnica mais próxima, colocando a mesma em operação o mais rápido possível.

Oficina caseira — Para que a manutenção seja realizada de forma correta, a propriedade deve dispor de uma oficina em boas condições de limpeza, luminosidade, local seco e arejado, com espaço amplo e de preferência com piso de concreto, e equipada com o ferramental necessário. Além de equipamentos utilitários como soldador, compressor, prensa hidráulica, macaco hidráulico e equipamento de proteção individual. Recomenda-se uma área de aproximadamente 12 metros quadrados para armazenagem de tratores, e 15 m² para manutenção. Para as máquinas de maior porte, como as colhedoras, normalmente recomendam-se o espaçamento ocupado por quatro tratores, ou 60 m², o que permite que o trabalho de manutenção seja realizado com maior facilidade e segurança.

É importante que o operador conheça suas obrigações e que a propriedade tenha um plano de manutenção estabelecido em critérios técnicos e organizacionais, a fim de assegurar o andamento normal das atividades, evitando im-

TRATORES: PERÍODOS MÉDIOS DE MANUTENÇÃO

Horas de trabalho	Tipo de manutenção
10	Tensão da correia do alternador Nível do óleo do motor Nível do óleo da transmissão Nível de água do radiador Engraxamento Pressão de insuflagem dos pneus
50	Drenagem do sedimentador do filtro de combustível Limpeza do pré-filtro de ar
100	Verificação das mangueiras hidráulicas e dos sistemas de arrefecimento e alimentação de combustível Aperto dos parafusos das rodas Limpeza dos respiros da transmissão
250 – 300	Troca do filtro de combustível Troca do óleo lubrificante do motor e do filtro Verificar o nível de óleo do eixo da tração dianteira auxiliar
500	Se necessário, regulagem de freio e embreagem
700 – 800	Troca do filtro do sistema hidráulico Troca do óleo da transmissão e/ou sistema hidráulico Troca do óleo da tração dianteira auxiliar
1.000 – 1.200	Troca do elemento filtrante primário e secundário do sistema de alimentação de ar

previstos e acima de tudo, garantindo uma maior vida útil às suas máquinas, diminuindo o desgaste e quebra de componentes. Portanto, a interligação desses fatores tem como consequência uma redução direta nos custos, questão essa de suma importância em uma agricul-

tura cada vez mais tecnificada, de altos investimentos e com retorno nem sempre garantido. ☒

Para a manutenção adequada, a propriedade deve dispor de uma oficina em boas condições de limpeza, luminosidade, local seco e arejado e com espaço amplo



Fitossanidade

em destaque



OS PERIGOS DA BROCA-DA-RAIZ

Os surtos populacionais da praga são mais comuns em áreas com alta umidade do solo, cultivos sucessivos de algodão e onde não é feita a destruição dos restos culturais

Carlos Alberto Domingues da Silva, doutor, pesquisador e chefe adjunto de Pesquisa e Desenvolvimento da Embrapa Algodão

A cultura do algodão é de grande expressão socioeconômica para os setores primário e secundário do Brasil. Todavia, as pragas constitu-

em-se em um dos fatores limitantes para a sua exploração. É bem possível que a natureza tenha desenhado a planta de algodão especialmente para os insetos.

Suas folhas, botões florais, flores, maçãs e nectários, largos e suculentos, atraem prontamente os artrópodos. Alguns desses organismos são benéficos,



17 a 20 maio 2011
NAMPO HARVEST DAY
Bothaville, South Africa

verifique nossos roteiros
www.agritoursbrasil.com.br

PROGRAMA-SE:

**FARM
PROGRESS
2011 SHOW**
Decatur, Illinois

de 30 de agosto a 01 de setembro de 2011

Maior feira de máquinas
agrícolas e pecuária no
hemisfério sul

A maior feira dinâmica do mundo com exposições de milhares de produtos agrícolas.

Área de demonstrações de campo com equipamentos de plantio, cultivo, colheita e agricultura de precisão.

Também segmento de sementes com destaque das novidades em genética e proteção de culturas.



Período crítico de ocorrência da broca-da-raiz vai da germinação até o aparecimento da primeira flor

mas muitos deles causam danos ao algodoeiro e, por isto, são consideradas pragas importantes da cultura. Dentre essas destaca-se a broca-da-raiz do algodoeiro, *Eutinobothrus brasiliensis* (Hambleton) (Coleoptera: Curculionidae). As plantas da família das malváceas pertencentes aos gêneros *Gossypium* e *Hibiscus* se constituem nos principais hospedeiros desse coleóptero.

O ataque da broca ocorre inicialmente em reboleira, mas a partir da segunda geração a infestação aumenta e a praga pode se disseminar para quase toda lavoura. Os danos são caracterizados pela abertura de galerias na porção lenhosa e pivotante das raízes das plantas e essas galerias aumentam de diâmetro na medida em que as larvas da broca crescem e se desenvolvem. Essas galerias provocam hipertrofia e necrose dos tecidos, tornando as plantas raquíticas e podendo levá-las a morte devido ao seccionamento dos vasos.

As plantas atacadas murcham, ficando com as folhas avermelhadas e pendentes e quando arrancadas, mostram as raízes deformadas com nós ou calosidades e partes mortas. No caule e nas raízes atacados, pode-se encontrar a broca.

Os surtos populacionais dessa praga são favorecidos em áreas com alta umidade do solo, como aquelas encontradas em baixadas, cultivos sucessivos de algodão e onde não se realiza a destruição dos restos de cultura. Áreas de cultivo de algodoeiro sob sistema de plantio direto tendem a ser mais infestadas por essa praga, pois a camada de palha que recobre o solo serve de proteção contra a radiação solar, impedindo a morte das larvas por dessecação.

O inseto adulto é um besouro com cerca de 3 a 5 milímetros de comprimento e coloração creme logo após sua emergência, tornando-se preto quando adulto. Tem o hábito de perfurar o caule na altura do coleto, alimentando-se de folhas antes do acasalamento. Faz a postura à noite, no colo da planta, rente ao solo. Os ovos apresentam coloração variável entre o creme-esbranquiçado ao amarelo, formato oval, arredondado nas extremidades e variável no tamanho, apresentando diâmetro de

0,45 milímetro. As larvas apresentam coloração variável entre o branco e o pardo, medindo cerca de 7 milímetros de comprimento.

Período crítico — O ciclo biológico da broca é de 83 dias (ovo: 11 dias a 21°C; larva: 58 dias a 23°C; pupa: 15 dias a 22°C). A longevidade varia de 100 a 200 dias, respectivamente, para fêmeas e machos. O período de pré-oviposição varia entre 6 a 7 dias a 25°C. Cada fêmea oviposita em média 1 ovo/dia, com produção média de 160 ovos/fêmea. A razão sexual é de 0,51 e podem ocorrer até quatro gerações anuais.

O período crítico de ocorrência da broca-da-raiz vai da germinação até o aparecimento da primeira flor. Em áreas de reconhecida ocorrência, o tratamento preventivo de sementes deve ser empregado, principalmente por não se ter estabelecido o nível de controle para essa praga, cujo ataque só é detectado após o dano. Sugere-se efetuar o tratamento de sementes com inseticidas do grupo químico dos car-

bamatos (carbofuran) na dose de 2 litros de produto comercial ou 600 gramas de ingrediente ativo por 100 quilos de sementes ou organofosforados (parathion methyl, dissulfoton, phosmet) na dose de 500 gramas de ingrediente ativo por 100 quilos de sementes. Outra prática bastante utilizada para o controle da broca-da-raiz é a eliminação de restos culturais do algodoeiro de maneira mecânica (pela trituração), ou química, com herbicidas. ☒



Planta afetada pela broca (acima) e a larva da praga atacando a raiz



Divulgação

de 7 a 11 de fevereiro

Show Rural

COOPAVEL

Jan Tanker Fast 16.500

Participe conosco!

Área Exclusiva



Test Drive
Power Jet 2011

Divulgação

Tube maior e melhor velocidade de descarga da categoria
Venha conhecer o
TANKER FAST 16.500



Implementos Agrícolas Jan S/A
Av. Dr. Waldomiro Graeff, 557
Não-Me-Toque / RS / Brasil
Fone: (54) 3332 6500
www.jan.com.br



LAGARTA-DO-PESCOÇO-VERMELHO

PROBLEMA NOSSO

Praga do amendoim, que só tem importância nas lavouras do Brasil, ataca folíolos ainda fechados e pode afetar até 65% da produção

Júlio César Janini, Bruno Henrique Sardinha de Souza e Arlindo Leal Boiça Júnior, pesquisadores da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV/Unesp), Laboratório de Resistência de Plantas a Insetos, juliojanini@yahoo.com.br

O amendoim é mundialmente considerado uma importante fonte de proteína e óleo com teores em torno de 23% e 45% no grão, respectivamente. Sua importância econômica se deve principalmente à sua grande diversidade de formas de consumo, sendo considerado como a quarta maior cultura oleaginosa no mundo, com 10% do total da safra mundial de oleaginosas –atrás apenas da soja, algodão e colza. A produção de amendoim no Brasil é de aproximadamente 303 mil toneladas anuais, em uma área plantada de 115,2 mil hectares. O estado de São Paulo é o principal produtor, com aproximadamente 236 mil toneladas e uma área de aproximadamente 81,3 mil hectares.

A planta do amendoimzeiro é atacada por inúmeras pragas na parte aérea destacando-se entre elas o tripses-do-prateamento, *Enneothrips flavens* Moulton, 1941 (Thysanoptera: Thripidae), que tem ocorrência generalizada na cultura em elevados níveis populacionais. Dentre as pragas de solo, nos últimos anos tem incrementado a ocorrência do percevejo-preto, *Cyrtoneurus mirabilis* (Perty, 1836) (Hemiptera: Cydnidae), causando danos desde a destruição do sistema radicular das plantas até danos nas vagens e grãos, provocando consequentemente perdas na produção.

Com os avanços tecnológicos para a

condução da cultura do amendoimzeiro associado ao aumento das áreas de plantio, principalmente em rotação com a cultura da cana de açúcar, vem merecendo atenção a lagarta-do-pescoço-vermelho, *Stegasta bosquella* (Chambers, 1875) (Lepidoptera: Gelechiidae), assumindo papel de praga-chave devido aos prejuízos econômicos proporcionados pelos seus ataques nas folhas.

As lagartas se alimentam dos folíolos ainda fechados, danificando a superfície dos mesmos ou proporcionando-lhes pequenos furos. Assim que as folhas se abrem as lagartas migram para novas folhas. Em observações de campo, verificou-se que a lagarta afetou em até 65% a produção do amendoim de hábito de crescimento ereto. A lagarta completamente desenvolvida mede cerca de seis milímetros de comprimento,

de coloração branco-esverdeada e de cabeça preta. Seus dois primeiros segmentos torácicos são vermelhos, característica que lhe atribui seu nome vulgar.

Após a fase larval, cuja duração é de 8 a 15 dias, na grande maioria das vezes as lagartas se direcionam até o solo, onde se transformam em pupas. No entanto, em alguns casos podem-se observar pupas de *S. bosquella* na parte aérea das plantas, entre as folhas ou nas axilas das mesmas. O período de pupa pode durar de 4 a 10 dias, passado o qual, o inseto atinge a fase adulta. Os adultos são mariposas que medem cerca de seis a sete milímetros de envergadura, apresentando o corpo de coloração cinza-prateado com manchas amarelo-dourado. Na base da asa, nota-se uma grande mancha esbranquiçada que vai da margem interna à metade da asa. A longe-



Júlio Janini

VERMELHO:

vidade dos adultos varia entre 6 a 17 dias, período no qual as fêmeas depositam os ovos de forma isolada ou em pequenos grupos sobre ou sob as brácteas das gemas, durante a noite. O período de incubação dos ovos dura de 2 a 3 dias, passado o qual ocorre a eclosão das lagartas. O ciclo completo da praga se dá em 4 a 6 semanas (veja imagem).

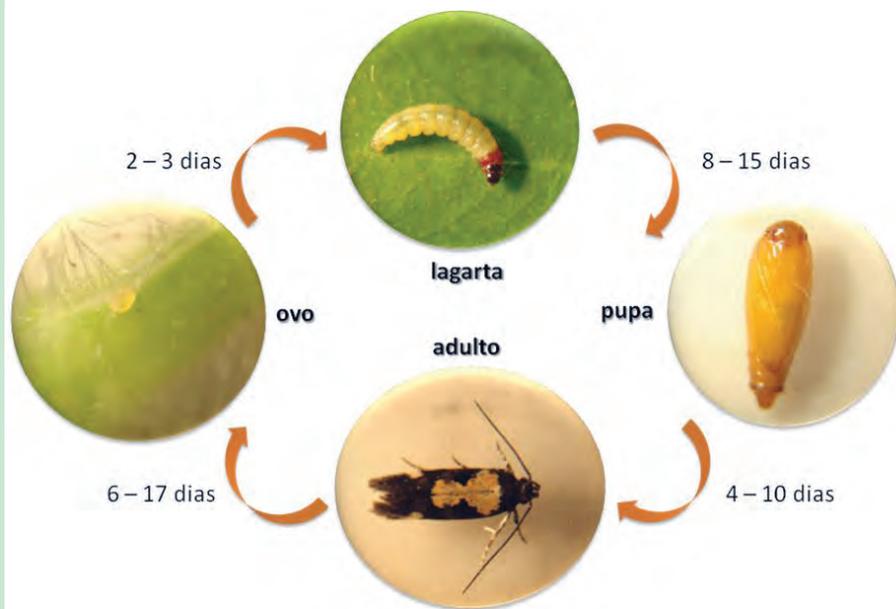
Métodos de controle — Para o controle da lagarta-do-pescoço-vermelho recomenda-se um nível de ação quando sua densidade populacional atingir uma lagarta em cinco ponteiros de plantas amostradas. Entre os inseticidas, aqueles mais utilizados são do grupo dos carbamatos e piretróides, sendo também usados organofosforados ou reguladores de crescimento de insetos. Estudos sobre o controle de *S. bosquella* mostraram que o produto imidacloprid + betaciflutrina, na dosagem entre 56,25 gramas de ingrediente ativo por 100 litros demonstrou melhor controle, embora não tenha muitos produtos classificados para o controle do inseto. Tal fato se deve, provavelmente, devido a seu comportamento característico da lagarta em se alojar no interior de folíolos jovens ainda fechados, o que dificulta a penetração do inseticida. Quando usados inseticidas de forma excessiva no amendoim, torna-se necessária a redução, uma vez que essas pulverizações podem aumentar o custo da produção, causar efeitos adversos ao agroecossistema, deixar resíduos nos alimentos, selecionar populações do inseto resistentes aos princípios ativos dos produtos químicos, além de causar mortalidade dos inimigos naturais que atuam no controle biológico natural dessa praga no campo. Em observações recentes realizadas em experimentos de campo, verificou-se que para-

sitóides da família Braconidae atuam como importantes inimigos naturais da lagarta-do-pescoço-vermelho.

Já em relação a genótipos resistentes a esse inseto, estão sendo realizados trabalhos com espécies silvestres e cultivares de amendoim no Departamento de Fitossanidade da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV/Unesp), em Jaboticabal/SP, onde se verificaram genótipos com diferentes níveis de resistência a essa praga. Dentre 48 genótipos estudados, 13 se destacaram como resistentes, sendo os seguintes: W 421 (*Arachis stenosperma*), V 10506 (*A. stenosperma*), GKP 10017 (*A. cardenasii*), V 6351 (*A. kuhlmannii*), V 15076 (*A. stenosperma*), KG 30006 (*A. hoehnei*), KG 35005 (*A. benensis*), V 10309 (*A. stenosperma*), SV3712 (*A. stenosperma*), V 8979 (*A. kuhlmannii*), V 13832 (*A. stenosperma*), V 13250 (*A. kemppfermeradoi*) e V 6325 (*A. helodes*).

Relevância no Brasil — Uma das razões de pouco estudo sobre a lagarta-do-pescoço-vermelho é a sua pouca importância econômica em outros países, sendo considerada praga-chave da cultura somente no Brasil. No germoplasma do amendoim cultivado (*A. hypogaea*), alguns cultivares são aparentemente menos sensíveis às infestações, mas não a ponto de representar soluções significativas para esse inseto. Desse modo, estudos mais aprofundados em relação aos métodos convencionais de controle, como, por exemplo, elaboração de inseticidas que ao mesmo tempo sejam eficientes na mortalidade da praga e seletivos aos seus inimigos naturais, tecnologia de aplicação, além de pesquisas sobre cultivares que possuam fatores de resistência a essa praga são imprescindíveis a fim de se inserirem tais táticas em um programa de manejo integrado de *S. bosquella* na cultura do amendoim. ☒

Ciclo biológico da lagarta-do-pescoço-vermelho



Fotos: Janini, J. C. & Souza, B. H. S., 2010.

Mofo Branco? Tenha mais esta ferramenta: Trichodermil!
Testado e aprovado por instituições oficiais: diminuiu a incidência desta perigosa doença.

Trichoderma eficiente é Trichodermil®

O primeiro Biofungicida registrado no MAPA/Brasil.

ITAFORTE
BioProdutos

A natureza a serviço da natureza®

www.itafortebioproductos.com.br fone (15) 3271.2971
Rod. Raposo Tavares, Km 167 - Itapetininga - SP

Bioinseticidas:

Metarril® (cigarrinhas em cana-de-açúcar e pastagem)

Boveril® (ácaros, mosca-branca, broca do café, entre outras pragas)

Convênio Tecnológico com a ESALQ/USP desde 1996. Registros no MAPA.

Marcas registradas.

DVA INVESTE EM LABORATÓRIO DE AGROQUÍMICOS

A DVA anunciou *joint-venture* na China com a Iprochem para a formação da Ipro DVA, empresa responsável pela estruturação e gestão de um moderno laboratório de controle de qualidade de insumos utilizados na produção de agroquímicos a partir daquele país. “A qualidade dos insumos é um dos mais importantes compromissos da DVA. Mais do que isso, representa a segurança de qualidade dos nossos produtos globalmente, o que confere confiabilidade e diferenciação ao portfólio da DVA”, ressalta Carlos Pellicer, presidente da DVA Brasil.



Fotos: Divulgação

Carlos Pellicer

BASF LANÇA CONCURSO FOTOGRÁFICO

A Basf realiza até julho o Zoom – Concurso Fotográfico Digilab. Os usuários poderão participar catalogando as suas imagens capturadas com o Digilab. O material estará disponível no site do Top Ciência www.topciencia.com.br, comunidade que reúne profissionais com interesse em desenvolver a pesquisa para a agricultura. Para a gerente de Comunicação e Serviços de Relacionamento com o Cliente da Basf, Adriana Boock, o concurso é um meio de enfatizar a conectividade que existe na comunidade Top Ciência.



Adriana Boock



Nilson Silva

ARYSTA PROMOVE DIAS DE CAMPO EM PALOTINA

A Arysta LifeScience promoveu, em janeiro, dois dias de campo, em Palotina/PR, destinados a agricultores e engenheiros agrônomos, com o objetivo de orientá-los quanto aos cuidados necessários para proteger as lavouras contra pragas e doenças. “Nosso foco é contribuir com os agricultores para controlar as pragas das culturas e, assim, possibilitar alta produtividade”, afirma Nilson Silva, gerente de Produtos da Arysta.

BEQUISA TEM NOVO FINANCEIRO

O executivo José Alves Neto foi contratado pela Bequisa para reforçar o time financeiro. A sua vasta experiência no



José Alves Neto

segmento, após 17 anos de atuação na italiana Sipcam, será de grande importância para o contínuo crescimento e desenvolvimento da empresa, contribuindo para implantação de projetos, lançamento de novos produtos, investimentos fabris e expansão da exportação.

NOVO GERENTE COMERCIAL DA IHARA

O engenheiro agrônomo José Antônio Ribas Volaco assumiu em janeiro o cargo de Gerente Comercial da Regional 100, que abriga a Região Sul do país, parte do Mato Grosso do Sul e alguns municípios do estado de São Paulo. “Nesta função, pretendo contribuir para o crescimento dessa regional, de forma sustentável, alinhado com os clientes revendas e cooperativas, sempre com o objetivo de contribuir para melhores resultados no campo”, afirma Volaco.



José Antônio Ribas Volaco



Márcia Terzian

GIRO FMC REÚNE EMPRESÁRIOS RURAIS

Informação técnica, aventura, diversão e adrenalina em um dia inteiro de atividades *off-road* são algumas características do Giro FMC, um misto de rali de regularidade e dia de campo promovido pela FMC Agricultural Products. “A proposta inicial da empresa era aproximar-se de seus parceiros de negócios, buscando uma forma mais prática de demonstrar produtos consagrados no mercado, como Talstar. Mas o evento superou todas as expectativas ao proporcionar uma conexão emocional com os clientes”, aponta Márcia Terzian, Gerente de Marketing de Soja da FMC.

INPEV: 31 MIL TONELADAS DE EMBALAGENS

No ano passado, tiveram destino seguro 31.266 toneladas de embalagens vazias de defensivos, das quais 92% encaminhadas para reciclagem. Os números são do Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (inpEV), a instituição que representa as indústrias fabricantes de defensivos para a destinação das embalagens vazias de seus produtos. O resultado representa aumento de 9% na destinação desse material comparado ao ano anterior, quando o país destinou 28.771 toneladas. Os estudos apontam que 16 estados apresentaram crescimento no volume destinado. Desses, os que tiveram maior destaque foram Mato Grosso (7.103 toneladas), Paraná (4.716 t), São Paulo (3.612 t), Goiás (3.313 t), Rio Grande do Sul (2.839 t) e Minas Gerais (2.605 t).

NOVAS PESQUISAS DA MONSANTO

A Monsanto comunicou avanços científicos em nove pesquisas do seu *pipeline*. Quatro destes trabalhos são novos projetos adicionados à lista no ano passado. Outros dois chegam à última fase de testes antes da aprovação comercial, nos Estados Unidos: milho que substitui o despendoamento na produção de sementes e soja tolerante ao herbicida dicamba. As pesquisas, segundo o presidente da Monsanto do Brasil, André Dias, farão com que cheguem ao mercado cada vez mais produtos que atendam às necessidades dos agricultores.



André Dias



Elvio Pozzobon

DUPONT: SUCESSO NO CONTROLE DA FERRUGEM

Agricultores gaúchos referências atestaram que o segredo contra a ferrugem está na escolha de um fungicida. Elvio Pozzobon, há 18 anos cultivando soja, fez três aplicações preventivas de Approach® Prima, da DuPont, na safra 2009/10, e colheu em média 58 sacas por hectare. “Estou convicto de que foi graças ao controle eficiente da ferrugem, principalmente, que elevamos a rentabilidade de nossa lavoura na casa de 20%”.

-Busch Sistemas de Precisão Pioneira na Otimização de Pulverizadores -Especializada na linha eletrônica Arag de Pulverização



www.buschsistemas.com.br
E-mail: buschsistemas@buschsistemas.com.br
Rua Ipiranga, 356 - B. Glória - CEP 99500-000 - Carazinho-RS



PRÊMIO PARA UM EMPR

Flávia Drago

Boas idéias de empreendedorismo podem ser a grande chance para pequenos produtores. Basta ambição pessoal e um incentivo, uma orientação capacitada. O agricultor Ernesto Katsunori Suzuki, de Tomé-Açu/PA, teve a oportunidade de expandir seus horizontes e foi recompensado pelo esforço com uma premiação nacional. Em foi um dos três vencedores do concurso “Melhores

Projetos do Programa Empreendedor Rural”, promovido pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar). Suzuki ganhou o prêmio pela implantação de um projeto de sistemas agroflorestais, ao diversificar as fontes de renda da propriedade.

A verdade é que Suzuki já possuía um tino empreendedor. À frente des-

de 2009 da Fazenda Toshi (que pertencia ao pai), ele cultiva acerola, cacau, pimenta-do-reino, melancia, mamão, cajá, sendo que o dendê (também conhecido por palma) é sua principal atividade econômica. “O dendê tem sido importante principalmente com a corrida do biodiesel no Brasil”, destaca o agricultor, que dispensa uma área de 156 hectares à cultura. Com dez funcionários, a fazenda



Ernesto S
Açu/PA,
cultu
proprie
prêm

REENDEDOR AO NATURAL

direciona a produção a dois destinos: o dendê é vendido para o Grupo Agropalma, especializada em extração de óleo vegetal (principalmente de palma), enquanto as frutas são comercializadas junto à Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (Camta). A receita das vendas gira em torno de R\$ 18 mil por mês.

A partir do que aprendeu ao elaborar o projeto vencedor, ele quer expandir suas produções com alternativas como açaí, carambola e óleo de cupuaçu, além de aumentar a área de cacau.

Foi esta diversificação que levou Suzuki a ganhar o prêmio. “O projeto dele é relacionado à produção de frutas. Ele é um produtor pequeno, porém vinculado à uma cooperativa bem estruturada e com certeza o projeto elaborado fará grande diferença no processo produtivo dele, como fornecedor da cooperativa”, justifica Patrícia Machado Gomes, coordenadora da Área de Desenvolvimento e Avaliação do Departamento de Educação Profissional e de Promoção Social do Senar.

Suzuki foi inicialmente capacitado pelo Programa Empreende-

dor Rural, do Senar. O curso de gestão e empreendedorismo ocorre anualmente, e após quatro meses de estudos sobre produção, mercado, fluxo de caixa e técnica, os agricultores podem, de forma facultativa, apresentar seus projetos com base na sua produção dentro do seu estado. “É avaliado o bom planejamento, o diagnóstico, ver se o produtor entendeu o projeto, o estudo de mercado, se ele é viável... mas também são analisados os projetos que não são viáveis, mas que provem que o produtor se preocupou com a análise do que criou”, explica Patrícia. Andrea Barbosa Alves, chefe do departamento de Educação Profissional e Promoção Social do Senar, conta que o programa tem bastante aceitação dos produtores. “O programa tem sido referência em diversos estados. Anualmente, recebemos trabalhos excelentes, mas infelizmente não podemos premiar todos. O produtor recebe a teoria e passa a semana inteira amadurecendo aquele conhecimento. Isso é muito enriquecedor.”

Aprendizado com os platinos — Como prêmio, os premiados ganham uma viagem de aprendizado. “Buscamos levá-los a lugares onde possam aprender de acordo com o que eles já produzem”, explica Patrícia. Dessa vez, a viagem foi para o Uruguai, onde eles visitaram cultivos de frutas e criação de ovinos. “É um lugar bem diferente, gostei de ter conhecido. Tem uma organização diferente da nossa, e é mais tranquilo nas ruas também”, conta. “Visitamos as produções de ovinos, criação que é bastante desenvolvida lá. Foi bastante interessante pra mim, já que quero também acrescentar ovinos e pastagem na minha propriedade”. Suzuki também achou interessante as produções de maçãs e peras, mas principalmente surpreendeu-se com a falta de uma cooperativa forte. “Acho que somos melhores nisso”, pontifica.

Essas observações são essenciais, e é um dos objetivos do próprio prêmio que recebem. A viagem ao exterior, conhecer novos métodos de produção e a própria análise cooperativista de países vizinhos torna o agricultor mais capacitado. “O produtor sai do curso e da viagem diferente para o mundo, sai mais aberto e com vontade de crescer”, afirma Patrícia. Sem dúvida que Suzuki tem esse perfil inovador, e ainda é capaz de sustentar uma imagem humilde: “Acho que tive muita sorte em ganhar esse prêmio”. Mas entre a sorte e a capacidade há também uma distância muito grande. Há entre os dois um espaço preenchido por empenho, ser visionário e com sede de aprendizado. Basta somente um estímulo. ■



Suzuki, de Tomé-Açu, diversificou as culturas da sua propriedade e ganhou o prêmio do Senar

Divulgação

All COMP
Equipamentos de Precisão

GPS
Mapeamento e cálculo de área com GPS

GARMIN
Vendas, cursos e treinamento.

(51) 2102.7100
Av. Pernambuco, 1207 - Porto Alegre/RS
vendas@allcompgps.com.br
www.allcompgps.com.br

EM ASCENSÃO

A colza é um dos cultivos que mais atraem o produtor como substituição ao trigo, que sofre intervenção oficial, tem preços deprimidos e dificuldade de colocação no mercado. Nesta temporada, a área de colza alcançou os 35 mil hectares (uns 10 mil hectares a mais que em 2009/2010). As condições climáticas acompanharam o cultivo, e são esperadas produtividades entre boas a excepcionais. “Praticamente não haverá lotes perdidos de colza. Os produtores que se dedicam ao cultivo melhoraram muito as técnicas de implantação”, comenta o consultor privado Pablo Casala. Os preços da cultura passaram de US\$ 300 por tonelada para US\$ 400 por tonelada nos últimos meses de 2010.

Fotos: Divulgação



SOJA: MAIS PRESSÃO

Era final de dezembro do ano passado, o mercado climático sul-americano já se encontrava em sua plenitude para a soja, e com preocupações cada vez maiores a respeito das perspectivas produtivas regionais, especialmente na Argentina. A produção da América do Sul sempre é chave, mas desta vez será ainda mais. No levantamento de dezembro, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) mantinha uma estimativa de colheita para a Argentina de 52 milhões de toneladas. Este é um número defasado da realidade, em no mínimo, 5 milhões de toneladas sobre o real – de acordo com o consultor privado Sebastián Olivero

– e com riscos crescentes de que esta brecha aumente caso não cheguem rapidamente as chuvas. Por outro lado, a debilitada relação estoque/consumo dos Estados Unidos e as elevadas perspectivas do consumo global indicam que a superfície 2011/12 no país do norte deveria, no mínimo, manter-se ou, melhor ainda, crescer (especialmente se continuarem caindo as produtividades na América do Sul). Agora o problema é que a área é limitada, e o trigo, o algodão e, especialmente, o milho, apresentam uma grande capacidade para ganhar hectares. Se a oferta não aumentar, a função dos preços será racionar a demanda.

DIFICULDADE À VISTA

O panorama para os produtores de leite parece agitado. O La Niña, que nesta parte do planeta mostra chuvas escassas, determina complicações para a cadeia forrageira em muitas áreas leiteiras. São vistos campos sem pastos e plantas prejudicadas pela falta de água. Este cenário tem dois efeitos. Por um lado, será necessário gastar mais para alimentar as vacas, o que eleva os custos nas propriedades. Por outro, haverá seguramente menos leite disponível para as indústrias, gerando pressão sobre os preços do alimento. Ao produtor, o que interessa é saber se o esforço de investir mais será adequadamente recompensado, ou então retomar os protestos reclamando por uma retribuição razoável.



TRIGO

No início de janeiro, a colheita atingia 50% da área plantada. A produção é projetada entre 13 milhões e 14 milhões de toneladas, o que geraria um saldo exportável em torno de 7 milhões de toneladas, se o governo habilitar essa possibilidade.

SOJA

No início de janeiro de 2011, a semeadura vinha de forma lenta pela falta de umidade em muitas zonas de cultivo. A área é projetada em 18,5 milhões de hectares, em torno de 11% menos em comparação com a temporada passada.

LEITE

Os valores para o leite nos tambos permanecem em torno dos US\$ 0,31 por litro, com custos crescentes especialmente em função da seca que atinge o país.

CARNE

Uma vez que o presente cenário obedece a uma questão estrutural, não foram produzidas grandes mudanças no mercado bovino. Os preços do boi gordo giram em torno dos US\$ 2 o quilo.

APOSTA FORTE

Os dados surgem de um trabalho preparado pela Comisión de Enlace Agropecuario – que reúne as entidades do campo –, com o financiamento do Fondo Federal Agropecuario e com o suporte do Movimento CREA – produtores da elite argentina –, para gerar informação confiável sobre a dimensão das cadeias agropecuárias no país. Concluiu-se que no exercício 2010/2011, o setor pecuário destinará 83,262 milhões de pesos (cerca de US\$ 21 milhões). Claramente os maiores custos – mais da metade do total – correspondem à reposição dos rebanhos. O estudo ainda indica que em 2010 o rebanho bovino nacional contava com 49,52 milhões de cabeças. Este número é 16% menor do que a média no período entre 2006 e 2008.

HORTALIÇAS TAMBÉM PODEM USUFRUIR OS BENEFÍCIOS DO SPD

Nuno Rodrigo Madeira, pesquisador da Embrapa Hortaliças, nuno@nph.embrapa.br

J á consagrado na produção de grãos, sendo utilizado em mais de 22 milhões de hectares, o sistema de plantio direto (SPD) é importante ferramenta para a obtenção de sistemas produtivos mais sustentáveis também na produção de hortaliças. O SPD visa a otimizar a expressão do potencial genético das plantas cultivadas no longo prazo, compreendendo um complexo integrado de processos, fundamentado em três requisitos básicos: o revolvimento mínimo do solo, restrito à cova ou sulco de plantio; a diversificação de espécies pela rotação de culturas; e a cobertura do solo utilizando culturas específicas para a formação de palhada.

Dentre os benefícios do SPD, a grande redução no consumo de derivados de petróleo pela redução no uso de maquinário, o que tam-

O mais recomendado é a sucessão de cultivos de hortaliças com plantas de cobertura para a produção de palhada

Fotos: Nuno Rodrigo Madeira



Carreta Graneleira

Força e resistência para transportar sua colheita com segurança e rapidez. Modelos para 120, 140, 175 e 200 sacas.



Rolo Faca Arrozeiro

Regulariza os sulcos resultantes da colheita. Acama a palha do arroz, evita o rebrote e a disseminação do arroz vermelho.

Uma dupla de sucesso:
na colheita da safra e
na recuperação do solo.

Imediatamente após a colheita, reinicia o manejo do solo. Recupere-o, eliminando os restos culturais que ficaram.

Distrito Industrial - Santa Maria - RS
(55) 3222.7710 - www.agrimec.com.br



bém contribui para a redução do efeito estufa; a redução na evaporação e no escoamento superficial pela cobertura da superfície do solo com palhada, com consequente dimi-

nuição no consumo de água em culturas irrigadas entre 10% e 30%; a redução nas perdas de solo e água pluvial por efeito da cobertura do solo com palhada, minimizando os processos erosivos; a maior ação biológica de minhocas e outros organismos; a melhoria das características físicas, químicas e biológicas dos solos, entre outros.

Em geral, os sistemas convencionais de produção de hortaliças levam a uma dinâmica baseada na busca contínua por maior produtividade na safra vigente, com a utilização intensiva e crescente de insumos e intensa mecanização, acarretando muitas vezes em problemas generalizados de impactos ambientais e localizados de contaminação humana. Em regiões tradicionais na produção de hortícolas e, especialmente, em áreas montanhosas com topografia acidentada, os processos erosivos e o esgotamento dos recursos naturais são alarmantes. Observam-se enormes perdas da camada superficial do solo, porção mais fértil deste, e o desperdício do cada vez mais escasso bem agrícola, a água.

No caso específico de adoção de plantio direto em hortaliças, algumas considerações são fundamentais. As hortaliças, em geral, não proporcionam resíduos de palhada em quantidade adequada à manutenção de sistemas de plantio direto. Assim, o mais recomendado é a sucessão de cultivos de hortaliças com plantas de cobertura. A escolha adequada desta sucessão, a ser definida para cada região e realidade socioeconômica, é um dos pontos mais importantes para o sucesso do SPD em hortaliças. As plantas de cobertura têm a capacidade de reciclar nutrientes, por seu profundo e exuberante sistema radicular que, decomposto, torna o solo leve e poroso, promovendo bom enraizamento do cultivo subsequente, funcionando como um verdadeiro “arado biológico”. Ainda cabe lembrar que as plantas de cobertura podem ser culturas comerciais, portanto, provedoras de renda adicional.

O SPD deve receber ajustes conforme as realidades locais, em razão de sua complexa dinâmica, exigindo acompanhamento constante e mudança de comportamento



As primeiras experiências com o sistema de plantio direto em hortaliças no Brasil, de forma mais sistematizada, foram em cebola, em Santa Catarina, ainda na década de 1980. Também em cebola, na região de São José do Rio Pardo/SP, o SPD foi adotado a partir de 2002. Em tomate rasteiro (para processamento), o plantio de mudas na palha no SPD em Goiás, maior produtor nacional, vem sendo empregado desde meados dos anos 1990 e hoje ocupa cerca de 50% da área de produção. Em tomate envarado (para mesa) e brássicas, várias iniciativas em Santa Catarina, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais, entre outros estados, têm se destacado. Em cucurbitáceas (abóboras e melancia), experiências isoladas sobre pastagem de braquiária ou vegetação espontânea dessecada têm sido realizadas em Goiás, Tocantins, Rondônia, Minas Gerais, entre outros.

A Embrapa Hortaliças, sediada em

Brasília, desde 2002, tem conduzido experimentos para sistematizar o plantio direto em cebola, tomate rasteiro e envarado e brássicas (repolho, couve-flor e brócolos) com avaliação de diferentes cultivares e plantas de cobertura, níveis de adubação, manejo da irrigação, entre outros fatores. Após um projeto inicial adaptativo, iniciou-se uma fase de validação com unidades demonstrativas de SPD em cebola em Minas Gerais e Goiás, em tomate no Rio de Janeiro e Goiás e em brássicas no Rio de Janeiro e Minas Gerais, com resultados interessantes e promissores.

Redução da temperatura — Outro fator interessante é a amenização do microclima, com redução dos extremos de temperatura, tendo-se observado diferenças de temperatura de até 11°C. O marcante efeito de regulação térmica, isto é, de redução na ocorrência de extremos de temperatura, especialmente com re-



lação às temperaturas máximas é particularmente importante em culturas pouco tolerantes ao calor excessivo, tais como as brássicas. Verifica-se incremento produtivo em cultivos de verão de couve-flor e brócolos transplantados na palhada de aveia-preta dessecada.

Ainda é de ressaltar a referência de redução na dispersão de doenças, pelo menor escoamento superficial de água e ocorrência de respingos, o que foi verificado, por exemplo, em couve-flor em Nova Friburgo, Região Serrana do Rio de Janeiro, e em brócolos em Mário Campos e Sarzedo, Cinturão Verde de Belo Horizonte/MG, utilizando palhada de milho, milho e aveia-preta. E mesmo de vegetação espontânea com predominância de capim marmelada, notadamente quanto à hérnia das crucíferas, causada pelo fungo *Plasmodiophora brassicae*, doença devastadora que tem limitado a produção em algumas regiões.

Adubação — Quanto ao manejo da adubação, alguns ajustes são necessários. Primeiramente, com relação à adubação fosfatada, é possível reduzi-la substancialmente pela localização da adubação de base restrita à cova ou a linha de plantio, além da elevação da Capacidade de Troca Catiônica (CTC), característica relacionada à retenção e disponibilização de nutrientes para as plantas. Por outro lado, com relação à adubação nitrogenada, tem-se observado a necessidade de aumento nas dosagens entre 20% e 50% e, por vezes, de antecipação da primeira adubação, isso quando se trabalha com palha exclusivamente de gramíneas. Quando se trabalha com consórcio ou com cultivo solteiro de leguminosas, há que se calcular o aporte de nitrogênio esperado, reduzindo-o dos níveis a serem aplicados na primeira adubação de cobertura.

Deve-se considerar que, em hortaliças, muitas das experiências até hoje vivenciadas apontam para o cultivo de hortaliças em SPD não exatamente com uma visão de longa duração como ocorre em grãos, sem o revolvimento do solo por décadas. Assim, tem ocorrido o cultivo de algumas lavouras sobre a palhada de uma determinada planta de cobertura, seguindo-se por vezes o cultivo de outra espécie hortícola com preparo de solo convencional.

Independentemente da terminologia que se venha adotar, ainda sem consenso absoluto no meio técnico, esta prática traz contribuições não só para o setor

produtivo, mas para a sociedade como um todo, pela redução na turbidez e no assoreamento dos cursos d'água, pela redução das consequências dos processos erosivos como a manutenção de estradas, pela economia no uso de água e energia, entre outros fatores, alguns inclusive de difícil mensuração e normalmente não considerados como resultantes da atividade agrícola, não sendo atribuídos a eles um valor nominal enquanto componentes do custo de produção.

A competitividade de unidades de produção de hortaliças sob SPD depende da geração de conhecimentos e de bases tecnológicas apropriadas que assegurem sua sustentação. O SPD é ferramenta importante para a sobrevivência da agricultura nos trópicos e subtropicais, caminho certo e definitivo na busca da competitividade com sustentabilidade, especialmente sob a perspectiva de mudanças climáticas como aquecimento global e agravamento dos eventos climáticos. O SPD deve receber ajustes conforme as realidades locais, em razão de sua complexa dinâmica, exigindo acompanhamento constante e mudança de comportamento, não se sujeitando a "receitas de bolo" como ocorre em sistemas convencionais de produção. Podem, ainda, ser desenvolvidos dentro dos mais diversos ambientes ou realidades socioeconômicas. Grandes produtores, altamente tecnificados e mecanizados, ou microprodutores, cujo único bem é a força de sua mão de obra, podem desenvolver eficientes sistemas de plantio direto. ☒



*VISITE-NOS NA COOPAVEL 2011

Mais FORÇA e TRAÇÃO para seu TRATOR e COLHEITADEIRA?



AROS - DISCOS - RODADO DUPLO - ALONGADORES DE EIXO - PNEUS AGRÍCOLAS
www.marini.agr.br - vendas@marini.agr.br - 54 3316-4100 - Passo Fundo - RS

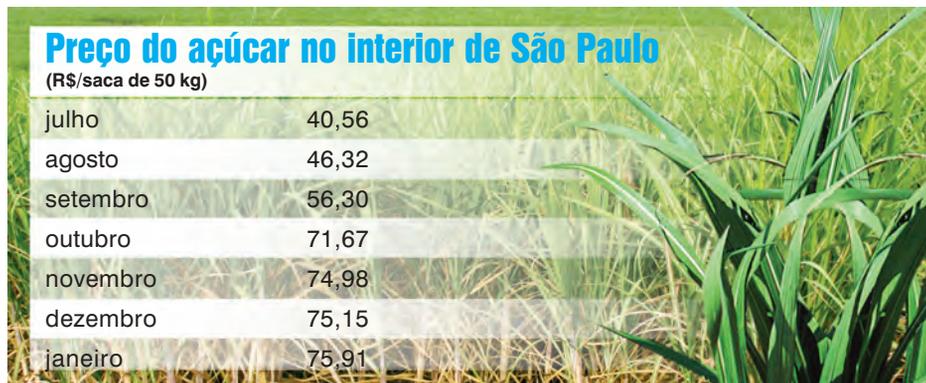
AÇÚCAR E ETANOL

Fábio Rübenich - fabio@safras.com.br

EXPORTAÇÕES DE AÇÚCAR GARANTEM RECORDE PARA O AGRONEGÓCIO

O açúcar foi o grande responsável pelo recorde brasileiro de US\$ 76,4 bilhões nas exportações do agronegócio em 2010. Pelo segundo ano consecutivo, as receitas de vendas internacionais do produto tiveram crescimento superior a 50% – na comparação com 2009, foram 52,3% – fruto do aumento da quantidade exportada e dos preços praticados. Na balança comercial do agronegócio, o valor do produto em 2010 foi de US\$ 12,7 bilhões. Os preços do produto subiram 32,2% em 2010. A média de preço para o açúcar exportado, em 2009, foi de US\$ 345 por tonelada, enquanto que, no ano passado, chegou a US\$ 456 por tonelada.

A quantidade exportada cresceu 15,3%, saindo de 24,3 milhões de toneladas para 28 milhões de toneladas, na mesma comparação. Segundo o Ministério da Agricultura, essa situação foi em grande parte causada pela quebra de safra na Índia, há dois anos, por causa da instabilidade no regime de chuvas. Até então o



Preço do açúcar no interior de São Paulo
(R\$/saca de 50 kg)

julho	40,56
agosto	46,32
setembro	56,30
outubro	71,67
novembro	74,98
dezembro	75,15
janeiro	75,91

maior exportador mundial de açúcar, o país asiático buscou no Brasil seu principal fornecedor, para repor estoques. Com esse incremento, o açúcar colocou o complexo sucroalcooleiro em segundo lugar no ranking de setores exportadores, sendo responsável por 18% da pauta agropecuária, com US\$ 13,7 bilhões.

O relatório de oferta e demanda mundial do Usda trouxe novos números para a safra 2010/11 de açúcar dos Estados

Unidos. Para essa temporada, o Departamento indicou uma estimativa de produção de 8,11 milhões de toneladas curtas, ante as 8,210 milhões de toneladas apontadas em dezembro. A estimativa de produção de açúcar da Flórida foi reduzida em 100 mil toneladas, por conta das baixas temperaturas registradas em dezembro nas regiões produtoras de cana de açúcar, que afetaram a produtividade.

ALGODÃO

PREÇOS SEGUEM SUBINDO NO BRASIL

Rodrigo Ramos - rodrigo@safras.com.br

A primeira quinzena de janeiro foi de nova escalada nos preços do algodão no mercado brasileiro. Apesar de pouquíssimas negociações, a maioria dos produtores está subindo as pedidas a cada dia, diante dos fatores fundamentais de escassez de produto. A disponibilidade de algodão da safra 2009/10 está muito pequena e a expectativa é de que as cotações tenham queda somente com a entrada da safra 2010/11 - que ainda está distante. A forte alta de Nova York durante os primeiros dias do ano também serviu de suporte às cotações. O grande impulsionador externo foi o relatório de janeiro de oferta e demanda do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), divulgado dia 12, que reduziu as projeções de produção e os estoques mundiais. O Usda estimou a produção global de algodão em 115,46 milhões de fardos para a temporada 2010/11, contra 115,53 milhões projetados no mês anterior. As exportações mundiais foram estimadas em



Média dos preços do algodão em pluma
(R\$/@ CIF São Paulo Pqto. 8 dias)

julho	54,60
agosto	60,80
setembro	71,69
outubro	74,05
novembro	87,58
dezembro	94,86
janeiro	107,88

38,32 milhões de fardos para 2010/11. A previsão para o consumo mundial é de 116,58 milhões de fardos. No relatório anterior, os números eram de 38,66 milhões e 116,25 milhões de fardos, respectivamente. Os estoques finais foram projetados em 42,84 milhões de fardos, contra 43,39 milhões no mês de dezembro. A expectativa é que a China colha 30 milhões de fardos na temporada 2010/11. A produção do Paquistão

para 2010/11 é projetada em 8,80 milhões de fardos. E o Brasil tem safra estimada em 8,20 milhões de fardos. A produção indiana deve chegar a 26 milhões de fardos, e os americanos deverão colher 18,32 milhões de fardos. Para a safra 2009/10, a produção está projetada em 101,54 milhões de fardos e os estoques finais em 43,85 milhões. As exportações estão estimadas em 35,88 milhões e o consumo em 118,52 milhões.

SOJA

Dylan Della Pasqua - dylan@safras.com.br

PLANTIO DE TRANSGÊNICOS OCUPA 77% DA SAFRA 2010/11

O novo levantamento para a safra 2010/11 realizado em todo o país por Safras & Mercado voltou a identificar junto aos produtores brasileiros bom avanço na utilização de variedades modificadas geneticamente (GMs). De acordo com o levantamento, de uma área total cultivada no país de 23,924 milhões de hectares, 18,494 milhões foram semeados com soja Roundup Ready, resistente ao herbicida glifosato, que é ainda a principal variedade transgênica de soja cultivada no mundo.

Dessa forma, foi registrado outro bom avanço na representatividade da transgenia no setor para 77%, contra os 70% revisados da safra passada, que envolveram 16,413 milhões de hectares. Esse incremento de sete pontos percentuais foi significativo e com perfil semelhante ao observado na safra anterior. Naquele momento, havia uma previsão de avanço em 9% no uso de sementes transgênicas no país, o que acabou sendo revisado posteriormente para 12%, sobre os 58% da safra 2008/09. Se for considerada a safra 2003/04 como referência, que foi a primeira com levantamento realizado por Safras, o aumento da área já está em 560% sobre os 2,8 milhões de hectares semeados com variedades geneticamente modificadas.

Soja em Cascavel/PR (R\$/saca de 60 kg)	
julho	37,20
agosto	39,59
setembro	41,40
outubro	44,54
novembro	48,57
dezembro	47,85
janeiro	48,53

Lembrando que naquele ano a representatividade no total semeado estava ainda em 13%. Dessa maneira, nesses sete anos de acompanhamento, há uma taxa anual de expansão dessa área de quase 31%. Em cima desse incremento observado na soja, e impulsionado pelo rápido avanço no uso de algodão e milho GM, o Brasil vai crescendo seu peso na utilização de organismos modificados geneticamente, seguindo a tendência observada em boa parte dos países produtores. O último levantamento realizado pelo International Service for the Acquisition of Agri-biotech Applications (ISAAA) indicou que a área mundial semeada com grãos transgênicos foi de 134 milhões de hectares em 2009, experimentando novo crescimento em 2010. Avanço mai-

or no Brasil, com a representatividade subindo para 16% no algodão e para 31% no milho. Com isso, o país passou a Argentina e é o segundo maior em cultivos transgênicos, atrás apenas dos EUA.

São 25 os países que adotam esta tecnologia, mantendo o mesmo número de 2008, pois houve a proibição momentânea ocorrida na França e Alemanha, mas a liberação no Egito e Burkina Faso. Na Europa, onde as restrições ao consumo de produtos transgênicos são maiores, há o cultivo oficialmente liberado na Eslovênia, Polônia, Romênia, República Tcheca, Espanha e Portugal. Na soja, o levantamento apontou participação de 68% da área total em 2009, com esse montante devendo ter subido para 71%/72% em 2010.



A gente cabe neste sonho.

Consórcio Nacional John Deere. É só planejar e realizar.

Confira as facilidades do Consórcio John Deere.

- Flexibilidade no prazo e valor das parcelas.
- Parcela reduzida.
- Sua máquina usada vale como lance.*
- Lance legal: use parte do crédito para pagar o lance.

* Conforme negociação com seu concessionário.

Crédito	Parcela	Parcela reduzida 60%
R\$ 76.341,00	R\$ 877,92	R\$ 526,75
R\$ 110.976,00	R\$ 1.276,22	R\$ 765,73
R\$ 147.683,00	R\$ 1.698,35	R\$ 1.019,01

Parcela reduzida até a contemplação ou até metade do prazo do grupo, o que ocorrer primeiro. O saldo devido será dividido pelo prazo restante da cota. Referência: tabela Jan/2011



Simule seu consórcio no site: www.consorciojohndeere.com.br



CONSÓRCIO NACIONAL

MILHO

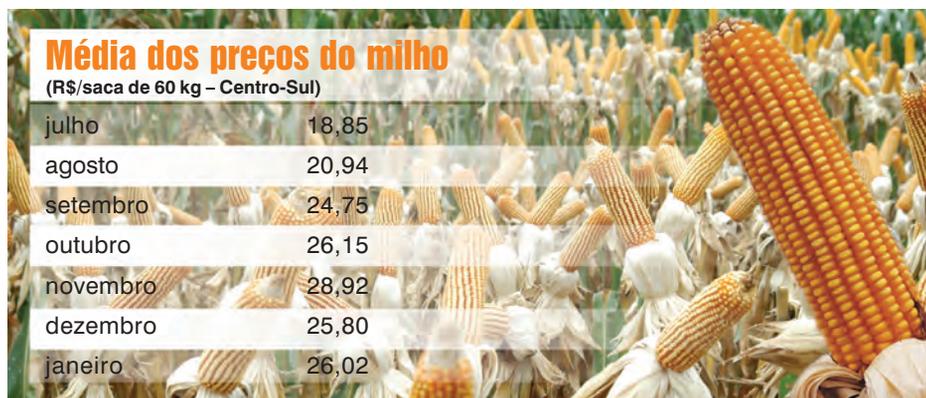
Arno Baasch - arno@safras.com.br

MERCADO OPERA COM OFERTA LIMITADA E PREÇOS EM ALTA

O mercado brasileiro de milho apresentou um quadro de escassez de oferta interna e preços em elevação na primeira quinzena de janeiro, situação que deveria ser mantida pelo menos até o começo de fevereiro.

Segundo o analista de Safras & Mercado Felipe Netto, a disponibilidade interna de milho segue bastante limitada, em razão de um plantio mais tardio da safra verão e de um consequente atraso na colheita. “Até agora (*meados de janeiro*), somente o Rio Grande do Sul iniciou a colheita, em volumes ainda muito limitados para tentar conter a alta de preços interna.

Ao que tudo indica, uma maior oferta de milho novo ingressará no mercado apenas da metade de fevereiro em diante, o que deve manter os preços aquecidos em todo o país, mas especialmente em praças



Média dos preços do milho	
(R\$/saca de 60 kg – Centro-Sul)	
julho	18,85
agosto	20,94
setembro	24,75
outubro	26,15
novembro	28,92
dezembro	25,80
janeiro	26,02

que apresentam grande consumo do cereal, como a região Sudeste e o estado do Paraná”, comenta.

Diante desse quadro, as atenções do mercado no curto prazo deverão seguir voltadas aos leilões de estoques governamentais e de venda de escoamento de produto promovidos pela Companhia Nacional de Abastecimento.

Netto destaca que a boa deman-

da apresentada na primeira quinzena de janeiro deverá ser mantida nos demais leilões que vierem a ser realizados. “O cenário de altos preços registrados para o cereal tende a ser mantido até o ingresso de milho novo, haja vista que a procura seguirá efetiva e a oferta interna bastante limitada, concentrada no produto oferecido pelo Governo através dos leilões”, projeta.

TRIGO

Juliana Winge - juliana.matte@safras.com.br

BOA DEMANDA PODE AJUDAR NA RECUPERAÇÃO DAS COTAÇÕES

O Brasil viu boa demanda internacional pelo seu trigo na segunda semana de janeiro, com importadores tendo dificuldades de “originar” o cereal em países como a Austrália, em meio à alta nos preços no exterior. Em relação às variáveis formadoras de preços, o cereal segue operando com firmeza, o que, apesar da manutenção do real valorizado, mantém espaço para recuperação das cotações no mercado doméstico de trigo. Uma recuperação mais consistente parece que só não ocorreu até o momento devido à boa quantidade produzida na Argentina.

De qualquer forma, a tensão que existe entre o governo e o setor produtivo da Argentina poderá trazer incertezas em relação ao fornecimento de trigo do exterior. Assim sendo, e com a manutenção dos preços internacionais em alta, uma



Média mensal do preço do trigo em Maringá/PR	
(R\$/tonelada)	
julho	410,00
agosto	444,09
setembro	467,14
outubro	467,62
novembro	473,67
dezembro	465,00
janeiro	475,55

recuperação mais consistente das cotações no Brasil parece questão de tempo.

Os produtores rurais da Argentina cessaram a comercialização de grãos e oleaginosas por uma semana como forma de protestar contra a intervenção do governo Kirchner no mercado de trigo, estabelecendo cotas de exportação. A paralisação teve início no dia 17 de ja-

neiro. A medida foi adotada após tentativas fracassadas de negociar com o governo.

Os representantes das entidades agrárias justificaram a medida de força e garantiram que a paralisação não provocará problemas no abastecimento nem alta nos preços. Não serão alcançados pela medida os produtos perecíveis destinados à agricultura industrial.

ARROZ

Rodrigo Ramos - rodrigo@safras.com.br

ANÚNCIO DE PEP NÃO ESTANCA TRAJETÓRIA DE QUEDA

O anúncio da retomada das ações governamentais para auxiliar a comercialização de arroz nas principais regiões produtoras do país – Rio Grande do Sul e Santa Catarina – não foi suficiente para estancar a trajetória de queda, que ganhou força, especialmente, a partir do mês de dezembro. No dia 1º de dezembro, a saca de 50 quilos do arroz em casca em Pelotas/RS, por exemplo, era negociada a R\$ 25,98.

O último mês do ano tem como característica a redução da demanda por parte dos engenhos, o que normalmente resulta num arrefecimento das cotações. “Porém, desta vez, o fracasso dos leilões de Prêmio para escoamento de Produto (PEP) dos dias 7 e 16 de dezembro contribuiu para potencializar a tendência baixista”, explica o analista de Safras & Mercado Élcio Bento. O objetivo das operações era dinamizar a comercialização, abrindo a válvula de escoamento externo com a subvenção governamental. Mas o



Preço do arroz irrigado em Alegrete/RS (R\$/saca de 50 kg)	
julho	26,47
agosto	27,42
setembro	26,71
outubro	25,54
novembro	25,28
dezembro	24,73
janeiro	23,15

prêmio ofertado não foi suficiente para tornar o produto nacional competitivo no mercado externo, dada a acomodação das cotações internacionais e a apreciação da moeda brasileira em relação ao dólar. “O fracasso das operações e a proximidade da colheita de uma safra cheia no Mercosul afastaram o temor de escassez de oferta e abriu espaço para uma intensificação da tendência de baixa”, frisa Bento.

Apesar das condições adversas, o volume de arroz exportado nesta

temporada pelo Brasil deve ser próximo a 600 mil toneladas. De acordo com os números divulgados pelo Ministério de Desenvolvimento Indústria e Comércio, entre março de dezembro de 2010 o país embarcou 497,63 mil toneladas do cereal (base casca).

Com isso, a média mensal de exportações está em 49,76 mil toneladas, a qual, se mantida, ao final da temporada resultará num montante vendido ao exterior de 597,16 mil toneladas.



**É TEMPO DE
PRODUZIR.
Use Prosolo.
O primeiro insumo
da sua lavoura.**

PROSOLO
O calcário da Mønego.

NEW HOLLAND CERTIFICADA PELA OHSAS 18001

A fábrica da New Holland em Curitiba/PR foi recomendada pela auditoria da SGS para a certificação da OHSAS 18001 (Occupational Health and Safety Assessment Series). O certificado é uma ferramenta que permite que a unidade controle sistematicamente os níveis de desempenho de segurança e saúde do trabalho estabelecidos e em conformidade com a legislação municipal, estadual e federal. De acordo com Giuliano Marchiani, responsável da Segurança do Trabalho, Saúde e Meio Ambiente da New

Holland para a América Latina, a obtenção do certificado representa um importante passo na qualificação dos produtos desenvolvidos na unidade. “Com a certificação OHSAS 18001, firmamos o compromisso de proporcionar um ambiente saudável e seguro aos nossos colaboradores. Seguindo normas e padrões internacionais, estamos desenvolvendo o trabalho na planta baseados no controle e eficácia das operações, sempre preocupados com um ambiente de trabalho seguro e com riscos controlados.”



Fotos: Divulgação

VALTRA: FORTALECIMENTO DA MARCA EM 2011

O ano de 2010 foi de recorde de vendas no setor de maquinário agrícola: segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) 53.397 tratores e 4.544 colheitadeiras foram comercializadas (60.941 no total). Com forte presença no mercado sucroalcooleiro, tradição em linhas pesadas e recentes investimentos na linha de tratores leves, a Valtra atingiu resultados positivos e tem expectativas de aumentar em 2011 sua participação em novos nichos. O número de colheitadeiras Valtra vendidas superou em 78,5% o ano anterior, e em tratores vendeu 13.149 máquinas, o segundo lugar no ranking do mercado interno. Conforme Paulo Beraldi, diretor comercial, a Valtra tem todas as condições para fortalecer sua presença nesses segmentos. “Acompanhamos de perto as principais necessidades dos nossos clientes, por isso eles já sabem que a empresa sempre investiu, investe e inova na área de tecnologia. Desta maneira ganhamos espaço em colheitadeiras e o agricultor ampliou a funcionalidade de seu maquinário otimizando processos em suas lavouras por meio dos implementos oferecidos pela Valtra”, ressalta.

18ª AGRISHOW TERÁ EXPOSIÇÃO DE 750 MARCAS

A 18ª Feira Internacional da Tecnologia Agrícola em Ação (Agrishow) que ocorre de 2 a 6 de maio, em Ribeirão Preto/SP, terá mudanças no layout do parque. “Em 2010, demos início à regionalização do evento, para otimizar a visita do comprador. Neste ano, teremos mais setores regionalizados, como irrigação, armazenagem, aviação, automobilístico, máquinas para construção, caminhões e transbordos, pneus, pecuária e ferramentas”, descreve José Danghesi, show manager da Reed Exhibitions Alcantara Machado, organizadora do evento. Com área total de 360 mil metros quadrados, a mesma da edição passada (quando sofreu acréscimo de aproximadamente 50%), o evento vai reunir cerca de 730 marcas de 45 países, incluindo as principais indústrias de tratores e colheitadeiras. A feira é uma iniciativa da Associação Brasileira de Agribusiness (Abag), Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda) e Sociedade Rural Brasileira (SRB).

JOHN DEERE: COLHEITADEIRA PELO MAIS ALIMENTOS

O Maqgranja, concessionário de Sarandi/RS, fez a entrega de uma colheitadeira 1175 John Deere adquirida por meio do financiamento do Programa Mais Alimentos. A venda foi para a família Fink – os irmãos Lauro e Artur, Altair, filho de Lauro, e Jorge Leonel Schwertz, cunhado de Artur. Lauro Fink trabalha junto com dois filhos, Altair e Alvacir, numa propriedade de 105 hectares. Produzem soja, milho, trigo, aveia e leite. Já Artur, irmão de Lauro, planta 33 hectares

de milho, soja e trigo, enquanto o cunhado Jorge Leonel cultiva 50 hectares. Os quatro se uniram para a compra, pois tinham vontade de adquirir um equipamento novo, mais moderno, com maior conforto para trabalhar. A colheitadeira utilizada até então era uma SLC 6200, de 1990, e escolheram a marca John Deere por conhecerem a qualidade e a tecnologia avançada. (Da esq. para a dir., Jorge, Lauro, Odair Mezzalira, gerente da Maqgranja, Altair e Artur)



EMATER/RS COM NOVO PRESIDENTE

O engenheiro agrônomo Lino De David (foto) assumiu como presidente da Emater/RS e superintendente geral da Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural (Ascar). “Temos que dirigir a extensão rural para o desenvolvimento das comunidades. Nosso desafio é avançar com sustentabilidade ambiental, econômica e social”, destacou na cerimônia de posse, no mês passado. Entre as metas, o fortalecimento das parcerias e a implantação de uma gestão democrática e transparente. “Vamos colocar toda a capacidade técnica desta Casa a serviço do desenvolvimento rural com qualidade de vida para o produtor”. O secretário estadual de Agricultura, Pecuária e Agronegócio, Luiz Fernando Mainardi, também frisou a importância do trabalho da Emater/RS-Ascar. “A Emater tem um trabalho excepcional, levando conhecimento a todos os cantos do Rio Grande do Sul, e daqui para frente terá a tarefa de se debruçar sobre os novos desafios deste momento particular da história que vivemos.”



Kátia Marcon

TORSOL COMPLETA 18 ANOS

A Torsol Metalúrgica e Transportes, especializada na fabricação e agilização de máquinas e equipamentos para transporte e elevação de cargas, está no mercado desde 1993. A empresa que, portanto, completa 18 anos em 2011, é familiar e tem a sua sede em Três de Maio/RS. A Torsol fabrica esteiras e roscas transportadoras e atende mais de 1.200 clientes em todo o Brasil.

BAYER E VINÍCOLA SALTON TREINAM VITICULTORES



tas daninhas. E a Vinícola Salton apresentou as variedades de uvas destinadas à produção de espumantes. “É importante que os produtores estejam atentos desde o início da safra, buscando resultados de qualidade e o aumento da produtividade. E o intuito do CTB é justamente este: auxiliá-lo, por meio de informações e técnicas atualizadas, sobre as melhores práticas agrícolas para o desenvolvimento sustentável da cultura”, afirma Ademir Santini, gerente de hortifruti da Bayer para Região Sul.

ANOTE AÍ

“Desafios e Inovações para uma Agricultura Sustentável” é o tema central do IV Fórum Abisolo, a ser realizado entre 11 e 13 de abril, no auditório do Departamento de Engenharia da Esalq/USP, em Piracicaba/SP. O evento é iniciativa da Associação das Indústrias de Fertilizantes Orgânicos, Organominerais, Biofertilizantes, Adubos Foliarenses, Substratos e Condicionadores de Solos (Abisolo). O evento vai reunir empresas de nutrição vegetal, técnicos e acadêmicos para discutir os rumos da produção agrícola sustentável. Mais informações no site www.abisolo.com.br.

Capacitar profissionais de agronomia e áreas afins nos diversos segmentos de cultivo para a aplicação de modernas tecnologias de aumento da produtividade de forma rentável é o objetivo do MBA em Produção Vegetal - Ecofisiologia e Manejo de Culturas de Lavoura, promovido pelo Instituto de Ciências Agronômicas - Professor Elmar Luiz Floss - INCIA, em parceria com a Didatus, de Curitiba/PR. O curso tem 18 módulos com aulas presenciais e semipresenciais e seis módulos/créditos para TCC. As aulas têm periodicidade a cada 32 e 45 dias, às sextas-feiras, sábados e domingos, em Passo Fundo/RS. Informações: www.didatus.com.br.

De 1º a 3 de março o Campo Demonstrativo Copercampos, às margens da BR 282, em Campos Novos/SC, sedia um encontro entre a tecnologia e o produtor. O 16º Dia de Campo Copercampos, promovido pela Cooperativa Regional de Agropecuária de Campos Novos disponibilizará ao visitante todas as tecnologias disponíveis para que o agronegócio se desenvolva e proporcione lucratividade. Empresas de sementes, químicos para as lavouras, pastagens, medicamentos veterinários, nutrição animal, bovino-cultura, suinocultura, máquinas e equipamentos para agropecuária em geral estarão apresentando as novidades em produtos e tecnologias. Mais informações em www.copercampos.com.br.



Luciana Josti/Afubra

AFUBRA INCENTIVA USOS DO GIRASSOL

Os estudos do uso do girassol na fabricação de biodiesel aliado à alimentação animal que a Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), desenvolve há cinco anos entram na reta final em 2011. Segundo o vice-presidente da Afubra, Heitor Álvaro Petry (foto), a previsão é de que, durante a Expoagro Afubra, em março, seja lançada uma cartilha com informações sobre o projeto que busca verificar a viabilidade da produção de biodiesel em pequena escala, por meio de um projeto baseado no associativismo/cooperativismo. “O girassol é a cultura para a produção da matéria prima do qual é extraído o óleo e a torta, após prensagem, é utilizada para ração animal”, destaca Petry.

REGRAS PARA A IMPORTAÇÃO DE MUDAS DE DENDÊ

Os requisitos para a importação de mudas de dendê produzidas *in vitro* na Costa Rica foram definidos no mês passado. A norma foi publicada no Diário Oficial da União pela Instrução Normativa número 10. “O material deve ser transportado em recipiente lacrado e estar acompanhado de Certificado Fitossanitário emitido pela Organização Nacional de Proteção Fitossanitária da Costa Rica”, explica Jefé Ribeiro, chefe da Divisão de Análise de Risco de Pragas do Ministério da Agricultura. Para garantir a segurança na importação, as partidas serão inspecionadas no ponto de ingresso. Além disso, terão amostras coletadas e enviadas para análise fitossanitária em laboratórios oficiais ou credenciados pelo ministério. “Os custos serão do comprador, que não poderá comercializar nem plantar o produto até a conclusão dos exames e emissão dos laudos de liberação”, lembra.

BIODIESEL ELEVA PREÇO DO DIESEL

A mistura obrigatória feita com o biodiesel provocou o aumento médio de 2% registrado no litro do diesel nos postos pelo país desde o começo do ano. A afirmação é da Federação Nacional do Comércio de Combustíveis e de Lubrificantes (Fecombustíveis). Segundo a entidade, o litro do biodiesel puro, sem impostos, custa hoje quase o dobro do litro do diesel puro. A alta nos preços da soja, que representa 80,6% da matéria prima para a produção do biocombustível, é um dos fatores que pressionam os preços do diesel. “O preço do petróleo não sofreu alteração que justificasse qualquer reajuste no começo de ano. O fato é que, com a mistura do óleo vegetal, o preço final agora depende também de condições climáticas, da cotação da soja no mercado internacional”, explica Paulo Soares (foto), presidente da Fecombustíveis.



Divulgação

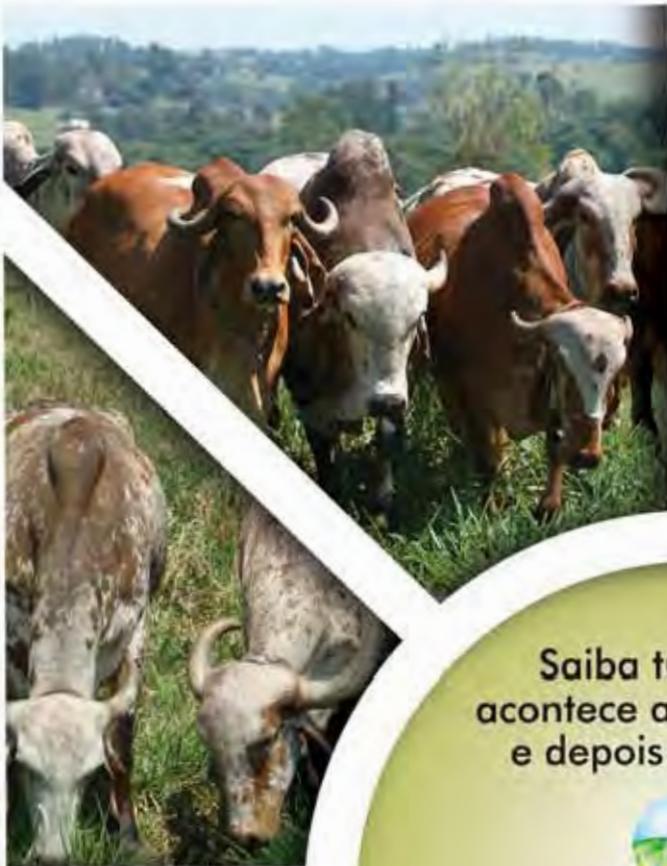
CONGRESSO INTERNACIONAL DE COMBUSTÍVEIS NA PARAÍBA

A capital paraibana João Pessoa será a capital dos combustíveis nos dias 23, 24 e 25 de março de 2011, quando ocorre o Congresso Internacional de Combustíveis. O Biofuels Brasil será realizado pela parceria entre o governo estadual, o Parlamento Nordestino e as empresas Biodiesel do Nordeste SA – Bionor e a Brasil Investimentos Privados (BIP). Será o primeiro encontro internacional na área de biocombus-

tíveis realizado no Nordeste. O evento reunirá profissionais do setor que vão aprofundar a discussão sobre os desafios do setor, dividir experiências e, principalmente, atualizar-se no mercado por meio das várias óticas da cadeia completa do biodiesel. Ente eles, produtores de insumos, do armazenamento, da caracterização e controle de qualidade, co-produção e da comercialização e distribuição do produto.

PRODUÇÃO ARGENTINA AUMENTA 52%

A produção de biodiesel aumentou 52% na Argentina no ano passado. Segundo a Câmara Argentina de Energias Renováveis (Cader), o volume passou de 1,25 milhão para 1,9 milhão de toneladas. Em 2007, o país ocupava o sétimo posto mundial na produção do biocombustível; em 2009, chegou à quinta posição; e, no ano passado, ultrapassou os Estados Unidos e ficou em quarto lugar, atrás apenas da Alemanha, França e Brasil. Os EUA caíram para o quinto lugar depois de eliminar os subsídios de US\$ 300 por tonelada, quando o preço internacional rondava os US\$ 1.000.



Saiba tudo o que acontece antes, durante e depois dos leilões.



Comentários, agendas de leilões, análises dos principais leilões do dia, divulgação dos resultados de anteriores e tendências para os próximos leilões.

Das 19h00 às 20h30
(horário de Brasília).



Parabólica • TV a Cabo • Internet: sba1.com/tv
Publicidade: (11) 3257 8968


AgroCanal

SBA

Sistema Brasileiro
do Agronegócio

Ninguém acredita mais no agronegócio do que a gente.

sba1.com



BUSCH LANÇA O SISTEMA BRA 5000

O BRA 5000 é um sistema criado pela Busch Sistemas de Precisão para tornar a pulverização mais precisa graças a uma média de altura dos bicos em relação ao alvo constante, sendo essa atingida automaticamente sem a intervenção do operador, e tornando a tarefa menos passiva de erros. O equipamento funciona com voltagem de 12 volts e usa sensores na extensão da barra, que é monitorado por um controlador instalado próximo do alcance do operador.

Busch Sistemas de Precisão - Rua Ipiranga, 356 - Carazinho/RS - CEP: 99500-000 - Fone: (54) 3329.2379 - www.buschsistemas.com.br

JACTOCLEAN: LAVADORA DE ALTA PRESSÃO J8200

A JactoClean, empresa do Grupo Jacto, apresenta as vantagens da lavadora de alta pressão J8200, destinada ao uso profissional e ideal para longas jornadas de trabalho. É indicada para uma série de serviços, inclusive para propriedades rurais, pois facilita a limpeza de equipamentos como colheitadeiras, plantadeiras, tratores, entre outros, e atende também a limpeza de currais, ordenhadeiras e veículos em geral – carros, motos, bicicletas, tratores, etc.

JactoClean - Av. Perimetral, 901 - CEP 17580-000 - Pompéia/SP - Fone: (14) 3405.3032 - www.jactoclean.com.br

NOVA FERRAMENTA WEB SERVICE DA TOLEDO

A Toledo do Brasil está disponibilizando uma nova ferramenta para integrar o sistema de pesagem automática de caminhões com os sistemas corporativos dos clientes, como o SAP. É o portal Web Service, que permite a troca de informações entre os sistemas de maneira segura e sem intervenção humana. Denominado WS Guardian, o portal permite controle de todas as operações de entrada e saída de mercadorias, e é indicado para os segmentos que necessitam controlar a movimentação de matérias primas, como os agropecuários.

Toledo do Brasil - Rua Manoel Cremonesi, 1 - São Bernardo do Campo/SP - CEP 09851-900 - www.toledobrasil.com.br



EKO'S CITRUS PARA O TRATAMENTO DO GREENING

O laboratório de pesquisas agrícolas e de jardinagem Eko's Biotecnologia lançou um produto inovador e exclusivo no mercado nacional e internacional: o Eko's Citrus. A solução foi desenvolvida para prevenção uma das pragas mais devastadoras das lavouras de citros, o Citrus Greening. O Eko's Citrus é líquido, é aplicado nas folhas, ramos, troncos e raízes das árvores, e rapidamente acaba absorvido pela bactéria, interrompendo sua multiplicação e posteriormente causando-lhe a morte.



Eko's Biotecnologia - Rua Desembargador Julio de Faria, 363 - Vila Prado, São Carlos/SP - CEP: 13574-250 - (19) 3589-2148 - www.paraisoplantas.com.br

MARCHER: EMBOLSADORA INGRAIN200 ENERGY

A Marcher Brasil, indústria focada na produção de máquinas e implementos para armazenagem em silos-bolsa, lança a sua nova embolsadora de grãos autopropelida Ingrain200 Energy. Com capacidade de embolsamento de até 400 toneladas/hora, a máquina dispensa o uso de trator e conta com um motor a gasolina de 6hp para uso eventual. Econômica, é ideal para quem quer maximizar o uso de seus equipamentos no campo, e também para aqueles que armazenam sementes, pois inexistente atrito do grão com a rosca sem-fim.

Marcher Brasil - Av. dos Funcionários, 745 - Gravataí/RS - CEP 94045-350 - Fone: (51) 3484.5500 - www.marcher.com.br





Na praia, na rua,
na chuva, na fazenda,
novidades no verão
da Ulbra TV.

Entre nessa onda.

Mais informações em www.ulbratv.com.br



Rio Grande do Sul: Porto Alegre e Região Metropolitana – 48 UHF; Porto Alegre – 21 NET; Cachoeira do Sul – 49 UHF; Cachoeirinha – 19 TVN a Cabo; Candelária – 39 UHF; Canoas – 19 TVN a Cabo; Carazinho – 48 UHF; Esteio – 19 TVN a Cabo; Flores da Cunha – 45 UHF; Ijuí – 54 TV São Paulo a Cabo; Imigrante – 7 VHF; Jaguarão – 6 VHF; Marques de Souza – 13 VHF; Osório – 41 UHF; Pantano Grande – 5 VHF; Quaraí – 25 UHF; Relvado – 9 VHF; Rio Pardo – 29 UHF; Ronda Alta – 7 VHF; Santa Maria – 23 UHF; São Leopoldo – 19 TVN a Cabo; Sapucaia do Sul – 19 TVN a Cabo; Torres – 43 UHF; Travesseiro – 11 VHF; Vespasiano Corrêa – 11 VHF; **Santa Catarina:** Araranguá – 14 SSTV; Jacinto Machado – 30 UHF; Itaipó – 7 VHF; **Paraná:** Arapongas – 2 VHF; Marechal Cândido Rondon – 10 TV Rondon; Tibagi – 19 UHF; **Mato Grosso:** Cuiabá – 18 Multicanal; **São Paulo:** Jandira – 52 Multimídia TV a Cabo; Votantim – 34 TV Supermídia a Cabo; **Rio de Janeiro:** Petrópolis – 19 TV Imperial; **Espirito Santo:** Linhares – 30 TV Litoral a Cabo; São Mateus – 7 Super TV Digital a cabo e 45 Super TV Analógico a cabo; **Minas Gerais:** Itaipó de Minas – 6 VHF; Munhoz – 7 VHF; **Bahia:** Camaçari – 43 TV Litorânea a Cabo; **Rio Grande do Norte:** Macau – 6 VHF; **Maranhão:** São Luís – 19 TVN; **Pará:** Ananindeua – 50 UHF; **Em todo o Brasil pelo Satélite Brasilsat B4**

AQUI, A MÁQUINA QUE VOCÊ PROCURA

Levantamento exclusivo da revista **A Granja**, por meio do Deper – Departamento de Pesquisa e Estatística Rural, lista os preços dos principais tratores e colheitadeiras do mercado de máquinas agrícolas. As informações são fornecidas pelas respectivas empresas e/ou concessionárias com

valores médios formados pelas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Os valores podem variar de acordo com a região, acessórios, tipos de pneus, etc. No caso de máquinas usadas, a variação também ocorre segundo o estado de conservação.



Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
4100 4x2	15 cv	36.123	23.514	22.339	21.222	20.161	19.153	18.194	17.285	16.421	15.600	14.820
4100.4 4x4	15 cv	41.146	28.352	26.934	25.588	24.308	23.093	21.938	20.841			
4100 GLP4x2	16 cv	36.748	25.660	24.377								
4118.4 4x4	18 cv	44.377	30.658	29.125	27.669	26.285						
4230 4x2	30 cv	51.562	35.753	33.965	32.267	30.653	29.121	27.665	26.281	24.967	23.719	22.533
4230.4 4x4	30 cv	53.959	37.389	35.519	33.743	32.056						
4230.4 Cargo 4x4	30 cv	48.990	37.477	35.603	33.823	32.132						
5075 4x2	75 cv	86.589	64.272	61.058	58.005	55.105	52.350	49.732				
5075.4 4x4	75 cv	96.030	71.279	67.715	64.329	61.113	58.057	55.154				
5075.4 4x4 Compact	75 cv	93.467										
5085 4x2	85 cv	94.206	69.926	66.430	63.108	59.953	56.955	54.108				
5085.4 4x4	85 cv	102.567	76.133	72.326	68.710	65.274	62.011	58.910				
BX 6110 4x4	105 cv	125.822	92.469	87.845	83.453	79.280						
BX 6150 4x4	140 cv	163.715	117.992	112.092	106.488	101.163	96.105	91.300	86.735	82.398	78.278	74.364
BX 6180 4x4	168 cv	179.766	129.560									

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
Farmall 80 pla*	80 cv	93.000										
Farmall 80 cab*	80 cv	105.000										
Farmall 95 pla*	95 cv	111.861										
Farmall 95 cab*	95 cv	121.923										
Maxxum 110 pla*	110 cv	121.708										
Maxxum 110 cab*	110 cv	144.059										
Maxxum 125 pla*	125 cv	129.597										
Maxxum 125 cab*	125 cv	152.604										
Maxxum 135 pla*	135 cv	148.955										
Maxxum 135 4x4 cab	135 cv	168.382										
Maxxum 150 4x4 pla	150 cv	161.750										
Maxxum 150 cab*	150 cv	181.309										
Maxxum 165 pla*	165 cv	173.821										
Maxxum 165 cab*	165 cv	193.742										
Maxxum 180 pla*	180 cv	186.286										
Maxxum 180 cab*	180 cv	206.207										
MXM Maxxum 135 4x4 cab	137 cv		148.000	118.400	106.560	101.232	96.170	91.361	86.793	82.454	78.331	74.414
MXM Maxxum 150 4x4 cab	149 cv		165.000	132.000	125.400	114.130						
MXM Maxxum 165 4x4 cab	170 cv		181.000	144.800	137.560							
MXM Maxxum 180 4x4 cab	177 cv		198.000	158.400	150.480							
Magnum 220 4x4 cab	220 cv	291.288	199.950	189.952	180.454	171.431	162.860	154.717				
Magnum 240 4x4 cab	240 cv	328.765	233.186	221.527	210.450	199.928	189.931	180.435				
Magnum 270 4x4 cab	270 cv	350.000	247.231	234.869	223.126	211.969	201.371	191.302				
Magnum 305 4x4 cab	305 cv	390.000										



Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
5303 4x2	57 cv	50.500	40.400	38.380								
5303 4x4	57 cv	55.300	44.240	42.028								
5403 4x2	65 cv	53.400	42.720	40.580								
5403 4x4	65 cv	63.200	50.600	48.100								
5403 4x2	75 cv			45.360	43.092	40.937	38.891					
5403 4x4	75 cv			54.000	51.300	48.700	46.290					
5600 4x2	75 cv							36.946	35.099	33.344	31.677	30.093
5600 4x4	75 cv							43.983	41.784	39.695	37.710	35.825
5603 4x2	75 cv	61.200	48.900									
5603 4x4	75 cv	72.800	58.240									
5605 4x2	75 cv	69.900	55.920	53.100	50.400	47.900	45.500	43.200				
5605 4x4	75 cv	75.700	60.500	57.500	54.655	51.900	49.300	46.800				
5700 4x2	85 cv								45.811	43.520	41.344	39.277
5700 4x4	86 cv								51.750	49.163	46.705	44.370
5705 4x2	85 cv	82.000	65.600	62.320	59.204	56.244	53.432	50.760				
5705 4x4	85 cv	88.000	70.400	66.880	63.536	60.359	57.341	54.474				
6300 4x4 SyncroPlus	100cv							59.426	56.455	53.632	50.951	48.403
6300 4x4 SyncroPlus/Cabinado	100cv							69.852	66.359	63.041	59.889	56.895
6300 4x4 PowerQuad	100cv							66.203	62.893	59.748	56.761	
6300 4x4 PowerQuad/Cabinado	100cv							67.203	63.843	60.651	57.618	
6405 4x4 SyncroPlus	106cv					74.283	70.569					
6405 4x4 SyncroPlus/Cabinado	106cv					87.315	82.949	78.802				
6405 4x4 PowerQuad	106cv					82.754	78.616	74.685				
6405 4x4 PowerQuad/Cabinado	106cv					92.921	88.275	83.862				
6415 4x4 SyncroPlus	106cv	114.000	91.200	86.640	82.308	78.193	74.283					
6415 4x4 SyncroPlus/Cabinado	106cv	134.000	107.200	101.840	96.748	91.911	87.315					
6415 4x4 PowerQuad	106cv	127.000	101.600	96.520	91.694	87.109	82.754					
6415 4x4 PowerQuad/Cabinado	106cv	143.000	114.400	108.680	103.246							
6600 4x4 SyncroPlus	121cv							76.243	72.431	68.809	65.369	62.101
6600 4x4 SyncroPlus/Cabinado	121cv							87.795	83.405	79.235	75.273	71.510
6600 4x4 PowerQuad	121cv							82.597	78.467	74.544	70.616	
6600 4x4 PowerQuad/Cabinado	121cv							94.149	89.441	84.969	80.721	
6605 4x4 SyncroPlus	121cv					81.008	76.958	73.110				
6605 4x4 SyncroPlus/Cabinado	121cv					93.282	88.618	84.187				
6605 4x4 PowerQuad	121cv					87.759	83.371	79.203				
6605 4x4 PowerQuad/Cabinado	121cv					100.033	95.031	90.280				
6615 4x4 SyncroPlus	121cv	132.000	105.600	100.320	95.304	90.538	86.012					
6615 4x4 SyncroPlus/Cabinado	121cv	152.000	121.600	115.520	109.744	104.257	99.044					
6615 4x4 PowerQuad	121cv	143.000	114.400	108.680	103.246	98.083	93.179					
6615 4x4 PowerQuad/Cabinado	121cv	163.000	130.400	123.880	117.686	111.801						
7500 4x4 PowerQuad	140cv								89.387	84.918	80.672	76.638
7500 4x4 PowerQuad/Cabinado	140cv								100.561	95.533	90.756	86.218

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
7505 4x4 PowerQuad	140cv					104.257	99.044	94.092				
7505 4x4 PowerQuad/Cabinado	140cv					117.289	111.424	105.853				
7515 4x4 PowerQuad	140cv	160.000	128.000	121.600	115.520	109.744	104.257					
7515 4x4 PowerQuad/Cabinado	140cv	180.000	144.000	136.800	129.960	123.462	117.289					
7715 4x4	182cv	220.000	176.000									
7810 4x4 Importado	200cv								124.950			
7815 4x4 Importado	200cv				166.600							
7815 4x4	202cv	245.000	196.000									
8300 4x4 Importado	240cv											143.848
8400 4x4 Importado	260cv									167.777	159.389	151.419
8410 4x4 Importado	270cv									176.608		
8420 4x4 Importado	280cv				228.240	216.828	205.987	195.687	185.903			
8430 4x4 Importado	310cv	317.000	253.600									

Land Track

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
LT 2804 YTO (s/ cab.)	28 cv	36.800										
LT 8360 YTO (s/ cab.)	28 cv	39.900										
X404 YTO (s/ cab.)	28 cv	45.800										
X904 YTO Turbinado (c/ cab.)	28 cv	100.700										
X1304 YTO (c/ cab.)	28 cv	125.000										
X754 YTO (s/ cab.)	28 cv	68.300										
X804 YTO (c/ cab.)	28 cv	80.000										
X1004 YTO (c/ cab.)	28 cv	98.000										
LT 5504 YTO (c/ cab.)	55 cv	62.900										
LT 754 YTO	75 cv	68.300										
LT 904 YTO	90 cv	90.000										
LT1204 YTO	120 cv	116.000										
LT1304 YTO	130 cv	125.000										

Landini

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
Mistral DT 50 4x4	47cv	66.667	49.600									
Technofarm R60 4x2	58cv	62.800	50.240									
Technofarm DT 60 4x4	58cv	68.900	55.120									
Technofarm DT 75 4x4	68cv	77.000	61.600									
Rex DT 75 4x4	75cv	94.444	69.600									
Globalfarm 100 4x4	97cv	98.500	78.800									
LandPower 140 4x4 plat.	140cv	152.300	116.880	111.036								
LandPower 140 4x4 cab.	140cv	168.000	129.120	122.664								
LandPower 165 4x4 plat.	165cv	156.700	120.320	114.304								
LandPower 165 4x4 cab.	165cv	172.200	132.320	125.704								
LandPower DT 180 plat.	180cv	168.299										
LandPower DT 180 cab.	180cv	183.300										

Massey Ferguson

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
MF 235 4x2	50cv								27.856	26.463	25.140	23.883
MF 250 4x2	50cv								27.856	26.463	25.140	23.883
MF 250 4x4	50cv								30.085	28.580	27.151	25.794
MF 250 XE 4x2 Advanced	50cv	50.000	40.000	38.000	36.100	34.295	32.580	30.951				
MF 250 XE 4x4 Advanced	50cv	54.000	43.200	41.040	38.988	37.038	35.187	33.427				
MF 255 4x2 Advanced	55cv	54.000	43.200	41.040	38.988	37.038	35.187	33.427				
MF 255 4x4 Advanced	55cv	58.000	46.400	44.080	41.876	39.782	37.793	35.903				
MF 265 4x2	65cv								38.548	36.621	34.790	33.050
MF 265 4x4	65cv								40.577	38.548	36.621	34.790
MF 265 4x2 Advanced	65cv		52.440	49.818	47.327	44.960	42.713	40.577				
MF 265 4x4 Advanced	65cv	69.000	55.200	52.440	49.818	47.327	44.961	42.713				
MF 272 4x2	73cv								44.013	41.812	39.721	37.735
MF 272 4x4	73cv								47.355	44.988	42.738	40.601
MF 275 4x2	75cv								44.013	41.812	39.721	37.735
MF 275 4x4	75cv								47.355	44.988	42.738	40.601
MF 275 Advanced 4x2	75cv	79.000	63.200	60.040	57.038	54.186	51.477	48.903				
MF 275 Advanced 4x4	75cv	85.000	68.000	64.600	61.370	58.301	55.386	52.617				
MF 5275 4x2	75cv	79.000	63.200	60.040	57.038	54.186	51.477	48.903	46.458	44.135		
MF 5275 4x4	75cv		64.600	61.370	58.302	55.386	52.617	49.986	47.487	45.113		
MF 283 4x2	83cv								49.584	47.105	44.749	42.512
MF 283 Advanced 4x2	83cv	89.000	71.200	67.640	64.258	61.045	57.993	55.093				

RENOVE FÁCIL A GRANJA



Pague no cartão e tenha vantagens exclusivas!

0800 541 0526

www.agranja.com

ESCOLHA SEU TRATOR

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
MF 5285 4x2	85cv	83.000	66.400	63.080	59.926	56.929	54.083	51.379	48.810	46.370		
MF 5285 4x4	85cv	96.000	76.800	72.960	69.312	65.846	62.554	59.426	56.455	53.632		
MF 290 4x2	85cv	92.000							46.000	43.700	41.515	39.439
MF 290 4x4	85cv								51.255	48.692	46.258	43.945
MF 290 Advanced 4x2	85cv	92.000	73.600	69.920	66.424	63.102	59.948	56.950				
MF 290 Advanced 4x4	85cv	98.000	78.400	74.480	70.756	67.218	63.857	60.664				
MF 5290 Export 4x2	88cv	96.000	76.800	72.960	69.312	65.846	62.554	59.426	56.455	53.632		
MF 5290 Export 4x4	88cv	100.000	80.000	76.000	72.200	68.590	65.161	61.902	58.807	55.867		
MF 292 4x2	102cv								49.000	46.550	44.223	42.011
MF 292 4x4	102cv								60.169	57.161	54.303	51.588
MF 291 Advanced 4x4	105cv	104.000	83.200									
MF 292 Advanced 4x2	105cv		82.080	77.976	74.077	70.373	66.855	63.512				
MF 292 Advanced 4x4	105cv	108.000	86.400	82.080	77.976	74.077	70.373	66.855				
MF 5310 4x4	105cv	112.000	89.600	85.120	80.864	76.820	72.980	69.331	65.864	62.571		
MF 297 4x4	110cv								63.512	60.336	57.320	54.454
MF 297 Advanced 4x4	120cv	117.000	93.600	88.920	84.474	80.250	76.238	72.426				
MF 298 4x4	120cv	130.000										
MF 5320 4x4	120cv	126.000	100.800	95.760	90.972	86.423	82.102	77.997	74.097	70.392		
MF 610 4x4	110cv										57.320	54.454
MF 620 4x4	120cv										57.941	55.044
MF 630 4x4	130cv										70.392	66.873
MF 299 4x4	130cv								77.997	74.097	70.392	66.873
MF 299 Advanced 4x4	130cv	140.000	112.000	106.400	101.080	96.026	91.225	86.663				
MF 650 HD 4x4	138cv	140.000	112.000	106.400	101.080	96.026	91.225	86.663	82.330	78.214	74.303	70.588
MF 660 HD 4x4	150cv	160.000	128.000	121.600	115.520	109.744	104.257	99.044	94.092	89.387		
MF 680 HD 4x4	173cv	190.000	152.000	144.400	137.180	130.321	123.805	117.615	111.734	106.147		
MF 6350 HD 4x4	190cv	200.000	160.000	152.000	144.400							
MF 6360 HD 4x4	220cv	230.000	184.000	174.800	166.060							
MF 7140 Cabinado	140cv	210.000										
MF 7150 Cabinado	150cv	246.000										
MF 7170 Cabinado	170cv	253.000										
MF 7180 Cabinado	180cv	257.000										

New Holland

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
4630 4x2	63cv											28.000
4630 4x4	63cv											37.000
5030 4x2	75cv											29.000
5030 4x4	75cv											38.000
5630 4x2	80cv											31.000
5630 4x4	80cv											40.000
7630 4x2	105cv											35.000
7630 4x4	106cv	108.000	75.000	67.000	61.000	55.000	52.000	50.000	48.000	45.000	42.500	41.000
7830 4x4	112cv										45.000	43.000
8030 4x4	122cv	117.000	78.000	70.000	62.000	56.000	53.000	52.000	49.000	46.000	44.000	43.500
TT 3840 Std	55cv	66.000	46.400	41.700	37.500							
TT 3840 F	55cv	68.000	46.500	41.900	37.900							
TT 3880 F	75cv	75.000	52.500									
TT 4030 Std	75cv	75.000										
TL 60 4x2 E	62cv	68.000	52.800	46.000	44.000							
TL 60 4x4 E	62cv	75.000	68.000	48.000	46.000							
TL 65 4x2 E	61cv					36.000	35.000	33.000	32.000			
TL 65 4x4 E	61cv					45.000	43.000	40.500	39.000			
TL 70 4x2	71cv									30.000	28.000	26.000
TL 70 4x4	71cv									33.000	31.500	30.000
TL 75 4x2 E	75cv	78.000	48.000	44.000	41.000	39.000	37.000	35.000	33.000			
TL 75 4x4 E	75cv	84.000	59.000	54.000	49.000	46.000	45.000	44.000	43.000			
TL 80 4x2	81cv									29.000	27.500	26.500
TL 80 4x4	81cv								43.000	41.000	39.000	37.000
TL 85 4x2 E	90cv	80.245	64.000	47.000	44.000	42.000	39.000	37.000	35.000			
TL 85 4x4 E	90cv	89.000	68.000	60.000	54.000	50.000	48.000	47.000	45.000			
TL 90 4x2	90cv									37.000	35.000	33.000
TL 90 4x4	90cv									43.000	40.000	39.000
TL 95 4x2 E	98cv			49.000	56.000	43.000	40.000	38.000	36.000			
TL 95 4x4 E	98cv	100.000	72.000	65.000	56.000	51.000	49.000	48.000	46.000			
TL 100 4x2	101cv									36.000	34.000	33.000
TL 100 4x4	101cv									43.000	41.000	39.000
TS 90 4x4 Canavieiro	91cv		75.000	69.000	64.000	59.000	55.000	50.000	46.000			
TS 100 4x4	105cv				54.000	52.000	48.000	46.000	44.000	42.000		
TS 110 4x4	109cv			65.000	55.000	53.000	49.500	47.000	44.000	43.000		
TS 120 4x4	120cv			65.000	56.000	54.000	51.000	48.500	46.500	45.000		
TS 6000 Canavieiro	91cv	105.000	73.000									
TS 6020 4x4	111cv	120.000	84.000									
TS 6040 4x4	132cv	134.000	90.000									
TM 110 4x4	110cv										42.000	38.000
TM 120 4x4	120cv										41.000	39.000
TM 130 4x4	130cv										41.000	39.000
TM 135 4x4	137cv		85.000	75.000	70.000	63.000	58.000	55.000	51.000			
TM 135 4x4 E	137cv		83.000	73.000	68.000	62.000	57.000	54.000	50.000			
TM 140 4x4	140cv										48.000	45.000
TM 150 4x4	149cv		90.000	78.000	72.000	65.000	59.000	56.500	54.000			
TM 150 4x4 E	149cv		90.000	76.000	71.000	64.000	58.000	55.000	53.000			
TM 165 4x4	165cv		94.000	89.000	82.000	75.000	69.000	63.000	58.000			
TM 180 4x4	177cv		127.000	112.000	96.000	81.000						
TM 7010 4x4 SPS	141cv	189.886	100.000									
TM 7010 4x4 Plat	141cv	146.154	100.000									
TM 7010 4x4 Exitus	141cv	163.432	100.000									
TM 7020 4x4 SPS	149cv	208.230	110.000									
TM 7020 4x4 Plat	149cv	166.656	110.000	99.000								
TM 7020 4x4 Exitus	149cv	183.394	110.000									
TM 7030 4x4 SPS	168cv	227.707	122.000									
TM 7030 4x4 Plat	168cv	188.425	122.000									
TM 7030 4x4 Exitus	168cv	204.590	122.000									
TM 7040 4x4 SPS	180cv	243.034	133.000									
TM 7040 4x4 Plat	180cv	205.554	133.000	120.000								
TM 7040 4x4 Exitus	180cv	221.269	133.000									
T 7040 4x4 Importado	200cv	270.000	270.000									
T 7060 4x4 Importado	223cv	301.050	301.050									

Tramontini

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
T3230-4 4x4 Série Classic	32cv	49.258	45.429	36.343								
T3230-4 4x4 Série Brasil	32cv	58.812	52.240	41.792								
T3230-4 4x4 Série Classic Frut.	32cv	50.264	43.726	34.980								
T5045-4 4x4 Série Brasil	50cv	73.070	65.230	52.184								
T5045-4 4x4 Série Classic	50cv	61.088	50.000	40.000	38.000	36.100						
T8075-4 4x4 Série Brasil	80cv	101.600										
TTA 18 4x4	18cv	41.452	37.877	35.980	34.180	32.470	30.846	29.300	20.861			

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
585 4x4	47cv	57.983										
685 4x2	61cv	63.574	50.400	47.880	45.486	43.211	41.051	38.999	37.049	35.196	33.436	31.765
685 C	61cv	78.615	57.360	54.492	51.767	49.179	46.720	44.384	42.165	40.057	38.054	36.151
700 4x4	73cv	96.850	77.480	73.606	69.926	66.429	63.108	59.953	56.955	54.107	51.402	48.832
785 4x2	75cv	78.544	56.000	53.200	50.540	48.013	45.612	43.332	41.165	39.107	37.152	35.294
785	75cv	82.726	65.600	62.320	59.204	56.243	53.432	50.760	48.222	45.811	43.520	41.344
800 4x4	80cv	100.100	80.080	76.076	72.272	68.658	65.226	61.964	58.866	55.923	53.127	50.470
885 4x2	84cv									37.152	35.294	33.529
885	84cv									53.127	50.470	47.947
900 4x4	86cv	103.400	82.720	78.584	74.655	70.922	67.376					
985 4x2	103cv									55.610	52.829	50.188
985	103cv									58.881	55.937	53.140
1180	118cv									64.756	61.518	58.442
1280 R	126cv	159.400	127.520	121.144	115.087	109.332	103.866	98.673	93.739	89.052	84.599	80.369
1380	135cv									65.973	62.674	59.541
1580	145cv									78.861	74.918	71.172
1680	150cv									83.242	79.080	75.126
1780	160cv	187.250	149.800	142.310	135.195	128.434	122.013	115.912	110.117	104.611	99.380	94.411
1880	180cv									86.985	82.636	78.504
BF 65 4x2	65cv	63.721	50.400	47.880								
BF 65	65cv	66.000	52.800	50.160								
BF 75 4x2	75cv	68.000	54.400	51.680								
BF 75	75cv	72.050	57.640	54.758								
BH 145	145cv	149.000	119.200	113.240	107.578	102.199	97.089	92.235	87.623			
BH 165	165cv	155.700	124.560	118.332	112.415	106.794	101.455	96.382	91.563			
BH 180	180cv	189.950	151.960	144.362	137.144	130.286	123.772	117.584	111.705			
BH 185 i	185cv	205.950	164.760									
BH 205 i	210cv	239.000										
BL 77 4x2	77cv	80.000	64.000	60.800								
BL 77	77cv	85.000	68.000	64.600								
BL 88 4x2	88cv	84.000	67.200	63.840								
BL 88	88cv	91.000	72.800	69.160								
BM 100 4x4	100cv	111.250	89.000	84.550	80.323	76.306	72.491	68.867	65.423			
BM 110	110cv	119.200	95.360	90.592	86.062	81.759	77.671	73.788	70.098			
BM 120	120cv	122.350	97.880	92.986	88.337	83.919	79.724	75.738	71.951			
BM 125 i	125cv	125.650	99.720	94.734	89.997	85.497	81.223	77.161	73.303			
A 550 4x2	50 cv	57.983										
A 550 4x4	50 cv	63.989										
A 650 4x2	66 cv	63.574										
A 650 4x4	66 cv	78.615										
A 750 4x2	78 cv	78.544										
A 750 4x4	78 cv	82.726										
A 850 4x2	85 cv	80.000										
A 850 4x4	85 cv	85.000										
A 950 4x2	95 cv	84.000										
A 950 4x4	95 cv	91.000										
BT 150	150 cv	216.205										
BT 170	170 cv	224.816										
BT 190	190 cv	242.980										
BT 210	215 cv	261.931										

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
1030 Standard 4x2	26cv	50.266	31.304	29.739	28.251	26.839	25.497	24.000	23.011	21.860	20.768	19.729
1030 Standard 4x4	26cv	55.817	35.263	33.500	31.825	30.234	28.722	27.286	25.922	24.626	23.394	22.225
1145 Standard 4x4	39cv	65.921	40.000	38.000	36.000	34.000	32.000	30.000	28.000			
1145 Standard 4x4 TDFI	39cv	67.765	42.693	40.558	38.530	36.604	34.773	33.035	31.383			
1050 Turbo Completo 4x4	50cv	66.925	43.235	41.073	39.019	37.069	35.215	33.454	31.781	30.192	28.683	27.249
1155 Standard Completo 4x4	55cv	78.503	47.588	45.209	42.949	40.801	38.761	36.823				
1155 Standard Completo SR 4x4	55cv	83.387	50.428	47.907	45.511	43.236	41.074	39.020				
1175 Completo 4x4	75cv	83.071	55.000	50.000	45.000							
1055 STD 4x4	55cv	72.910	46.000	44.000	42.000	40.000	38.000	36.000	34.000	32.000	30.000	28.000

ESCOLHA SUA COLHEITADEIRA

Case IH

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
2366	Axial									285.804	271.514	257.938
2388	Axial						358.000	350.000	340.000	330.000	325.000	320.000
2388 - Especial	Axial	640.000			410.400	389.880						
Axial-Flow - 2388	Axial	722.000	650.000	580.000								
Axial-Flow - 2399	Axial	784.000	520.000	494.000								
Axial-Flow - 8120	Axial	990.000	680.000									
Axial-Flow - 2688 Special	Axial	640.000										
Axial-Flow - 2688	Axial	722.000										
Axial-Flow - 2799	Axial	784.000										



Modelo	Separação	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
1165	4 - Saca-palhas		197.280	187.416	178.045	169.143	160.686	152.652	145.019	137.768	130.880	124.336
1175 Arrozadeira/Esteira/19 pés	5 - Saca-palhas	310.000	248.000	235.600	223.820	212.629	201.998	191.898	182.303	173.188	164.528	156.302
1175 Básica/16 pés	5 - Saca-palhas	274.000	219.200	208.240	197.828	187.937	178.540	169.613	161.132	153.076	145.422	138.151
1175 Básica/Cabinada/16 pés	5 - Saca-palhas	303.000	242.400	230.280	218.766	207.828	197.436	187.564	178.186	169.277	160.813	152.772
1175 Hydro/19 pés	5 - Saca-palhas	314.000	251.200	238.640	226.708	215.373	204.604	194.374	184.655	175.422	166.651	158.319
1175 Hydro/Cabinada/19 pés	5 - Saca-palhas	334.000	267.200	253.840	241.148	229.091	217.636	206.754	196.417	186.596	177.266	168.403
1185 Hydro/Cabinada/19 pés	6 - Saca-palhas									177.266	168.403	159.983
1185 Hydro/Cabinada/23 pés	6 - Saca-palhas									198.475	188.551	179.124

ESCOLHA SUA COLHEITADEIRA

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	
1450 Arroeira/Cab/Hydro/Esteira	5 - Saca-palhas			302.400	287.280	272.916	259.270	246.307	233.991	222.292			
1450 Hydro/Cabinada/18 pés	5 - Saca-palhas	378.000	302.400	287.280	272.916	259.270	246.307	233.991	222.292				
1450 Tração/Plataforma/20 pés	5 - Saca-palhas	386.000	308.800	293.360	278.692	264.757	251.520	238.944	226.996				
1550 Hydro/Cabinada/20 pés	6 - Saca-palhas	445.000	356.000	338.200	321.290	305.226	289.964	275.466	261.693				
1550 Hydro/Cabinada/22 pés	6 - Saca-palhas	450.000	360.000	342.000	324.900	308.655	293.222	278.561	264.633				
9650 CTS - Arroeira - Importada	Axial									211.177	200.618	190.587	181.058
9650 STS 25 pés	Axial	635.000	508.000	482.600	458.470	435.547	413.769	393.081					
9650 STS 30 pés	Axial	645.000	516.000	490.200	465.690	442.406	420.285	399.271					
9660 CTS - Arroeira - Importada	Axial						420.285	399.271	379.307				
9670 STS - Arroeira - Importada	Axial	550.000											
9750 STS 30 pés	Axial	690.000	552.000	524.400	498.180	473.271	449.607	427.127					

Massey Ferguson

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
5650	5 - Saca-palhas					194.940	185.193	175.933	167.137	158.780	150.841	143.299
5650 Advanced	5 - Saca-palhas	300.000	240.000	228.000	216.600							
6855	6 - Saca-palhas											136.134
6855 Hydro	6 - Saca-palhas									209.000	198.550	188.623
MF - 32 Advanced	5 - Saca-palhas	380.000										
MF - 34	5 - Saca-palhas					292.410	277.790	263.900	250.705			
MF - 34 Advanced	5 - Saca-palhas	450.000	360.000	342.000	324.900							
MF - 38	6 - Saca-palhas	500.000	400.000	380.000	361.000	342.950	325.803	309.512	294.037			
MF - 9790 - ATR	Axial	690.000										

New Holland

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
TC - 55 15 pés	4 - Saca-palhas			225.000	204.000	185.000	168.000	151.000	139.000	127.000	115.000	105.000
TC - 57/5070 17 pés	5 - Saca-palhas	340.000	280.000	260.000	232.000	209.500	188.000	169.000	158.000	150.000	142.000	135.000
TC - 57/5070 20 pés	5 - Saca-palhas	360.000	290.000	262.000	233.000	210.000	189.000	170.000	161.000	153.000	145.000	138.000
TC - 59 19 pés	6 - Saca-palhas		337.000	310.000	275.000	247.000	222.000	200.000	190.000	180.000	171.000	162.000
TC - 59 23 pés	6 - Saca-palhas		344.000	315.000	283.000	255.000	230.000	207.000	196.000	186.000	177.000	168.000
TC - 5090 19 pés	6 - Saca-palhas	421.000										
TC - 5090 20 pés	6 - Saca-palhas	440.000		350.000								
TC - 5090 25 pés	6 - Saca-palhas	450.000										
CS - 660 30 pés	6 - Saca-palhas	500.000		370.000	320.000	300.000						
CR - 9060 30 pés	Duplo rotor	650.000										
CR - 9060 35 pés	Duplo rotor	680.000										

Valtra

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
BC - 4500	5 - Saca-palhas	320.000	256.000									
BC - 7500	Axial	650.000										
BC - 6500	305 cv	350.000										

ESCOLHA SUA COLHEDEIRA DE ALGODÃO

Case IH

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
420 Cotton Express 4x4	264cv	US\$ 298.000	238.000									
620 Cotton Express 4x4	368cv	US\$ 368.000	294.000									
625 Cotton Express	370cv	US\$ 503.000	402.000									



Modelo	Potência	Valor da 0Km*	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
9970	253cv	US\$ 300.000	240.000	216.000	194.400	180.000	162.000	145.800	131.220	129.000	127.000	125.000
9996	355cv	US\$ 400.000	320.000									

Montana

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
2805 Cotton Blue	280cv	520.000	416.000	374.400								
2805 Cotton Blue - Algodão Adensado	280cv	450.000										

ESCOLHA SUA COLHEDEIRA DE CANA

Case IH

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
A7000/Pneu	335cv	950.000										
A7700/Esteira	335cv	1.150.000										
A8000/Pneu	360cv	950.000										
A8800/Esteira	360cv	1.150.000										



Modelo	Potência	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
CHT 3510/Esteira	332cv	820.000										
CHW 3510 /Pneu	332cv	890.000										

Santal

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
Santal Tandem SII 6x4 - 2 linhas	336 HP	860.000	730.000	600.000								
Santal Tandem SII 6x4 - 1 linha	336 HP	800.000	680.000	560.000								

Star

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
StarMag CC701 (01 un. c/Kit Muda)	234cv				360.000							
StarMag CC701 (03 unidades)	234cv			400.000								
StarMag CC801	250cv	600.000		480.000								

São José Industrial

www.saojoseindustrial.com.br
vendas@saojoseindustrial.com.br
São José do Inhacorá - RS
(55) 3616-0221
Fax 3535-1794
Cel. 9999-0358

TANQUES, PLATAFORMAS E ROÇADEIRAS



ARADOS, DISTRIBUIDORES, GRAMPOS, GUINCHOS E TOLDOS



TRITURADORES, PICADORES, ENSILADEIRAS E DEBULHADORES



COMPRE PELO PROGRAMA E CARTÃO



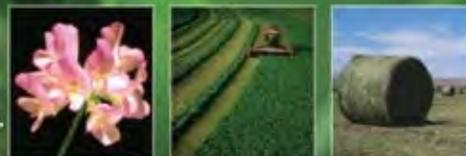
DE 7 A 11 DE FEVEREIRO DE 2011
VISITE SHOW RURAL COOPAVEL
E CONHEÇA A INDÚSTRIA DE IMPLEMENTOS
QUE GARANTEM BENEFÍCIOS PARA O PRODUTOR.

Alfafa Seedco.

Sementes forrageiras que garantem
qualidade no seu campo.

Alfafa Crioula - Alfafa Seedar 80 - Alfafa Monarca

Sementes incrustadas (peletizadas) inoculadas e tratadas com fungicidas.



www.seedco.com.br

Av. Missões, 98 • Navegantes • CEP 90230-100 • Porto Alegre / RS
+55 51 3072.5588 • comercial@seedco.com.br

seedco
brasil



Comboio de Lubrificação

Se tempo é dinheiro, não perca tempo, otimize seu trabalho com os comboios de lubrificação Sodertraco.



Kit de Abastecimento de Combustível

Proteção certa para o combustível e para o meio ambiente, de acordo com as exigências da legislação ambiental.



Distribuidor de Esterco Líquido Sodertraco

Garantia, durabilidade, versatilidade acoplado em chassis de caminhão ou reboque para trator.

Sodertraco Indústria e Comércio de Máquinas e Implementos Agrícolas Ltda. Fone / fax : (54) 3331-5096 - sodertraco@sodertraco.com.br - www.sodertraco.com.br

Quer comprar ou vender
uma propriedade no
campo ou na cidade?

Anuncie no AGROGUIA!

Fone (51) 3233.1822 - e-mail: agroguia@agranja.com

METALÚRGICA SCARABELOT

19 anos
trabalhando com
você e por você!

www.metalurgicascarabelot.com.br

Sociedade Limitada
Valcir Scarabelot (48) 9985-2644 mslscarabelot@hotmail.com





METALÚRGICA QUATRO IRMÃOS LTDA.

IND. COM. DE MÁQ. E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS

RUA DR. BOZZANO, 71 - COHAB - FONE: (51) 3671.2066 - CEL.: (51) 9984.0763
FONE/FAX: (51) 3671.1350 - CEP 96180-000 - CAMAQUÁ - RS - BRASIL
e-mail: metalurgicaquatroirmaos@yahoo.com.br

Tecnologia a serviço da lavoura!



ROLO FACA ARROZEIRO RELECCIONAL



PLAINA NIVELADORA



TAIPADEIRA DE SOLO



GUINCHO FRONTAL 2000 TON.



REBOQUE PARA COLHEITADEIRA



PLAINA



PLAINA A LASER POSISTEMATIZAÇÃO



FECHA E DESMANCHA TAIPA



REBOQUE PARA PLANTADEIRA



ROLO COMPACTADOR FRIZADO



REBOQUE C/ TRUCK OSCILANTE P. SEMEADORA



BOMBA PARA IRRIGAÇÃO SUBMERSA



BOMBA PARA IRRIGAÇÃO



RODA MEIA CAIOLA E LENTILHADA



CARRETA AGRÍCOLA 4 TON. HIDRÁULICA

www.metquatroirmaos.com.br

Cornichão Seedco.

Sementes forrageiras que garantem
qualidade no seu campo.



Sementes de Cornichão Seedco.
Qualidade para sua produção crescer mais.

www.seedco.com.br

Av. Missões, 98 • Navegantes • CEP 90230-100 • Porto Alegre / RS
+55 51 3072.5588 • comercial@seedco.com.br

seedco
brasil



RAABE CALCÁREOS LTDA.

**PARA AUMENTO DE PRODUÇÃO
CALCÁRIO É A SOLUÇÃO**

VENDAS: (51) 32256670 / 32263474 / 96412340 / 99963129 / 37341113

Anuncie no **AGROGUIA**

agroguia@agranja.com

(51) 3233.1822

Av. Getúlio Vargas 1526, Porto Alegre - RS

www.agranja.com



 <p>Triturador Super 700 Triturador para cama de aviário. "Único no mercado com variador de 6 posições de velocidade, com 840RPM nas navalhas, 4 comandos."</p>	 <p>Segadeira para Trator Corta qualquer tipo de pastagem e cama de açúcar. Potência requerida de 15 cv, alta produtividade, com 2 barras de corte (até 2 metros), corta qualquer tipo de pastagem e cama-de-açúcar.</p>	 <p>Motosegadeira M05 gelo-zero a diesel. "Para corte de grama e arbustos, giro-zero motor de 10hp a diesel com partida elétrica, 3 velocidades."</p>	 <p>Motosegadeira M03-L para corte de pastagens e feno. "Alta produtividade, corta qualquer tipo de pastagem e feno, motor a diesel, 6 velocidades."</p>
--	--	---	--

Finardi Indústria e Comércio de Máquinas Agrícolas Ltda. - Tel: (45) 3244-1147 - www.agrofin.com.br



**AGROGUIA
A CERTEZA
DE BONS
NEGÓCIOS!**



www.agranja.com
agroguia@agranja.com

Feiras - Exposições - Compra e Venda de Máquinas e Implementos
Anuncie no Agroguia - Fone : (51) 3233-1822

FENOSUL

COMERCIAL AGRÍCOLA LTDA

Equipamentos e peças para fenação e silagem.



Distribuidor exclusivo **CISNEL**
para o Rio Grande do Sul



FIOS E CORDAS DE SIAL
CISNEL
COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE SIAL NORDESTE LTDA
WWW.CISNEL.COM.BR



FENOSUL

Fone: (54) 3330-1262 / (54) 3330-1660 | www.fenosul.com.br

TECECOM¹⁰

POWER



Melhore o diesel com o

OTIMIZADOR[®] DE COMBUSTÍVEIS

Potência máxima e alto desempenho para o combustível de caminhões, tratores e motores a diesel



10 PRINCIPAIS BENEFÍCIOS

- 1 Dispersa totalmente a água
- 2 Efeito detergente
- 3 Melhora o índice de viscosidade
- 4 Anticorrosivo
- 5 Bactericida
- 6 Reduz a emissão de gases poluentes
- 7 Ação anticongelante
- 8 Reduz os custos de manutenção e prolonga a vida útil dos equipamentos
- 9 Estabiliza o processo de combustão
- 10 Reduz o consumo de combustível



ACESSE: WWW.RELUB.COM.BR

Rua : Corrêa Lima, 1.575 - Porto Alegre - RS - CEP: 90850-250 - Fones: (51) 3233.3787/ 3233.6954

Trevo Branco e Vermelho Seedco.

Sementes forrageiras que garantem qualidade no seu campo.



Sementes de Trevo
Branco e Vermelho da Seedco.

www.seedco.com.br

Av. Missões, 98 • Navegantes • CEP 90230-100 • Porto Alegre / RS
+55 51 3072.5588 • comercial@seedco.com.br

seedco
brasil

AGROPECUÁRIAS

Agropecuária Guri Ltda
Fone: (67) 9987-1224 / (67) 8156-7160 e-mail agropuri@hotmail.com Rua Baltazar Saldanha, 14 – Centro – Ponta Porã/MS CEP: 79900-000

SEMENTES EM GERAL

Alfa Pesquisas e Sementes Ltda Fone : (62) 3553-1404 E-mail : agropiantasementes@hotmail.com Cx.Postal: 42 Hidrolândia / GO CEP: 75340-970

Sementes Gobbo Ltda Fone: (67) 3286-1345 Rua Pedro Celestino, 1243 Camapuã / MS CEP:79420-000

Sementes de milho, sorgo patejo e brachiaria peletizada pelo melhor preço dentro do RS. Atendimento pelo fone : (55) 8127-7511

com Daniel. Santa Rosa/RS.

SERVIÇOS

APAGRI Consultoria Agrônômica Ltda. Agricultura de precisão, imagens de satélite e equipamentos para todo o Brasil. Fone: (19) 3422-3699 apagri@apagri.com.br Piracicaba/SP

Flamma Lubrificantes Ltda. Automotivos, industriais e especiais dist. autorizado Ipiranga. Fone : (54) 3229-2233 flamma.lub@uol.com.br Matriz: Caxias do Sul / Filiais: Ijuí e Passo Fundo/RS.

TRATORES E IMPLEMENTOS

M.A Máquinas -Liquidação de: Colhedeiças usadas Mod. 6200 marca SLC com plataforma corte, valor R\$ 25.000,00 à vista cada. Contato Cezar, fone: (44) 3528.4142 Assis Chateaubriand/PR.

OUTROS

Atenção - Curso técnico agropecuário gratuito. Informações: Escola agrícola de Garça. Fone: (14) 3406-1296, www.escolaagricoladegarca.com.br E-mail: coord_ped@hotmail.com Garça/SP.

Comercial Porfírio e Representações Ltda Venda de produtos agropecuários Fone : (69) 3423-5660 Fax: (69) 3423-5532. porfirio-piassa@uol.com.br Av Vila Gran Cabrita, 834 Ji-Paraná /RO CEP: 76908-018

FAZU – Faculdades Associadas de Uberaba - 35 anos construindo carreiras de sucesso. Estrutura física, qualidade de ensino e cursos renomados. Fone: 0800.343033 www.fazu.br

Inst. Fed. Catarinense Campus Rio do Sul ofere

rece cursos gratuitos de agronomia, ciência da computação e licenciaturas em matemática, física e informática. Inf.site www.ifc-riodosul.edu.br e fone (47) 3531-3700 Rio do Sul/SC.

Morinaga Agrícola Comercialização de milho de pipoca, sementes de soja e caroço de algodão. Escritório Brasília / DF Fone: (61) 3361.9929 com Charliane contato@morinaga.agr.br Empresa Correntina / BA.

MCA: Treinamentos e consultoria em floresta e integração lavoura, pecuária e florestas – ILPF. www.mcagroflorestal.com.br Fone : (41) 9198-6256 Curitiba / PR.

ANUNCIE NO AGROGUIA
(51) 3233-1822
agroguia@agranja.com



O BRASIL AGRÍCOLA
agranja

www.agranja.com

Conheça o novo web site do Brasil Agrícola
clique e descubra o mundo
de informações

Agroguia / Matérias Atualizadas / Revistas A Granja e AG
Cotações/ Previsão do Tempo / Produtos e Serviços/ Agenda de Eventos

Manutec
Máquinas e Equipamentos Agroindustriais

Empilhadeira para sacaria

Sugador de grãos

SERRAS E FRESCADOR PARA LINHAZAS DE CEREJAS

IJUÍ - RS
Rua Alad Galvão, 851
Tel.: 418
(51) 3325-7280
manutec_ijui@manutec.com.br
www.manutec.com.br

SERRARIAS PORTÁTEIS
Práticas, econômicas e eficientes

ECOSERRA FLEX
Autonomia extra por 120 minutos de trabalho a 100% de potência e economia de energia elétrica. Possui um sistema de manutenção e limpeza de fácil acesso.

ECOSERRA FITA
Serra fita, com 120 minutos de autonomia de trabalho, é econômica e eficiente. Possui um sistema de manutenção e limpeza de fácil acesso.

A máquina para trabalhar com segurança e grande eficiência. A lâmina é feita de aço com tratamento especial.

LUCAS MILL
www.serrariaportatil.com.br

Lucas Mill Brasil Ltda
SHEN CA 01 Lote 4 Bloco A sala 321 - Cep 71303-001 - Brasília - DF
01 3488-4215 - vend@quoragroupportatil.com.br

Alfafa
Feno e Silagem

ALFAFA E FENO PRÉ-SECADO - FONE (51) 8406.2276
ENTREGAMOS SOMENTE NO RS

**RATOS?
MORCEGOS?**

EX-RATTER

TECNOLOGIA ULTRA-SÔNICA
CONTRA RATOS E MORCEGOS

Equipamento de ultra-som com tecnologia japonesa: sem similar no Brasil.

BRASTÉCNICA
Tel.: (35) 3292-1889
Fax.: (35) 3292-1320
Caixa Postal 101 - Cep 37130-000
Alferias - MG
btc@brastecnica.com.br
www.brastecnica.com.br

CIMAB
Madeiras Tratadas

Decks - Pergolados - Quiosques - Galpões - Praças
Jardins - Linha Rural - Postes - Construção Civil.

Fone: (51) 3652 1155
www.cimab.com.br

Rodovia BR 290 - KM 172 - Butiá / RS

BBS Fone: 0800.051-5545
(55)3332-8020

B.B.S. BOLSA BRASILEIRA DE SEMENTES LTDA
RS 155 - KM 2,0 - IJUÍ - RS
CEP: 98700-000
E-MAIL: bbs@bbssementes.com.br

1. Forageiras de Inverno: Aveia Branca, Aveia Preta, Azevém, Ervilhaca e Nabo
2. Forageiras de Verão: Brachiarias, Aruana, Sudão, Sorgo e Milheto
3. Forageiras Perenes: Trevos, Alfafa e Cornichão
4. Cereais: Aveia Branca Ind-descascada, Girassol Cartamo, Arroz Cateto, Sorgo, Painço, Linhaça e etc.

"Mais alternativas a sua medida"

METALFOR



Araucária

MULTIPLE
3000 AB

MULTIPLE
2500 AB



Futura 2200 AB

COMPROMISSO COM SUA RENTABILIDADE

METALFOR DO BRASIL - Italfor Ind. e Com. Maq. Agric. Ltda. Rua Anna Scremin, 300 - Distrito Industrial - CEP 84.043-465 - Ponta Grossa - PR - Brasil - Tel/Fax: (42) 3228-3100 - www.metalfor.com.br - metalfor@metalfor.com.br

BUSCAMOS A MÁXIMA RENTABILIDADE PARA SUA LAVOURA. E ISSO É SÓ O COMEÇO.

COLHEITADEIRAS AXIAIS MASSEY FERGUSON. TECNOLOGIA AO LADO DO PRODUTOR.



MASSEY FERGUSON



Trabalhando com você.

DEZ



* Consulte a cobertura da garantia com as concessionárias Massey Ferguson.



Exclusivo
acionamento
hidrostático
do rotor



Sistema de
limpeza Max-Flow.
Grãos mais limpos
e melhores

MF9690 | 305cv
MF9790 | 355cv

2 modelos